

Tecnologias e leitura em ambiente escolar: ler hoje – que des@fios?

Márcia da Silva Pinto

**Mestrado em Estudos da Língua Portuguesa:
Investigação e Ensino**

Universidade Aberta

Porto 2015

Tecnologias e leitura em ambiente escolar: ler hoje – que des@fios?

Márcia da Silva Pinto

**Mestrado em Estudos da Língua Portuguesa:
Investigação e Ensino**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Helena

Bárbara Dias

2015



RESUMO

A presente dissertação de mestrado intitulada *Tecnologias e leitura em ambiente escolar: ler hoje – que des@fios?*, englobando duas temáticas muito debatidas e atuais – as tecnologias e o ensino e a aprendizagem da leitura literária – tem como objetivo central explorar as mais recentes inovações tecnológicas – Web 2.0, Web 2.0 Móvel, ferramentas, serviços e aplicações – e o audiovisual (audiolivros e adaptações cinematográficas de obras literárias) ao serviço da promoção e divulgação da leitura literária em contexto educativo.

Nesse sentido, é apresentada uma proposta de projeto de leitura *online* (*e-leitura*), disponível como protótipo em <http://escolamoodle.ccems.pt/course/view.php?id=160>, recorrendo essencialmente a: (i) um sistema Moodle, a porta de entrada para o projeto, facultado por grande parte das escolas do país; (ii) *e-books* gratuitos disponíveis na rede; (iii) bibliotecas digitais, nacionais ou não; (iv) aplicações de leitura de *e-books* para computadores ou dispositivos móveis; (v) *audiobooks* gratuitos *online*; e (vi) recursos audiovisuais (em DVD/*Blu-ray* e no *YouTube*), que divulguem a literatura nacional ou de expressão em Língua Portuguesa e promovam o contacto dos estudantes/leitores com os textos, os autores e a sua obra, para que se encontrem literariamente e desenvolvam um projeto de leitura pessoal sólido e duradouro.

Palavras-chave:

Tecnologias da Informação e Comunicação; Web 2.0 e Web 2.0 Móvel; Ensino e Aprendizagem em Língua e Literatura Portuguesas; Leitura Literária e *E-leitura*.

ABSTRACT

The present Master's dissertation entitled **Technologies and Reading in School: Reading Today – What Ch@llenges?**, covers two subjects which are very much under discussion these days – technologies and the teaching and learning of literary reading – has as its central objective the exploration of the most recent technological innovations – Web 2.0, Web 2.0 Mobile, tools, services and applications – and the audiovisual (audiobooks and cinematic adaptations of literary works) in the service of the promotion and propagation of literary reading in the educational context.

In this sense, a proposal for an online reading project (e-reading) is presented, available as prototype in <http://escolamoodle.ccems.pt/course/view.php?id=160>, essentially using the: (i) Moodle system, the gateway to the project, already provided by most of the country's schools; (ii) free e-books available on the network; (iii) digital libraries, national or not national; (iv) reading *applications* of e-books for computers or mobile devices; (v) free online audiobooks; and (vi) audiovisual resources (DVD/Blu-ray and on YouTube) which divulge national literature or of expression in Portuguese Language and promote contact between the pupils/readers and the texts, the authors and their texts, so they find themselves literarily and develop a solid and lasting project of personal reading.

Keywords:

Information and Communication Technologies; Web 2.0 and Mobile Web 2.0; Teaching and Learning of the Portuguese Language and Literature; Literary Reading and E-reading.

Aos apaixonados pela Vida.

Aos apaixonados por Literatura.

Aos apaixonados por Leitura.

AGRADECIMENTOS

À família e amigos que me apoiam, me ouvem, me compreendem e me fazem ser quem hoje sou.

Obrigada!

Em especial à minha afilhada Ema por todos os sorrisos e abraços doces. Embora não o saiba, por ser ainda criança, é quem me dá força e não me deixa desistir ou ceder às pedras “no meio do caminho”.

Obrigada, querida!

À Universidade Aberta pelo inovador projeto, pela qualidade de serviços e organização e, principalmente, excelência profissional que oferece a todos os seus *e-alunos*.

Obrigada!

A todos os *e-docentes* que me acompanharam no primeiro e segundo semestres do curso de Mestrado pela oportunidade de debate, de reflexão e partilha de saberes no âmbito da investigação e do ensino da Língua Portuguesa.

Muito obrigada!

Por fim, muito em particular à Dra. Helena Bárbara Dias por todo o carinho, atenção, apoio, compreensão e, especialmente, exigência e rigor que imprimiu ao trabalho desenvolvido ao longo dos últimos meses. Obrigada por estar sempre “do outro lado” do ecrã, por acreditar em mim e no presente trabalho!

Um obrigada sincero!

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,/ Muda-se o ser, muda-se a confiança:
Todo o mundo é composto de **mudança**,/ Tomando sempre novas qualidades.*

Luís Vaz de Camões

[negrito da autora]

*Educar os alunos para o futuro é educá-los para a **mudança**...*

Adelina Moura

[negrito da autora]

*It is not the strongest of the species that survives, nor the most intelligent, but the one most responsive to
change.*

Charles Darwin

[negrito da autora]

ÍNDICE

0	INTRODUÇÃO	1
0.1	Enquadramento geral e relevância da investigação	2
0.2	A pertinência da questão e objetivos do estudo/investigação	7
0.2.1	Objetivos específicos	10
0.3	Metodologia e instrumentos para recolha de dados	11
0.4	Estrutura do estudo.....	15
1	POTENCIALIDADES DA WEB E WEB MÓVEL NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM	17
1.1	O século XXI e a sociedade do digital – o que mudou?	17
1.2	O ensino e a aprendizagem e a nova geração digital – que desafios?.....	24
1.3	A Web 2.0 e a Web 2.0 Móvel – de utilizador/consumidor a utilizador/produtor...	31
1.4	Modalidades de ensino <i>online</i>	39
1.5	A geração <i>touchscreen</i>	43
2	A LEITURA LITERÁRIA HOJE	53
2.1	O valor da leitura literária – por que ler hoje?	53
2.2	O papel da Escola e do professor atual na promoção da leitura literária	60
2.3	A Web 2.0 e a leitura literária (vantagens e/ou limitações)	64
2.4	Uma nova era – um novo rumo: o <i>e-book</i> e a <i>e-leitura</i>	71
3	ENQUADRAMENTO TEÓRICO	79
3.1	O Moodle – ambiente colaborativo de aprendizagem para a Língua e Literatura Portuguesas	80
3.2	Ferramentas e aplicações na Web 2.0	86
3.2.1	Fóruns e <i>Chats</i>	87
3.2.2	Leitores eletrónicos ou <i>e-books readers</i>	89
3.2.3	<i>Audiobooks</i>	93
3.2.4	O vídeo em DVD/ <i>Blu-ray</i> e no <i>YouTube</i>	98

4	O PROJETO <i>EU LEIO</i>, @<i>QUI E</i> @<i>AGORA</i>	104
4.1	Procedimentos prévios para a <i>e-leitura</i>	105
4.2	As ferramentas Web 2.0 e Web 2.0 Móvel enquanto potenciadoras da leitura literária <i>online</i>	108
4.2.1	Moodle – Sistema de Gestão da Aprendizagem (SGA)	114
4.2.2	<i>E-book</i> – nova(s) forma(s) de ler	116
4.2.3	Fóruns e <i>chats</i> e o desenvolvimento da competência comunicativa	118
4.2.4	<i>Wikis</i> e o trabalho colaborativo.....	120
4.2.5	Suporte vídeo e adaptações cinematográficas	122
4.3	Notas finais.....	125
4.4	Limitações espectáveis de implementação.....	127
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
6	BIBLIOGRAFIA	132
7	ANEXOS	146

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura: 2.1 – a Web 2.0 social e colaborativa.....	31
Figura: 2.2 – aplicações da Web 2.0.....	33
Figura: 2.3 – a evolução da Web	34
Figura: 3.1 – imagem de uma biblioteca <i>online</i>	68
Figura: 4.1 – imagem da aplicação Moodle Mobile para dispositivos móveis.....	86
Figura: 4.2 – algumas aplicações de <i>e-leitura</i>	91
Figura: 4.3 – página oficial da audible.com da <i>Amazon</i>	94
Figura: 4.4 – página inicial do <i>LibriVox</i>	95
Figura: 4.5 – algumas aplicações para audição de <i>audiobooks</i>	97
Figura: 4.6 - Página inicial do <i>YouTube</i>	100
Figura: 4.7 – criação de vídeos no <i>YouTube</i>	101
Figura: 4.8 – “O meu canal” no <i>YouTube</i>	102
Figura: 5.1 – apresentação oficial do projeto de <i>e-leitura</i> pela <i>escolaMoodle</i> do Centro de Competência “Entre Mar e Serra” (CCEMS).....	106
Figura: 5.2 – página oficial do projeto de <i>e-leitura</i> <i>Eu leio, @qui e @gora</i>	107
Figura: 5.3 – exemplo do primeiro tópico/”paragem” a efetuar.....	110
Figura: 5.4 – exemplo do segundo tópico/”paragem” literária possível.....	111
Figura: 5.5 – exemplo dos escritores em destaque na viagem pelo Douro.....	111
Figura: 5.6 – exemplo da atualização de notícias sobre prémios literários, escritores e/ou eventos literários	115
Figura: 5.7 – exemplo de um <i>e-book</i>	116
Figura: 5.8 – exemplo de uma biblioteca digital disponível <i>online</i>	116
Figura: 5.9 – exemplo de um fórum disponibilizado no projeto <i>Eu leio, @aqui e @agora</i>	118
Figura: 5.10 – exemplo de um <i>chat</i> disponibilizado no projeto de <i>e-leitura</i>	119
Figura: 5.11 – exemplo de uma atividade colaborativa disponível no projeto, “Em torno de Eça de Queirós...”	120
Figura: 5.12 – exemplo de uma tarefa final disponível no projeto: “Palavras que não se esquecem (o texto do mês)”.....	122
Figura: 5.13 – exemplos de textos disponíveis para pesquisa ou leitura complementar ...	122

Figura: 5.14 – exemplo de uma adaptação cinematográfica partindo de uma obra literária, disponibilizada na página do projeto	123
Figura: 5.15 – exemplo de um fórum sobre a adaptação da obra <i>Os Maias</i> , por João Botelho, disponibilizado no projeto de <i>e-leitura</i>	125

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

APP – Aplicação Móvel

BYOD – *Bring Your Own Device*/ Traz o teu próprio dispositivo

CMC – Comunicação Mediada por Computador

CD-ROM – *Compact Disc Read-Only Memory*/ Disco Compacto-Memória Somente de Leitura

CRIE – Equipa de Missão Computadores, Redes e *Internet* na Escola do Ministério da Educação

DOC/DOCX – Extensão de documentos em formato *Word*

DVD – *Digital Versatile Disc*/ Disco Digital Versátil

EaD – Ensino a Distância

EPUB – *Electronic Publication*/ Publicação Eletrónica

GB – *Gigabytes*

GEPE – Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação

HTML – *HyperText Markup Language*/ Linguagem de Marcação de Hipertexto

LM – Língua Materna

LMS – *Learning Management System*/ Sistema de Gestão da Aprendizagem (SGA)

LP – Língua Portuguesa

MOBI – Extensão de documentos disponibilizados pela *Kindle*

PC – *Personal Computer*/ Computador Pessoal

PDA – *Personal Digital Assistants* /Assistente Pessoal Digital

PDF – *Portable Document Format*

SGA – Sistema de Gestão da Aprendizagem

SMS – *Short Message Service*/ Serviço de Mensagens Curtas

SSD – *Solid-State Drive*/ Unidade de Estado Sólido

TB – *Terabyte*

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

WEB ou WWW – *World Wide Web*/ Sistema hipertextual que opera através da *Internet*

WAP – *Wireless Application Protocol*/ Protocolo para Aplicações sem Fios

0. INTRODUÇÃO

0.1. Enquadramento geral e relevância da investigação

0.2. A pertinência da questão e objetivos do estudo/investigação

0.2.1. Objetivos específicos

0.3. Metodologia e instrumentos para recolha de dados

0.4. Estrutura do estudo

0 INTRODUÇÃO

Hoje, as escolas já não têm muros nem quatro paredes. São espaços abertos e interativos de aprendizagem.

Adelina Moura (2005b: 06)

Fruto da *mudança* dos “tempos” que Camões refere, na atual era da Globalização e da Sociedade da Informação e Comunicação, os estudantes são hoje “nativos digitais” (Prensky, 2001), ou seja, nasceram com/na tecnologia e sentem-se cómodos com ela. Faz parte da sua vida e das suas formas de relacionamento, alterando em muito a sua forma de ser, de estar e de fazer (“...as vontades...”). O mesmo acontece com a população em geral, que se adaptou e vai adaptando: no trabalho, em casa e em praticamente qualquer local o Homem é confrontado constantemente com um conjunto de ferramentas e atividades suportadas pelas tecnologias que usa ora como informação, comunicação, acesso a serviços, compras ou, vulgarmente, como entretenimento.

Concomitantemente, em contexto escolar e educacional, desde sempre também o ensino se apoiou em suportes, ferramentas e tecnologias diversas, mais prementes, porém, no contexto atual do ensino e da aprendizagem, no contexto da sociedade digital e interativa, dada a emergência e relevo atribuídos hoje às tecnologias (computador/*internet*, televisão, cinema, vídeo...), sob pena de ser esmagado pela velocidade da avalanche de mudanças em curso.

Quer estudantes quer professores conhecem e usam frequentemente a tecnologia ora como suporte/apoio ao trabalho a desenvolver, seja pelo simples recurso ao processador de texto, pelo recurso à *internet*, ora como fonte de acesso a comunidades sociais virtuais ou comunidades virtuais de aprendizagem em rede. Inserida no processo de ensino e de

aprendizagem, a tecnologia é aceite pelos estudantes e transforma a escola num ambiente propício à aprendizagem e à valorização de si mesmos e do Outro.

É já um facto que a modernidade alterou o paradigma da Educação e a *mudança* trouxe consigo novos suportes de apoio ao ensino e à aprendizagem, desenvolvendo novos saberes e competências. Pc's, *netbooks*, *PDA's*, *IPad's*, *smartphones*, *tablets*, *phablets*, entre outros, coabitam tranquilamente com livros, cadernos, fichas, quadros, lápis, marcadores e todo o tipo de materiais tradicionais auxiliares ao processo do ensino e da aprendizagem, embora sejam ainda estes últimos que dominam o contexto escolar nacional presente. Todavia, pelas tecnologias aprende-se com outro gosto ou vontade, trabalha-se de forma interativa, dinâmica e colaborativa, no *habitat* natural dos estudantes – a geração digital que nasceu e vive com a tecnologia. Como nativos digitais, os jovens aceitam facilmente a tecnologia nas escolas, vendo nela uma aliada às suas aprendizagens.

As tecnologias proliferam na atualidade e estão presentes não só na escola, mas em casa, no trabalho, em organizações ou instituições públicas e privadas, ligando o ser humano em rede à escala mundial, criando comunidades sociais virtuais, incentivando a comunicação e a interação e promovendo o desenvolvimento de competências linguísticas, comunicativas, interculturais, sociais, técnicas e tecnológicas.

Neste sentido, neste tópico inicial, e por o tema base ser “as tecnologias e a leitura em ambiente escolar”, são apresentadas (i) as razões e motivações do estudo, (ii) o problema e as questões de investigação que orientam a dissertação e (iii) expostos os objetivos do trabalho.

0.1 Enquadramento geral e relevância da investigação

“Lemos porque, mesmo se ler não é imprescindível para se viver, a vida se torna mais livre, mais clara, mais vasta para aqueles que leem do que para aqueles que não leem”, afirma Antoine Compagnon (2010: 27). No entanto, como nota Inês Sim-Sim (2002, *online*)¹, no texto “Formar leitores: A inversão do círculo”,

“Nos últimos dez anos temos vindo a ser confrontados com resultados de estudos nacionais e internacionais sobre competência e hábitos de leitura que nos apontam todos na mesma direção: os adultos e jovens portugueses leem pouco e mal, reforçando a evidência da causalidade recíproca, i.e., quem lê mal, lê pouco e quem lê pouco, lê mal.”

¹ Disponível em http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/abz_indices/000736_FLE.pdf

Por conseguinte, no ensino e na aprendizagem específicos da Língua e da Literatura Portuguesas, na didática da leitura literária, professores e educadores deparam-se, frequentemente, com um enorme problema: além do fraco domínio das estruturas linguísticas que dificulta a compreensão textual, os estudantes encontram-se desmotivados para a leitura em geral, revelando, particularmente, lacunas graves perante a leitura literária, condicionada ainda, em muitos casos, pelo contexto social e sobretudo cultural onde intervêm.

A crise da leitura de que falam inúmeros pensadores, estudiosos e escritores é, sem dúvida, uma realidade entre a comunidade escolar. Os jovens preferem ver televisão, estar no *personal computer* (PC) ou com o telemóvel ligados à Web, contactando *online* com os seus amigos através das redes sociais ou fazendo novas amizades. Aí também realizam pesquisas, jogam, ouvem música ou veem os seus filmes e séries preferidas.

Cardoso Bernardes (2002: 28-33) chama a atenção para os problemas que se impõem à didática da língua e literatura portuguesas mostrando-se preocupado com a “incapacidade dos alunos para ler e escrever com correção e versatilidade e a sua falta de gosto pela leitura. E já nem sequer se questiona a insensibilidade perante os autores antigos. Mesmo os escritores contemporâneos deixaram de cativar as turmas”. De facto, apesar do incremento do número de leitores que a *internet* potencia, leem-se menos textos literários, lê-se menos Literatura, uma fonte riquíssima de prazer e saber essencial à vida e à humanização dos homens.

Roger Chartier (2008), em entrevista, citando Christian Baudelot, também chama a atenção para esta nova realidade – a existência de novos leitores, uma geração de leitores da Web e na Web, que leem mais e mais por estarem conectados ao mundo da informação e do conhecimento tal como hoje é concebido, consequência da proliferação das TIC:

“o contraste entre declarações de adolescentes, em particular meninos que não queriam, de modo algum, passar uma imagem de leitor (porque ela está conotada de acordo com a solenidade escolar, atitudes convencionais, uma cultura que eles recusam) e seus comportamentos efetivos: na escola, eles leem; em frente à tela, eles leem – variados materiais são lidos por aqueles que declaram jamais ler”.

(Baudelot, *apud* Chartier, 2008, em entrevista por Ivan Jablonka, *online*)²

Todavia, perante o aumento de leitores na atualidade, a questão central estará em analisar e catalogar as leituras que realizam. Na *internet* os leitores leem mais para

² Disponível em http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/entrevista_chartier.php

pesquisa de informações, leem mais jornais, revistas, documentos breves ou as intervenções escritas em redes sociais, *e-mails*, *chats* ou *blogs* e não tanto Literatura, os textos maiores que proporcionam o comprazimento com a mensagem literária. Realizam, ao invés, uma leitura fragmentada, não por prazer e integral.

Um outro problema recorrente no ensino e na aprendizagem da leitura literária destacado por Carlos Ceia (2009, *online*)³ e visível para quem trabalha com jovens-estudantes é o facto de, em contexto escolar e abrangendo várias idades, “o mundo dos leitores académicos de literatura, isto é, o mundo dos estudantes e dos seus professores, é hoje cada vez mais um mundo de usuários de livros e não de verdadeiros leitores”. Efetivamente encontram-se, hoje, nas escolas estudantes bastante atentos a resumos da Web, livros de autoajuda e manuais didáticos que usam, muitas vezes, indiscreta e precipitadamente, sem recorrerem aos textos ou às obras na sua totalidade e ao seu estudo para que aprendizagens significativas se realizem.

Trata-se de um público bastante heterogéneo, com idades, gostos, hábitos e ocupações distintas. Maioritariamente desinteressado das letras, dos livros, não lê, não contacta, não conhece, centrando a leitura em jornais, revistas, resumos, sínteses, por lhe ser exigido quer pela avaliação ou trabalho a que está sujeito quer pela necessidade de atualização/informação, sem critérios, sem a seleção da informação requerida, que não desenvolve a competência leitora, mas que a pode mesmo prejudicar, como salienta Manguel em entrevista: os jovens “não sabem percorrer um texto para extrair aquilo que precisam, repensá-lo, dizê-lo com as suas próprias palavras, comentá-lo, associá-lo ou resumi-lo...”, nem recorrem, continua o autor, à “atividade mental capaz de incorporar, destilar, recriar essa informação” (Manguel, 1999, *online*).⁴

Segundo Inês Sim-Sim (2002: 03), perante o cenário retratado, “são várias, variadas e complexas as causas que subjazem ao baixo nível de leitura dos alunos portugueses. Entre elas, os reduzidos hábitos de leitura das famílias, a não frequência de bibliotecas e muitas outras causas, passíveis de uma interpretação sociológica.” Contudo, a autora vai mais longe e aponta uma outra causa que lhe parece determinante para os hábitos de leitura dos jovens-estudantes – “a qualidade do ensino da leitura que está a ser feito nas nossas escolas” que lhe “parece não responder à atual realidade da população que as frequenta.”

³ Disponível em http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_leitliter_a.pdf

⁴ Disponível em http://www.taniamenai.com/folio2/1999/07/alberto_manguel.html

Para aprofundar a questão recorreu-se aos estudos que têm a leitura como objeto de trabalho. Estes afirmam que, contrariamente ao que era expectável, os hábitos de leitura dos portugueses têm aumentado satisfatoriamente. Todavia, e infelizmente, a leitura literária pertence (e sempre pertenceu) à minoria. Nem todos leem, nem todos amam a leitura e a literatura, como nota Alberto Manguel, quando diz que “A proporção de leitores numa dada sociedade nunca foi muito grande – seja na Idade Média, seja no Renascimento ou no século XX. Os leitores nunca foram a maioria” (Manguel, 2010, *online*)⁵ e não continuarão a ser. Em cada sociedade haverá sempre grupos dominantes e grupos minoritários. O elementar é trabalhar para aumentar e melhorar essa minoria, para que, mesmo em número inferior, seja participativa e influente na sociedade.

Faz parte da condição humana a diversidade, a heterogeneidade, sendo difícil, senão impossível, a homogeneidade, a uniformidade de um gesto, atividade ou prazer. Conforme os diferentes domínios do Saber a motivação e a participação do ser humano altera-se e varia de intensidade em função de seus gostos e interesses.

Quanto aos suportes de leitura privilegiados, de acordo com o Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE), são ainda os jornais, as revistas e os livros os mais comuns entre a comunidade leitora, jovem ou adulta. Existe, contudo, já um número significativo de utilizadores do computador e da *internet* que os aproveitam como suportes para a leitura, podendo mesmo afirmar-se que registam atualmente “valores crescentes nos agregados familiares portugueses.” (GEPE, 2008: 67)

Também o *Relatório de Avaliação do 4º Ano do Plano Nacional de Leitura*, em 2010, concluiu que, relativamente aos recursos eletrónicos por si disponibilizados, são as *bibliotecas de livros digitais* os mais usados pelos estudantes/leitores (GEPE, 2010: 35). No concernente ao interesse e ao gosto dos estudantes pela leitura de livros, o documento afirma que os números aumentaram significativamente nos ciclos em análise, o mesmo acontecendo com a leitura de outros suportes escritos, não especificando, contudo, quais os suportes a que se refere (*idem*: 45). Para os professores entrevistados “os livros digitais são apreciados pelos alunos e são um bom recurso para os motivar para a leitura” (*idem*: 64), apontando, porém, algumas dificuldades na sua divulgação, relacionadas basicamente com a escassez de recursos técnicos nas escolas e a falta de formação e conhecimento dos professores em ferramentas e serviços disponibilizados pela Web 2.0.

⁵ Disponível em <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/alberto-manguel-estamos-a-destruir-o-valor-do-acto-intelectual-1445234>

Mesmo sabendo que a promoção da leitura é da responsabilidade de toda a sociedade, a Escola desempenha um papel mais efetivo e ativo nessa tarefa, devendo proporcionar tempos e espaços de leitura diversificados e atraentes e atividades regulares de leitura e de contacto com o livro, recorrendo não só à criatividade dos professores, como também às mais diversas ferramentas disponíveis e que são do agrado geral dos estudantes, como as tecnologias e o audiovisual (texto, imagem e som) em destaque na sociedade contemporânea.

Contudo, porque para se ter leitores não basta desejá-lo, é preciso criá-los, formá-los e ensiná-los a ler, o objetivo central da presente dissertação é promover a motivação para a leitura, promover o encontro dos estudantes com o texto, envolvendo-os emotivamente na leitura, acompanhando-os no processo de descoberta e proporcionando-lhes leituras gratuitas fazendo uso dos mais variados recursos que a Web 2.0, a Web 2.0 Móvel e as novas aplicações móveis lhes facultam, de forma fácil, rápida e cómoda. Pois, como afirma Carlos Ceia (2009)⁶, “...quem lê, vê mais; quem lê, sonha mais; quem lê, decide melhor; quem lê, governa melhor; quem lê, escreve melhor. Poucos são os atos que valorizamos e que praticamos que não possam ser melhorados com mais leitura.”

Neste contexto, tornam-se importantes as palavras de O'Reilly, criador do termo Web 2.0, que, de acordo com Schulz *et al.* (2010)⁷, a define como “revolução dos negócios da indústria de computadores, mas que pode e deve ser absorvida por outros segmentos, inclusive o educacional”. O ensino deve, por isso, incorporar não só os computadores como as tecnologias digitais móveis no processo de aprendizagem, uma vez que estas, nas palavras de Michel Serres (1991), citado por Tavares (2010: 70),

“vão dar (nas escolas onde há Internet) a possibilidade a todos os alunos de «sair» da sua sala e «viajar» na descoberta e construção do conhecimento, para encontrar outros alunos, outras escolas, outros espaços de aprendizagem. Viagem que implica um projeto, um roteiro; que implica armazenar «víveres», vencer obstáculos com esforço e determinação, para se obter a gratificação da chegada.”

Desta forma, não ter hoje em conta as tecnologias de aquisição e desenvolvimento do conhecimento, a Web 2.0 e Web 2.0 Móvel e as suas potencialidades educativas, e as aplicações móveis aplicadas ao ensino e à aprendizagem, é, sem dúvida, isolar o ensino e a aprendizagem da sociedade global em que estão inseridos (sociedade da informação e

⁶ Disponível online em http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/ot_leitliter_a.pdf

⁷ Disponível em <http://www.slideshare.net/vivianagab/o-ensino-e-a-aprendizagem-de-Ingua-espanhola-por-meio-de-redes-sociais-4674319>

comunicação audiovisual e digital), é privá-lo de uma ferramenta de promoção do saber e inovação, procedendo, desse modo, à sua descaracterização como meio construtor e transmissor de saberes.

Recorrendo à Web 2.0 e à Web 2.0 Móvel aplicadas ao processo de ensino e de aprendizagem da Língua e Literatura Portuguesas, o enfoque da investigação será concedido à pedagogia de projeto, de orientação dos estudantes nos seus trabalhos e aprendizagens, e à aprendizagem colaborativa, que para Dias (2004: 24) pode mesmo apresentar-se como uma “*interface educacional*”, uma vez que, ao contrário das abordagens que usam a *internet* apenas como exposição e espelho de múltiplas informações, o modelo proposto pretende desenvolver interações entre as diferentes representações da comunidade, possibilitando a criação de organizações aprendentes descentralizadas e autónomas na construção do conhecimento.

Em suma, seguindo os quatro pilares de uma educação de qualidade definidos no Relatório da Comissão Mundial sobre Educação para o Século XXI (1996), coordenado por J. Delors – *aprender a ser, a fazer, aprender a conhecer e aprender a viver com o Outro/aprender a viver juntos*, ou seja, seguindo o princípio geral de uma educação para todos, o projeto insere-se ainda numa perspetiva construtivista do conhecimento (Piaget, 1974), numa perspetiva de autoaprendizagem, que defende uma crescente autonomia para o aprendente no desenvolvimento das suas capacidades, ajudando-o a descobrir estratégias metacognitivas à medida que vai construindo o conhecimento a partir das suas representações e modelos mentais (cf. Bidarra, 2007).

0.2 A pertinência da questão e objetivos do estudo/investigação

A presente investigação procura explorar as potencialidades da Web 2.0 e da Web 2.0 Móvel como plataformas globais aplicadas ao ensino e à aprendizagem da Língua e Literatura Portuguesas, em contexto formal e informal de aprendizagem, especialmente da leitura literária, respondendo não só a números divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em que mais de dois terços (67%) das famílias portuguesas têm acesso a computador em casa e 62% possuem *internet* por banda larga, sendo a sua utilização mais

frequente entre os jovens (cf. TVI24)⁸, como também a notícias que apontam o número de vendas de dispositivos móveis com ligação à *internet* (*smartphones* e *tablets*) a crescer a um ritmo considerável, expondo um rumo novo no consumo de textos digitais. Procura também responder aos desafios que surgem à didática da língua e literatura portuguesas no século da geração digital, ligada em rede, e da geração móvel e do *touchscreen* que pouco se envolve com a leitura literária, mais ocupada com outras leituras, entretenimentos e prazeres que as tecnologias e a ligação à *internet* lhe proporciona.

A facilidade com que os jovens-estudantes aderem e manuseiam estes objetos/*gadgets* é um campo de possibilidades tão rico e cheio de potencialidades para aprendizagens várias que é totalmente absurdo que o ensino, e o ensino da língua e literatura portuguesas em particular, não o utilize para atingir os seus objetivos, traçando novas metas e delineando novos projetos e atividades de promoção e contacto com o texto literário.

Por conseguinte, pretendendo resgatar esse saber, gostos e hábitos pessoais e sociais dos jovens para o sistema de ensino e aprendizagem, a questão central que desencadeia a dissertação procura responder a como poderão as tecnologias, nomeadamente os serviços e as ferramentas da Web 2.0 e as aplicações móveis, nas modalidades *b/m-learning*, ser aplicadas particularmente à didática da leitura literária? Ou ainda como poderão os professores e educadores rentabilizar as potencialidades da Web 2.0 e da Web 2.0 Móvel na didática da leitura literária, explorando os recursos acessíveis à maioria dos estudantes, recursos que conhecem e usam agilmente, mesmo não os vendo nem utilizando como possíveis aplicações (*Apps*) no processo de ensino e de aprendizagem, na procura de melhores resultados e melhor empenho e desempenho nas tarefas solicitadas?.

Não se tratando de um estudo inaugural sobre a Web 2.0 e Web 2.0 Móvel e suas potencialidades para a didática da língua e literatura portuguesas, pela diversidade de textos, ensaios e teses disponíveis acerca das tecnologias no ensino e na aprendizagem (Teresa d'Eça, 1998, Dias & Gomes (org.), 2007, A. A. Carvalho (org.), 2008) e dos dispositivos móveis em particular (Moura, 2005, 2009, 2010, Moura & Carvalho, 2008, 2009, Rodrigues, 2007, Ferreira, 2009, Ferreira & Tomé, 2010, Nix, 2005, e Herrington, 2009), o presente trabalho pretende, não obstante, sugerir um percurso possível a professores, educadores e estudantes, desenhando um roteiro pelas letras e cultura portuguesas, um roteiro literário, pela apresentação de um projeto de *e-leitura* – *Eu leio*,

⁸ Disponível *online* em <http://www.tvi24.iol.pt/tecnologia/computadores/62-dos-portugueses-tem-internet-por-banda-larga>

@qui e @gora, disponibilizado totalmente online em <http://escolamoodle.ccems.pt/course/view.php?id=160>, que explora não só as potencialidades das tecnologias, dos dispositivos móveis, das ferramentas, serviços e aplicações disponíveis na Web, como também as potencialidades das ferramentas audiovisuais disponíveis (*YouTube* e DVD).

Atualmente, quem contacta e trabalha com jovens ou quem está atento aos seus interesses e motivações sabe quanto telemóveis – *smartphones* e *phablets*, computadores, *tablets*, *iPad's*, *iPhones*, consolas ou outros são do seu agrado. Neste sentido, a partir do momento em que as tecnologias suscitam nos jovens curiosidade para outras modalidades e formas de aprender, que não os modelos meramente transmissivos do conhecimento, é natural que muitos jovens criados numa cultura interativa reajam recusando interessar-se por matérias e métodos com que não se identificam.

Perante esta realidade, na procura da *mudança*, na procura do novo e de soluções mais atrativas e eficientes, na procura não só de momentos individuais de leitura, de comprazimento literário, mas também de partilha, discussão e colaboração, ou seja, na procura de aprendizagens duradouras e significativas, a investigação aposta em métodos diferentes na transmissão da informação, na divulgação do objeto – a leitura – e no modo de ler – a *e-leitura* – sem perder de vista nem as competências da aprendizagem nem a essência da mensagem literária.

A ideia embrionária e motivadora do projeto surgiu da constatação de duas realidades distintas, mas muito enraizadas entre os jovens-estudantes do Ensino Profissional e de aulas particulares de Língua e Literatura Portuguesa: a falta de vontade de ler e a falta de gosto pela leitura literária, por um lado; e o imenso prazer que têm nas tecnologias digitais e nos *gadgets* móveis que usam destra e indiscriminadamente para diversos fins – informação, comunicação, compras e serviços, entretenimento.

Na qualidade de nativos digitais, os métodos e estratégias referidos centram-se na utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e do audiovisual como veículos de motivação e predisposição para a comunicação com os textos literários apelando à realização de ações concretas que visem promover o encontro dos estudantes com a literatura no projeto de *e-leitura*. Este pretende motivar os estudantes/leitores a delinear um percurso individual de leitura, organizado tematicamente e sem avaliações,

para que posteriormente participem de forma ativa e organizada com o professor/mediador nos fóruns, *chats* e atividades complementares.

A liberdade é a tônica, mas não uma liberdade total à semelhança do que preconiza Daniel Pennac (2001: 122): “para que haja ... reconciliação com a leitura, existe uma única condição: não pedir nada em troca”, ou F. Pessoa quando no seu poema “Liberdade” afirma “Ai que prazer/ Não cumprir um dever,/ Ter um livro para ler/ E não fazer!” (s.d.: *online*)⁹, por poder prejudicar ou perturbar o percurso dos participantes, uma vez que são constantemente convocados na rede por outros interesses e itinerários. Também Neves *et al.* (2007: 06), no estudo *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE*, verificam que

“se torna mais difícil conquistar os cidadãos para os incomparáveis benefícios da prática da leitura devido à concorrência de múltiplas solicitações para a ocupação do tempo. Mas apesar da presença de fatores negativos, a experiência demonstra ser possível transformar alguns deles, como por exemplo as novas tecnologias, em potenciais aliados.”

Em suma, o importante é unir esforços, metodologias e estratégias que também empreguem as tecnologias na promoção e realização da leitura, pois, como afirma Adelina Moura (2008: 148), “a combinação dos telemóveis, das tecnologias de informação e comunicação e de uma pedagogia adequada podem ser um grande auxílio no processo de ensino e aprendizagem.” Segundo a autora, com a tecnologia os estudantes aprendem mais e de modo mais fácil, aprendem “... a usar a própria tecnologia”, preparando-se para o futuro.

0.2.1 Objetivos específicos

Neste sentido, podem ser enumerados os seguintes objetivos específicos:

- contribuir para a difusão da língua e da cultura portuguesas através de um projeto e atividades de incentivo à leitura de obras de autores portugueses ou em língua portuguesa;
- promover a literacia e estimular hábitos de leitura autónoma;
- procurar o diálogo da literatura com outras artes (a imagem/o cinema);

⁹ Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/4307>

-
- entender a *mudança*, incentivando o uso das mais variadas ferramentas e aplicações da Web 2.0 e Web 2.0 Móvel como estratégias pedagógicas;
 - proporcionar o contacto com o livro na sua forma de *e-book* e com os autores, para se alcançarem novos livros e novos autores;
 - criar um ambiente de ensino e de aprendizagem *online*, aproveitando os recursos informáticos existentes na escola – computadores e *internet*, e os dispositivos que os estudantes possuem – *smartphones*, *tablets* ou *phablets*;
 - apresentar modalidades de ensino e de aprendizagem organizadas e estruturadas, fomentando o trabalho corporativo/colaborativo e em comunidade;
 - estabelecer uma nova relação de interação professor/estudante e estudante/professor;
 - apelar à aprendizagem construtivista e autónoma, baseada em tarefas, e à aprendizagem pela ação;
 - provocar a inquietação e desenvolver o sentido crítico e criativo dos estudantes, desenvolvendo-os cognitivamente, afetiva, cultural e socialmente.

0.3 Metodologia e instrumentos para recolha de dados

Este subcapítulo apresenta uma breve exposição das opções metodológicas e dos instrumentos de recolha de dados cruciais na idealização e aplicação posterior do projeto de *e-leitura*.

Para se alcançarem os objetivos propostos optou-se por uma metodologia de projeto e a apresentação de um projeto de leitura *online*, procurando motivar os jovens-estudantes para as letras e para a leitura literária num contexto que conhecem e usam habitualmente.

O modelo de aprendizagem desenhado pretende gerar, na senda do que defende Teresa D'Eça (1998: 45), “novos tipos de aprendizagem, mais centrada no aluno (*student-centered*), mais baseada em projetos (*project-based*) ... uma aprendizagem participativa, ativa, dinâmica, na qual o aluno vai construindo o seu próprio conhecimento”, explorando as potencialidades da Web 2.0 e Web 2.0 Móvel, suas ferramentas, serviços e aplicações. Com esta metodologia pretende-se ainda reduzir assimetrias sociais no acesso e domínio do digital, no acesso à informação e na aquisição e desenvolvimento do conhecimento dos

estudantes, pois, atualmente, quem não souber integrar ou não usar as tecnologias na sua vida fica praticamente privado do conhecimento.

A opção por um projeto prende-se fundamentalmente com o facto de o projeto ser visto como “... a linha mais operativa da intervenção e [corresponder] ao desenvolvimento dos programas através de ações concretas” (Neves *et al.* 2007: 11, *apud* Cerezuela, 2006: 27), não devendo ser confundido com atividades isoladas de cariz literário, na senda do que recomenda Prole (s.d.: 02):¹⁰

“os projetos de promoção da leitura não podem ser confundidos com as ações de divulgação e informação (exposições, visitas de escritores, feiras do livro, etc), nem com aquelas que a pretexto do livro se desmultiplicam em ações lúdicas/festivas, em que a leitura é perfeitamente secundária ou está mesmo ausente.”

Outro fator decisivo relaciona-se com o facto de os projetos serem mais amplos, portanto mais condicentes com o período de aulas ou de formação, permitindo, pela conjugação de diversas atividades e estratégias, o envolvimento e a participação de todos os intervenientes na concretização dos objetivos previamente definidos. Uma ação isolada ou ações avulsas por si só não atraem o público para a leitura, idealizando-se, por isso, um projeto literário abrangente, organizado temática e geograficamente, com duração mínima de um ano letivo.

Em síntese, pretende-se, como afirmam Neves *et al.* (2007: 10), “um planeamento de ações de modo a ser alcançado um resultado específico, num dado período de tempo e de acordo com os meios (humanos e materiais) estabelecidos”, uma vez que os projetos se “distinguem da rotina administrativa” e normalmente se afastam das atividades curriculares implementadas pelas escolas.

Como qualquer projeto estruturado, o projeto concebido pretende fomentar os hábitos de leitura do público-alvo e atrair novos leitores para as letras, formando leitores competentes, autónomos e capazes de partilhar e discutir as leituras realizadas, sempre conscientes, embora se saiba, como afirma Prole (s.d.: 04), que a “criação de hábitos de leitura é um processo moroso e exige uma atividade regular e continuada em torno do livro e da leitura.”

Os participantes serão, por isso, os atores principais, sugerindo títulos e autores à medida que o projeto é implementado, pois quaisquer projetos de leitura “... devem rejeitar

¹⁰

Disponível em http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf

tentações de modelo único. Exigem uma atitude aberta, flexível onde caibam múltiplos percursos, os percursos que a diversidade humana aconselha a respeitar”¹¹, como afirma um dos princípios do Plano Nacional de Leitura (PNL).

O que se pretende é o efetivo contacto com o livro, com os seus autores e com a leitura de uma forma concentrada e aprazível, e não tanto os eventos ou as atividades que os promovem, dado o ambiente de festa e animação que geralmente (re)criam.

Para se desenhar e aplicar uma aprendizagem baseada em projetos totalmente *online* deve-se, segundo Barron *et al.* (1994: 6-7), *apud* d’Eça (1998: 59/60):

“(1) dominar o equipamento antes de o utilizar nas aulas; (2) selecionar um projeto adequado que tire o máximo de proveito das tecnologias e dos recursos disponíveis; (3) dar ‘sentido’ ao projeto, definindo-o e estruturando-o cuidadosamente; (4) reduzir ao máximo o tempo online; (5) treinar alguns alunos para ajudar na manutenção do projeto; (6) começar com poucos participantes e ir aumentando à medida que se adquire experiência; (7) dar prazos dilatados para a receção de respostas ao “pedido de colaboração” que se anuncia; (8) fornecer o máximo de informações sobre o projeto, tais como: contactos necessários (e-mail, snail mail e telefone/fax), prazo de inscrição, objetivos, tempo de duração nível e número máximo de participantes, e tipo de trabalho a desenvolver; (9) manter um contacto regular com os intervenientes (pelo menos uma vez por semana); (10) partilhar os resultados com todos os participantes; (11) enviar mensagens de agradecimento a todos logo que termine o projeto.”

Será ainda preciso, para Dyrli & Kinnaman (1996: 61-62), *apud* d’Eça (*idem*: 60):

“(1) definir com clareza os objetivos, as tarefas e os resultados esperados; (2) escolher um título sugestivo; (3) redigir um anúncio conciso do projeto; (4) definir as disciplinas abrangidas; (5) determinar as datas de início e fim do projeto, bem como os prazos para a inscrição e para as diversas fases; (6) elaborar todos os materiais necessários; (7) escrever cartas-padrão de aceitação ou rejeição (por excesso de candidaturas, por exemplo) no projeto, bem como de envio de materiais; (8) anunciar o projeto em discussion groups* e mailing lists*; (9) responder de imediato a todos os pedidos de esclarecimentos; (10) manter os prazos predeterminados...”

Em resumo, para os autores, o projeto terá sucesso se apresentar uma “planificação muito cuidada, objetivos muito bem definidos e procedimentos muito claros” (*idem*), apelando não só à participação e contribuição dos intervenientes com ideias sugestivas e criativas, mas também à colaboração e contacto entre todos os elementos do grupo de trabalho, que deverão, em concomitância com o professor, divulgar o projeto entre a comunidade escolar e extraescolar (família e amigos) e nas redes sociais (*site* da escola, blogues, *Facebook* dos estudantes, ...), para que todos os participantes se sintam responsáveis pela manutenção e concretização do mesmo de forma eficaz e duradoura.

¹¹ Disponível em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnl/v/apresentacao.php?idDoc=4>

Neste sentido, o professor surge como orientador ou guia pela viagem literária, desenvolvendo a aprendizagem construtiva, autónoma e colaborativa, mantendo sempre uma posição ativa relativamente aos objetivos delineados, devendo acompanhar permanentemente o grupo de trabalho e acompanhar o progresso do projeto; estabelecendo a comunicação entre os participantes, mantendo uma relação de proximidade com todos os elementos do grupo; e orientando os estudantes nas atividades propostas e na apresentação de resultados, assumindo-se como um facilitador da aprendizagem.

Em conclusão, seguindo as palavras de Prole (s.d.: 01),

os projetos de promoção da leitura porque respondem a este duplo desafio: criação de hábitos de leitura e desenvolvimento de competências de compreensão leitora, devem ser inseridos no próprio processo educativo da aprendizagem leitora quando desenvolvidos em contexto escolar.

Pois, para o autor (*idem*: 02), “os estudantes que dedicam mais tempo para ler por prazer (...) e mostram uma atitude mais positiva face à leitura, tendem a ser melhores leitores, independentemente do seu ambiente familiar e do nível de riqueza do seu país de origem.”

Como instrumentos de recolha de dados, além da natural observação da participação dos envolvidos, optou-se pelo uso do inquérito por questionário, disponibilizado aos *estudantes* em duas fases do projeto: no início, para aferição dos seus interesses e expectativas enquanto leitores e utilizadores das tecnologias, e, no fim, para avaliar o projeto como um todo.

Os questionários são provavelmente um dos instrumentos mais usados para a recolha de dados, por serem um dos meios eficazes na obtenção de informações de natureza diversa, tais como dados, hábitos, comportamentos, atitudes, opiniões ou preferências, seja do ponto de vista individual seja coletivo, podendo ser distribuídos presencialmente ou na rede/*online*.

O questionário inicial (ver Anexo I) foi elaborado no *Google Docs* e fornecido aos participantes através da página do projeto *Eu leio, @qui e @gora*, disponibilizada no sistema Moodle. O questionário é anónimo para que não se sintam inibidos ou adulterem as suas respostas e o realizem de forma consciente e verdadeira.

0.4 Estrutura do estudo

A presente dissertação está organizada como um todo e aborda questões tão importantes como a leitura literária e o seu valor, hoje, na formação dos jovens/leitores e o papel das tecnologias, ferramentas, serviços e aplicações da Web 2.0 e Web Móvel na divulgação e motivação para o literário, para as letras, autores e suas obras, desenvolvendo curiosidade e gosto pela leitura. Depois de uma revisão da literatura sobre o tema em debate, é feita a apresentação do projeto de leitura literária *online*.

Assim, na *Introdução* é apresentado o enquadramento geral, a relevância da investigação e a pertinência do estudo, destacando a crise da leitura literária entre a comunidade leitora estudante e a luta que leitura literária trava com as TIC e os *gadgets* móveis de interesse geral para comunicar, ler ou de ocupação de tempos livres. Seguidamente, sugerem-se soluções para motivar os estudantes a lerem Literatura na senda do *dulce et utile* com que Horácio a define, divulgando a implementação de novos modos de ler – a *e-leitura*, em seu formato *e-book*, que recorre às tecnologias digitais como ferramenta propícia à motivação e sensibilização para a leitura literária, desenvolvendo aprendizagens construtivas.

No capítulo um – *Potencialidades da Web 2.0 no ensino e na aprendizagem* – é elaborada uma perspetiva das potencialidades das TIC no processo de ensino e de aprendizagem na atual Sociedade da Informação e do Conhecimento, com especial relevo para as modalidades de ensino semipresencial (*b-learning*) e móvel (*m-learning*) e para as virtualidades das tecnologias móveis em voga entre a nova geração de estudantes (a geração *touchscreen*) que frequenta hoje a Escola.

No capítulo dois – *A Leitura Literária Hoje* – são evidenciadas as vantagens e/ou desvantagens do recurso às tecnologias digitais, às novas aplicações móveis de leitura de *e-books* e ao audiovisual na didática da leitura literária, destacando a *e-leitura* como fonte de acesso ao conhecimento e comprazimento com os grandes nomes e as grandes obras em LP. Apresentam-se, ainda, os diversos desafios que se colocam atualmente à educação, às escolas e aos profissionais do ensino, na era da sociedade global ligada em rede e à rede.

No capítulo três – *Enquadramento Teórico* – é explorada a questão “Como potenciar a leitura literária *online* pelo uso das ferramentas da Web 2.0 e da Web 2.0 Móvel?”, apresentando-se as ferramentas, serviços e aplicações a explorar na implementação do

projeto de *e-leitura*. Destas destacam-se o sistema Moodle, os fóruns e *chats* aí disponibilizados aos seus utilizadores, as aplicações de *e-leitura* (*e-book readers*), os audiolivros e o vídeo nos seus formatos DVD/*Blu-ray* ou distribuídos no *YouTube*.

No capítulo quatro – *O projeto Eu leio, @qui e @gora* – é apresentado o protótipo de *e-leitura*, nas modalidades *b/m-learning*, combinando o ensino presencial e o ensino colaborativo e virtual, em que as aprendizagens são autónomas, livres e criativas e apelam ao sentido crítico dos estudantes. Funciona como um roteiro virtual de ensino e de aprendizagem de leitura literária na Web 2.0 e Web 2.0 Móvel, com recurso ao Moodle (SGA) e com ênfase na aprendizagem colaborativa, fazendo a ponte entre as ferramentas, serviços e aplicações móveis disponíveis, apresentadas no capítulo anterior, e algumas tarefas de leitura e escrita a desenvolver *online* pelos estudantes (os *e-leitores*), dentro da sua comunidade de aprendizagem. Apresenta, por fim, as notas finais quanto ao desenho e aplicação do projeto de *e-leitura*, assim como algumas das limitações expectáveis aquando da sua execução e desenvolvimento, visto que da idealização à execução do projeto algumas questões poderão naturalmente surgir, assim como algumas limitações poderão advir de qualquer uma das partes envolvidas (utilizadores, ferramentas, serviços, entre outras).

O último capítulo – *Considerações finais* – apresenta as conclusões gerais do trabalho realizado, elaborando algumas interrogações prementes na sociedade do conhecimento, da informação e da tecnologia digital em que vivem os jovens-estudantes de hoje, procurando suscitar futuras investigações.

As *Referências Bibliográficas* e os *Anexos* finalizam a Dissertação.

1. POTENCIALIDADES DA WEB E WEB MÓVEL NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM

- 1.1. O século XXI e a “sociedade digital” – o que mudou?
- 1.2. O ensino e a aprendizagem e a nova geração digital – que desafios?
- 1.3. A Web 2.0 e a Web 2.0 Móvel – de utilizador/consumidor a utilizador/produtor
- 1.4. Modalidades de ensino *online*
- 1.5. A geração *touchscreen*

1 POTENCIALIDADES DA WEB E WEB MÓVEL NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM

O presente capítulo inclui uma revisão da literatura pertinente para a investigação e centra-se numa visão da sociedade e do ensino e da aprendizagem contemporâneos e das *mudanças* que a Web 2.0 e Web 2.0 Móvel, fruto das potencialidades que oferecem, aí operaram, alterando não só a relação Homem/tecnologias mas também a relação Ensino e Aprendizagem e tecnologias.

1.1 O século XXI e a sociedade do digital – o que mudou?

As tecnologias e a ligação à *World Wide Web* (WWW), conceito desenvolvido por Tim Berners-Lee em 1989, têm provocado, no mundo industrializado, mudanças profundas no modo de vida do ser humano e na forma como vê o mundo. A tecnologia digital exerce um fascínio irresistível em crianças, jovens e adultos e o acesso à *internet* acontece cada vez mais cedo quando ainda crianças. Desde a tenra idade são já muitos os que conhecem e possuem dispositivos tecnológicos com acesso à Web, devido essencialmente ao incremento do uso de *gadgets* móveis – *smartphones* e *tablets*, que lhes permitem estar conectados à rede e ao mundo a qualquer instante e em qualquer local.

As inovações técnicas e tecnológicas do século XX contribuíram, em grande parte, para a modificação das relações humanas e para a *mudança* do paradigma comunicativo, informacional e educacional, surgindo comumente nos meios de comunicação social ou em debates e fóruns expressões como “sociedade do conhecimento” ou “sociedade da

informação” ou “informacional” (Castells, 1999). Para o autor (Castells, 1999: 46) o conceito informacional designa “o atributo de uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação se tornam fontes fundamentais de produtividade e poder, devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico.”

Com efeito, já em 1996, Teresa Ambrósio (1996: 86) dizia que

“(…) o mundo para o qual fomos preparados já não existe. Aquele onde vivemos hoje, já não o será daqui a alguns anos. O que existe hoje a nossos olhos de forma visível, porque o ritmo de evolução é grande, é mudança: a mudança no mundo da informação, no mundo das ciências e tecnologia, na organização social, nas instituições e no trabalho, enfim, nos valores e nos comportamentos individuais.”

A *internet* tal como hoje é conhecida remonta à década de 70 do século passado, mas só no final do século, depois da década de 90, é que se difundiu por toda a sociedade. Surgiram os primeiros computadores com ligação à rede e em rede, iniciando novas formas de acesso à informação e de comunicação que se foram vulgarizando à medida que surgiam na Web. Inicia-se uma nova era e a *internet* transforma-se num “instrumento para a organização social, a da ação coletiva e a da construção de sentido” (Castells, 2004: 76).

O mundo tornou-se uma “aldeia global”. O utilizador acede às informações e comunica em tempo real. Os dispositivos de acesso à rede reinventaram-se e as tecnologias móveis com novos e funcionais modelos atraem a população a conectar-se e a comunicar à escala mundial, derrubando fronteiras, limitações linguísticas, preconceitos de raça ou origem. Promove-se a igualdade e o multiculturalismo e abrem-se oportunidades para todos.

Para Sáez (2000) “La virtud y la idea genial de los creadores de Internet radica en haber conseguido reunir en un mismo lenguaje texto, imagen, sonido y programas. Todo puede entrar en Internet.”¹² Ou seja, para o autor, a grande vantagem da *internet* funda-se na perfeita conjugação, num único espaço – a WWW, de textos, imagens, sons e programas diversos, que democratiza o acesso à informação, à comunicação e à publicação *online*, estimulando e ampliando os conhecimentos da sociedade contemporânea. “Na Web, tudo está no mesmo plano... Não há nenhuma hierarquia absoluta...” (Lévy, 1999: 160) e todos a podem usar para se enriquecerem e instruírem.

¹²Tradução livre da autora: “A virtude e a genialidade dos criadores da *Internet* reside em terem conseguido reunir numa mesma linguagem texto, imagem, som e programas. Tudo pode entrar na Internet.”

Nesta geração tecnológica, a *internet* assume-se ainda como o principal meio de comunicação do ser humano (Comunicação Mediada por Computador – CMC), originando uma nova forma de interação social (interação social virtual/digital) desenvolvida pela escrita em blogues, *e-mails*, fóruns, SMS, *chats* e pelas mais recentes e populares redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, *MySpace*, *Netlog*...). A escrita é agora resgatada pela/para a CMC e mais valorizada entre o público que utiliza o ciberespaço.

Através do computador e da ligação à rede promovida pela *internet*, assiste-se continuamente à criação de comunidades sociais virtuais que promovem novas formas de interação, transformando a sociedade e a sua forma de expressão numa espécie de reinvenção do uso da escrita. Aí, os utilizadores intervêm quer síncrona quer assincronamente e exploram novas e incipientes modalidades de práticas sociais de escrita, com características próprias e bem próximas da oralidade. A língua adapta-se à nova realidade tecnológica e social e a Escola não pode ficar indiferente às novas competências tecnológicas e comunicativas dos estudantes, devendo explorá-las em contexto sala de aula para que se desenvolvam linguística, comunicativa, social, cultural e literariamente.

Comunicar é agora diferente: o ser humano abandona parcialmente a fala, a conversação face a face e outros géneros discursivos, centrando-se no ecrã dos seus dispositivos, em comunidades virtuais de alcance mundial. A sociedade reinventa o texto, recuperando e consolidando a escrita como uma das suas formas de expressão privilegiada, possível com a utilização do computador e da ligação à rede. “Escrever *online* é estimulante para os professores e para os alunos” (Carvalho, A. A., 2008: 08). Muitos estudantes passam mesmo a escrever com mais correção, são mais responsáveis, “obrigados” ou motivados pela exposição mundial a que estão sujeitas as suas publicações na Web, acessíveis a um vasto número de críticos utilizadores. “Nunca os alunos, nem os professores, as escolas ou mesmo o utilizador comum imaginaram ter à disposição um público autêntico tão vasto.” (D’Eça, *op. cit.*: 71)

Por conseguinte, com o advento da *internet* e das tecnologias em que se funda, surgiu uma nova estruturação social – a Sociedade da Informação e do Conhecimento – que tem como elemento fulcral o controlo da informação e o domínio das tecnologias. Esta transformação deve-se, fundamentalmente, à flexibilidade e facilidade no acesso ao conhecimento humano e à sua universalidade, permitindo o acesso à informação a um maior número de indivíduos por todo o mundo, de forma ilimitada, rápida e eficiente,

embora o mesmo não aconteça nos países em desenvolvimento devido sobretudo a fatores políticos ou economicistas.

O Homem não é mais o único detentor e transmissor do Saber, uma vez que os meios tecnológicos que o rodeiam lhe permitem aceder a dados diversos, muitas vezes desconhecidos para si anteriormente, não necessitando de os interiorizar, estudar ou registar. Basta-lhe uma ligação à Web e com um simples clique consegue aceder à informação à escala mundial. O mestre, o professor deixou também de ser um dos únicos depositários do conhecimento humano. Estudantes e sociedade acedem à informação em qualquer local e a qualquer hora e constroem o seu próprio conhecimento. Aprendem livre e autonomamente.

Em contexto escolar e educacional, várias transformações acontecem e o estudante assume o centro do processo de aprendizagem. Ele vê, idealiza e executa. A produção do conhecimento não está mais centrada na emissão de informações. O ensino torna-se ativo. Os estudantes estão mais unidos, colaboram e são mais autónomos. Torna-se necessário, porém, seleccionar o conhecimento mais válido e eficaz e o professor, sobretudo em idades precoces de aprendizagem, assume-se como uma figura fundamental, orientando os estudantes no percurso de descoberta e seleção das informações, dentro e fora da sala de aulas.

Em resumo, no atual contexto da Sociedade da Informação ou do Conhecimento, como refere A. A. Carvalho (2008: 12)

“Nunca é demais reforçar de que ser letrado, no séc. XXI, não se cinge a saber ler e escrever, como ocorrera no passado. Esse conceito integra também a Web e os seus recursos e ferramentas que proporcionam não só o acesso à informação mas também a facilidade de publicação e de partilhar online. Estar online é imprescindível para existir, para aprender, para dar e receber.”

Também para Rosa Bizarro (2008: 82) a sociedade contemporânea é marcada

“... pela emergência da importância da Comunicação ... e com um lugar de relevo particular dado às hoje ainda designadas novas tecnologias, [assim,] o Tempo de hoje vive-se de modo intenso, rápido, por vezes até frenético, na consciência plena de que nunca é suficientemente longo para, no seu usufruto, se poder aprender (e ensinar) todo o Conhecimento, que se afirma como plural, em constante desenvolvimento e mutação”.

Entre PC's, *netbooks*, *notebooks*, *tablets* e *smartphones*, crianças, jovens e adultos estão hoje ambientados com esta nova dimensão social. São inúmeras as formas de comunicar na Web, assim como as possibilidades de acesso ao conhecimento, explorando

os vários motores de busca *online* (*Google, Yahoo, Bing...*) ou as enciclopédias e bibliotecas virtuais disponíveis. Todavia, segundo Monteiro & Osório (2011: 1372) o uso mais comum da *internet* entre os jovens é ainda “para jogos, falar com amigos, ver vídeos e ouvir música”, isto é, para passar o tempo. Os autores revelam também que a pesquisa para trabalhos escolares é sempre de valorizar, sendo o motor de busca *Google* o mais utilizado.

Quanto à leitura literária, com todas as alterações sociais e tecnológicas em curso, são frequentes as perguntas sobre a existência de livros no futuro e se a leitura se tornará obsoleta, deixando de ter um papel preponderante na formação intelectual e social do homem. Acredita-se que dificilmente os livros desaparecerão e a leitura cairá em desuso, continuando a exercer a sua importantíssima função na formação do ser humano, no desenvolvimento de ideias e na partilha de saberes, necessários à evolução natural da espécie humana. Ou seja, o livro só terminará quando e se a humanidade acabar, facto que na atualidade não está em causa.

No entanto, com o advento das tecnologias ligadas em rede, ler hoje é diferente. Lê-se mais *online*, sejam jornais, revistas, artigos científicos ou literatura. É mais fácil, rápido e cómodo e menos dispendioso. Os diferentes dispositivos móveis que proporcionam a leitura *online* abundam entre a população jovem e adulta, incrementando o acesso à rede e à *e-leitura*. Surge, assim, um novo leitor – o leitor do século XXI, o leitor digital, que se serve de diversas ferramentas e aplicações de leitura disponibilizadas pela Web 2.0 e Web 2.0 Móvel.

Paralelamente ler agora Literatura é também diferente – novos textos e formatos proliferam na Web, essencialmente o *e-book*, livro eletrónico disponível na rede em bibliotecas, livrarias ou centros de documentação. Quem acede à *internet* acede a uma vasta gama de bibliotecas digitais nacionais e internacionais, podendo consultar os seus catálogos *online*, ler ou fazer o *download* total e gratuito de inúmeras obras e construir a sua própria biblioteca digital. Em livrarias *online* pode ainda comprar as obras literárias a preços acessíveis, que desbloqueiam o acesso à literatura a todos os que não têm possibilidade de comprar as grandes obras em papel e de as armazenar em bibliotecas pessoais.

Neste sentido vão as palavras de Roger Chartier (*online*), historiador francês, ao afirmar que

“El nuevo soporte de lo escrito no significa el fin del libro o la muerte del lector. Puede ser todo lo contrario. Pero esto impone una redistribución de los roles en la «economía de la escritura», la concurrencia (o la complementariedad) entre los diversos soportes de los discursos, y una nueva relación, tanto física como intelectual y estética, con el mundo de los textos.”¹³

Não se pretende, contudo, dizer que com esta nova realidade se leia melhor. Lê-se de outro modo, exploram-se novas formas de acesso ao conhecimento, conjugando modernidade e inovação com o antigo (mas sempre atual) gosto de e pela leitura literária. Não havendo segredos ou regras para conduzir o ser humano a se fazer leitor, as tecnologias podem funcionar como potenciais aliadas, devendo ser um dos mecanismos a explorar junto da nova geração de nativos digitais (os estudantes), que vive imersa em artefactos tecnológicos, conduzindo-a pelas letras com a implementação de projetos progressivos e regulares de motivação para a leitura.

Neste contexto, importa destacar o papel das bibliotecas escolares dada a crucial função que têm na criação e formação de leitores críticos e conscientes. Também elas devem acompanhar as modernas tendências de leitura – a leitura *online* – e disponibilizar aos estudantes diversos recursos e ferramentas de leitura a que possam aceder facilmente ou arquivar em seus dispositivos móveis, tornando a leitura um ato natural e contínuo.

Para Roger Chartier (*ibidem*)

“Las bibliotecas deberán ser igualmente un instrumento donde los nuevos lectores podrán encontrar su vía en el mundo numérico que borre las diferencias entre los géneros y los usos de los textos, y que establezca una equivalencia generalizada entre su autoridad. A la escucha de los deseos de los lectores, la biblioteca, debe asimismo jugar un rol esencial en el aprendizaje de instrumentos y de técnicas, capaces de asegurar a los menos expertos de los lectores, las nuevas formas de lo escrito.”¹⁴

A leitura recreativa, livre e por prazer deve, por isso, ser incrementada com estratégias de promoção de leitura *online*, como encontros virtuais com escritores e visitas a blogs e redes sociais de autores contemporâneos, visitas *online* às páginas com ligações a

¹³ Disponível em http://www.cervantesvirtual.com/bib/historia/CarlosV/recursos1.shtml#N_1 Tradução livre da autora: “O novo suporte da escrita não significa o fim do livro ou a morte do leitor. Pelo contrário. Mas impõe uma redistribuição dos papéis “na economia da escrita”, simultaneidade (ou complementaridade) entre os vários discursos e um novo relacionamento, tanto físico como intelectual e estético, com o mundo dos textos.”

¹⁴ Cf. nota de rodapé anterior. Tradução livre da autora: “As bibliotecas deverão ser também instrumentos onde os novos leitores podem encontrar o seu caminho para o mundo digital que apague as diferenças de género e usos dos textos e que estabeleça uma equivalência geral entre a sua autoridade. Ouvindo os desejos dos leitores, a biblioteca deve também desempenhar um papel essencial na aprendizagem de ferramentas e técnicas capazes de proporcionar aos leitores menos experientes as novas formas de escrita.”

escritores não contemporâneos, leituras dramatizadas gravadas e disponibilizadas na rede, roteiros virtuais de leitura, seleção do livro ou do poema da semana, realização de noites de leitura na rede entre a comunidade leitura virtual, entre outras.

Também os autores do estudo *Os estudantes e a Leitura* (Lages *et al.*, 2007: 360) destacam as profundas transformações por que passam a sociedade e o livro:

“O livro e a leitura vivem, nesta primeira década do século XXI, num contexto competitivo muito relevante, e com uma forte dinâmica, constituído pelas tecnologias de informação. Os conteúdos que aí são apresentados correm num registo de interatividade e mobilidade muito sugestivo para os jovens, alargando, muito provavelmente de forma significativa, o seu campo de imaginação. Para o livro trata-se de recriar o seu lugar no novo mundo da sociedade em rede, experimentando novas compatibilidades com outras plataformas de comunicação.”

Em consequência, Escola, modelos de ensino e de aprendizagem e agentes educativos necessitam de se adaptar e de acompanhar os tempos modernos para que a aprendizagem seja prazerosa, produtiva e consciente, explorando novos modelos, novas estratégias e atividades que têm por base as tecnologias digitais do agrado geral de estudantes e professores. A Escola não se fecha à *mudança*, pelo contrário, ajusta-se à sociedade e às suas características, atualizando-se permanentemente.

Um exemplo interessante do trabalho que se está a desenvolver em torno da *e-leitura* pelas bibliotecas e instituições de ensino a nível mundial é o recente projeto da biblioteca da *Florida Polytechnic University*, nos EUA, o projeto de Santiago Calatrava, que pretende “abrir uma biblioteca sem qualquer livro físico, nem prateleiras”. Neste sentido, “os leitores vão ter computadores e *tablets* à disposição para lerem o que precisarem.” Ainda na notícia publicada a 01-09-2014 pela revista Exame Informática (*online*)¹⁵ se pode ler que “a Universidade não deixa de ter livros físicos para emprestar aos alunos, mas estão disponíveis em outras universidades à volta e até guardados em armazéns.” Como se verifica, mais uma vez, o livro físico não deixa de existir ou de ter a sua participação na divulgação da mensagem literária como material de valor insubstituível instituído. A combinação entre *e-books* e livros impressos é não só o desejado, como o que é praticado entre a comunidade promotora da leitura pelo mundo.

¹⁵ Disponível em <http://exameinformatica.sapo.pt/noticias/mercados/2014-09-01-Mais-uma-biblioteca-sem-livros-fisicos-na-Florida>

1.2 O ensino e a aprendizagem e a nova geração digital – que desafios?

O mundo está a mudar. Com o aparecimento da *internet* o mundo está ligado e o indivíduo encontra-se ultrapassado pela velocidade de informação que prolifera na rede. Naturalmente, o processo de ensino e de aprendizagem enfrenta hoje inúmeros desafios. A conectividade e a interatividade são a tónica no mundo atual e o ensino e a aprendizagem não se podem afastar da realidade para não se tornarem obsoletos.

As TIC não só exigiram a adaptação do ser humano e da Escola à nova realidade social, económica, tecnológica e intelectual como transformaram a Educação. Surgiram novas formas combinadas de aprendizagem na rede – o ensino a distância (EaD), na modalidade *e-learning*; surgiu o *b-learning*, combinando o ensino presencial e o ensino a distância; e mais recente o *m-learning*, fazendo uso das tecnologias nos dispositivos móveis. Surgiram as plataformas de aprendizagem colaborativa com as comunidades virtuais de aprendizagem, servindo-se de novas ferramentas para comunicarem (fóruns, *chats*, *e-mail*, redes sociais...) e para divulgarem a informação (Moodle, blogues, *YouTube*...), e as bibliotecas e museus digitais que os estudantes podem visitar sem saírem da escola.

O ensino presencial convive, agora, com um novo paradigma – um ensino para todos, mais aberto, dinâmico, construtivo e ativo. O processo de ensino e de aprendizagem tornou-se mais independente relativamente ao espaço e ao tempo em que a aprendizagem acontece, proporcionando a comunicação e a interação entre os agentes envolvidos. Neste sentido, os agentes educativos tendem a acompanhar as novas tendências tecnológicas – ferramentas, serviços e aplicações, embora existam ainda bastantes focos de resistência à *mudança* e à tecnologia mesmo quando já se lhe reconhecem e identificam vantagens marcantes, como notam Coutinho & Alves (2010: 208):

“na educação presencial, a internet desenraíza o conceito de ensino-aprendizagem localizado e temporalizado potencializando o conceito de que a aprendizagem pode ocorrer em vários lugares, ao mesmo tempo, *online* e *offline*, e *on/offline*. Com a implementação das redes, o ensino a distância combina-se com a possibilidade de comunicação instantânea, de criação de grupos de aprendizagem, integrando a aprendizagem pessoal com a de grupo. Por seu lado, a educação presencial começa a utilizar tecnologias, funções, atividades que, até aqui, eram típicas da educação a distância.”

É imperativo, por isso, que o Ensino se adapte e implemente novos métodos e estratégias de aprendizagem, valendo-se de ferramentas que provêm das tecnologias e se

ajustem à nova realidade educativa para que novas competências sejam exploradas, novos saberes sejam interiorizados e novas atividades sejam realizadas em contexto escolar. A questão central que se coloca não é tanto a de uma total reestruturação do Ensino ou uma substituição de paradigmas pedagógicos, mas de uma adaptação de ambos para “reconduzir a tecnologia ao lugar que deve ocupar, enquanto **meio**¹⁶ e não enquanto princípio definidor da aprendizagem” (Morgado, 2001: 138), pois, como se sabe, a tecnologia por si só não resolve os problemas do Ensino. Ajuda o Homem a progredir e a viver melhor.

Como a informação e o conhecimento proliferam na Web e estão em atualização permanente, os professores deixaram de ser os únicos depositários/transmissores do saber com que os jovens convivem. Estes ligam-se à rede e em rede e acedem às informações em tempo real de forma fácil e rápida, passando de simples observadores ou ouvintes a aprendentes autónomos e autodidatas.

A Educação abandona a tradicional organização vertical (estudante/professor) e a transmissão unidirecional do conhecimento para se organizar de forma equitativa e estudantes e professores terem o mesmo papel e relevo no processo de ensino. O professor deixa também de possuir (ou passar) a imagem de alguém autoritário e inacessível e aproxima-se dos estudantes, guiando-os por esse admirável “mundo novo” da Web.

Esbate-se, por um lado, a figura central do professor e emerge, por outro, a figura do aluno, no centro do ensino e da aprendizagem, como elemento ativo e construtor do seu próprio conhecimento, servindo-se da realização de leituras e pesquisas, da reflexão crítica sobre a consulta efetuada e da sua participação em projetos didáticos mais amplos ou em atividades de grupo. A aprendizagem é agora individualizada, construtiva, ativa, autónoma e colaborativa. A imagem do aluno como ser passivo que escuta e memoriza desaparece ou tende a afastar-se. A aprendizagem centra-se no “aprender a aprender” ou na aprendizagem “ao longo da vida”.

Para Paulo Dias (2007: 21)

“Os processos colaborativos desenham-se assim como mediadores das representações individuais, promovendo a interpretação e partilha do sentido, não limitados à coordenação das representações individuais mas sim como uma construção colaborativa da compreensão, a qual se desenvolve através da elaboração da representação conjunta do grupo ou comunidade de aprendizagem em rede.”

¹⁶ Destaque da autora.

Conseqüentemente, continua o autor, “a natureza deste processo implica que o membro da comunidade seja um participante ativo e, deste modo, um coautor das narrativas de aprendizagem e conhecimento” (*ibidem*).

Não só a aprendizagem colaborativa em destaque, mas também o modelo construtivista adotado, que apela à ação dos estudantes, é um dos fatores de *mudança* do atual paradigma educativo, visto que, como salientam A. Moura & A. A. Carvalho (2010: 1003),

“Os princípios básicos do construtivismo adotados sustentam a ideia de que o conhecimento quando construído pelo aluno é mais facilmente interiorizado; a aprendizagem é um processo ativo e reflexivo; a interpretação que o aluno faz da nova experiência é influenciada pelo seu conhecimento prévio; as interações sociais introduzem perspectivas múltiplas na aprendizagem; a aprendizagem requer a compreensão não apenas do todo, mas também das partes que deverão ser entendidas no contexto do todo.”

Os professores devem, por esse motivo, adotá-lo para os ambientes virtuais de aprendizagens, aplicando-o nas comunidades de aprendizagem *online* que desenvolvem. Como observa José Bidarra (2007:44),

“No caso de o ambiente ser hipermídia, o estudante é simultaneamente um navegante, um explorador, um pioneiro e um visionário. O estudante enfrenta o hiperespaço e torna-se um navegante atravessando os canais estabelecidos. Como um explorador, o estudante cria novas conexões para territórios até então desconhecidos. Ele é um pioneiro porque se aventura por nós e ligações sem ter um mapa. É um visionário porque imagina o inexplorado.”

Todavia, para que haja aprendizagens significativas, dada a imensidão de informação presente na Web, os estudantes precisam de um orientador/guia que os oriente no processo de aprendizagem iniciado. É neste contexto que surge a presença do professor, agora um mediador ou “e-moderador” (Dias, 2008), articulando saberes e competências.

Nas palavras de Dias (2008: 05)

“o papel do e-moderador nos ambientes de aprendizagem *online* desenvolve-se, fundamentalmente, através do processo de construção de significados em detrimento dos procedimentos associados à transmissão de conteúdos, tendo como referência uma abordagem construtivista da educação.”

Além de conduzir os *e-estudantes* no seu percurso educacional, de os ajudar a selecionar e a processar a informação avulsa e de os alertar para os limites e condições do uso das TIC em contexto escolar, compete-lhe ainda despertar a atenção e a curiosidade dos aprendentes, motivá-los para a aprendizagem, criando atividades atrativas, e torná-los confiantes nas suas capacidades para que trabalhem de forma ativa, dinâmica e criativa,

sentindo prazer em aprender e em se construírem íntegra e criticamente. Em síntese, compete ao professor dinamizar a aprendizagem, criar e gerir os conteúdos, acompanhando-os no percurso delineado.

O professor deixou de ser apenas observador da realização das tarefas dos estudantes e tornou-se um dos companheiros de caminho pela aprendizagem, criando um ambiente de confiança mútua, onde todos participam de igual modo (liderança partilhada). Estudantes e professores assumem novos papéis no atual modelo de aprendizagem autónoma ou de “autoaprendizagem” como também lhe chama Bidarra (2007: 39):

“O estudante deve deter os meios e a capacidade para planear o seu envolvimento e efetuar uma gestão ativa do seu tempo de estudo e do esforço de aprendizagem. O papel do professor/formador consiste em orientar a autoaprendizagem, facilitar a criação ativa de significados, organizar grupos de trabalho, calendarizar e organizar momentos de debate, incentivar a tomada de decisões do aluno, apoiar as interações entre os estudantes e promover oportunidades de reflexão.”

Ambos estão envolvidos num processo ativo e coletivo, fruto das dinâmicas das tecnologias digitais, onde intervêm de igual modo como protagonistas e unem esforços para alcançarem juntos o sucesso escolar. As tecnologias – PC, dispositivos móveis e *internet*, que os jovens mais usam são, portanto, uma ferramenta a incorporar no processo de ensino e de aprendizagem, como aconteceu com o ainda recente computador ou a anterior máquina de escrever, a calculadora, o retroprojetor ou o antigo quadro negro.

Com a integração das tecnologias, os docentes podem aceder às mais diversas funcionalidades e aplicações, aproximando-se do seu público e comunicando com ele dentro e fora da sala de aula. As tecnologias e as ferramentas e serviços da Web podem também ajudar os professores e/ou outros agentes a satisfazerem mais eficazmente as necessidades educativas dos estudantes, respeitando os ritmos individuais de trabalho de cada um. Aprende-se melhor fazendo e os estudantes ao executarem diferentes tarefas *online*, constroem-se intelectualmente. As TIC e a *internet* tornam-se efetivamente tecnologias educativas.

Nas modalidades *e-learning*, *b-learning* ou *m-learning*, as tecnologias digitais permitem partilhar dados ou documentos de difícil acesso por outros meios; comunicar síncrona e assincronamente em fóruns e *chats* que disponibilizam aos seus utilizadores; produzir materiais didáticos e publicar trabalhos ou divulgar projetos educativos, promovendo a aprendizagem colaborativa, construtiva e significativa. Os estudantes

aprendem a procurar informação, a comunicar, a colaborar, a participar ativamente na sociedade, isto é, aprendem a aprender criticamente.

Nas palavras de A. A. Carvalho (2008: 12) “os recursos existentes *online* e as ferramentas de fácil publicação da Web 2.0 constituem uma oportunidade para que professores e alunos possam aprender colaborativamente, divulgando e compartilhando as suas experiências e saberes”, e se adaptem à sociedade do seu tempo e às exigências que esta lhes impõe. “O importante é criar situações que envolvem os alunos na aprendizagem, que os preparem para a tomada de decisão, numa sociedade globalizada e concorrencial” salienta a autora (Carvalho, 2007:36).

Efetivamente, os professores que recorrem às TIC apostam em métodos e atividades modernas, dinâmicas e atrativas para os estudantes, proporcionando-lhes um contexto de aprendizagem favorável aos seus gostos e vivências mais reais. No entanto, como afirma Schulz *et al.* (2012: 07), citando J. L. de Almeida Machado (2006), “há muita disposição para a utilização, mas pouca paciência para um estudo mais aprofundado e a elaboração de projetos claros e bem definidos quanto a encaminhamentos, objetivos e resultados atingidos (...)”.

Muitos dos resistentes apontam a falta de meios, a falta de conhecimentos técnicos de base e a dificuldade de gerir turmas cada vez maiores como fatores para o desencanto pela tecnologia e tecnologia móvel. Não conhecendo, não sabem como orientar os estudantes na Web, como aplicar ferramentas disponíveis, como elaborar projetos criativos e atrativos ou mesmo como motivar os estudantes para a aprendizagem. Todavia, não será pela indiferença ou proibição do uso das tecnologias que conseguirão alterar o panorama atual de desinteresse pelo ensino e pelos métodos tradicionais de exposição e memorização de conteúdos sem recurso ao processamento e compreensão da informação. Os estudantes necessitam de ser estimulados e atraídos por novas formas de aprendizagem e de trabalho e as tecnologias são uma excelente alternativa por estarem muito próximas dos seus gostos e práticas.

Em síntese, professores e estudantes, precisam de se sentir aptos e motivados para a *mudança* e estar interessados em explorar e inovar no processo de ensino e de aprendizagem, aproveitando regularmente as mais diversas tecnologias nas aulas. Para isso é essencial que se apele à consciência dos estudantes para o facto de se tratar de ferramentas didáticas que podem utilizar, mas de forma estruturada, planificada e prevista

pelo professor, o mediador do processo. O uso indevido destas ferramentas deve ser punido à semelhança de qualquer outra ação contrária às regras do *saber-ser*, *saber-estar*, *saber-fazer* e *saber-conviver* em contexto educativo.

Por seu turno, os docentes devem apostar em formação prévia antes de iniciarem qualquer projeto baseado nas tecnologias, que inclua uma abordagem teórica e prática e os conduza no desenvolvimento de competências necessárias para que o sucesso seja o resultado final. Também neste contexto se aprende fazendo, pela ação, por tentativa ou erro – abordagem construtivista e ao longo da vida – para a atualização ser permanente e o encanto pela modernidade não se perca.

A formação entre colegas pode ser uma opção, uma vez que ambos compreendem a realidade escolar onde intervêm, podendo encontrar respostas para os desafios que enfrentam diariamente. Também a entreajuda entre professores e estudantes pode ser benéfica para desenvolverem conhecimentos informáticos e tecnológicos, visto que os estudantes de hoje caminham lado a lado com a tecnologia, conhecendo, em muitos casos, mais do que os próprios docentes. A partilha de projetos *online* pode ser outra das alternativas, tomando, assim, consciência do que podem fazer recorrendo às tecnologias e ao acesso à rede.

Como reconhece Adelina Moura (2008: 143-144) “[h]oje a realidade das salas de aulas é diferente de há quinze anos atrás. O público é diferente, as necessidades sociais são outras...é necessário que a escola dê resposta às exigências de um mundo cada vez mais global e móvel”. Essa resposta só será eficaz se, além de se apetrecharem com artefactos eletrónicos, as escolas proporcionarem aos seus agentes a formação necessária para poderem explorar as potencialidades das TIC em contexto educativo. Além das competências linguísticas e comunicativas, literárias ou científicas, antes exigidas aos docentes de Língua e Literatura Portuguesas, são agora requeridas competências técnicas específicas.

Neste sentido, também os agentes envolvidos na promoção da leitura recreativa estão atentos à *mudança* e tentam adaptar-se, recorrendo a várias ferramentas, serviços e aplicações disponibilizadas pela Web 2.0 e Web 2.0 Móvel para definir projetos, estratégias e desenvolver atividades atrativas e enriquecedoras do ponto de vista literário. Entre as várias possibilidades, as bibliotecas digitais nacionais desempenham já um papel

importante na dinamização e promoção da leitura a explorar pelos professores que trabalham atualmente com os jovens/leitores nas escolas.

Para que o estímulo e a concretização da leitura literária seja efetiva e contínua, na senda do que defende Teresa D'Eça, a sua aprendizagem deve basear-se em projetos, projetos integradores, que envolvam os estudantes de forma atrativa, projetos dinâmicos, que os façam pensar, executar e partilhar, que os tornem ativos, quer sejam “projetos baseados na Net (*Net-based projects*)”, “projetos colaborativos (*collaborative projects*)” ou “projetos de investigação (*inquiry-based projects*)” (D'Eça, 1998: 58). Segundo a autora, na aprendizagem baseada em projetos “o objetivo é duplo: motivar os alunos e gerar um ambiente participativo de aprendizagem e aplicação de conhecimentos” (*ibidem*: 59). Os estudantes assumem as tarefas, trabalham colaborativamente, investigam e partilham tanto as informações como o resultado final.

Na obra referida, *NetAprendizagem, a Internet na Educação*, a autora apresenta vários projetos, alguns portugueses, como o projeto “Conto em Construção” do Instituto de Inovação Educacional, moderado pelas professoras Rosário Oliveira, Paula Bárcia e pelo escritor Mário de Carvalho (desenvolvido entre janeiro e maio de 1997, entretanto desativado), com os objetivos de desenvolver o gosto pela escrita criativa e o gosto pela leitura literária. Infelizmente, dos vários projetos nomeados em português e inglês, são raros os que integram a literatura portuguesa ou de expressão em português.

Em suma, a *internet*, promovendo uma educação para todos e uma aprendizagem contínua, aposta em modelos de ensino dinâmicos e interativos, que desenvolvam no aprendente o gosto pelo saber e pela aprendizagem crítica e construtiva, acessível a qualquer momento e em qualquer local. Nas palavras de Bidarra (2007: 49)

“O processo de adquirir conhecimento através da tecnologia digital passou a qualificar-se como flexível, mutável, interligado, aberto, dinâmico, não-linear, rico em informação multimédia, público em vez de privado... Na educação, a motivação do estudante pode ser aumentada quando o estudante é envolvido num ambiente de aprendizagem interativo adequado, e desde que a aprendizagem implique desafios pessoais, múltiplos percursos, decisões relevantes e colaboração interpessoal.”

“Primeiro estranha-se depois entranha-se”, disse um dia Fernando Pessoa (1928). Tão certo estava outrora, como estarão presentemente os apologistas da integração das tecnologias com ligação à *internet* em contexto escolar, aliadas à motivação dos

possibilidade que oferece aos seus utilizadores de criar e partilhar informação na rede. Para o autor (O'Reilly, 2006) a

“Web 2.0 is the business revolution in the computer industry caused by the move to the internet as platform, and an attempt to understand the rules for success on that new platform. Chief among those rules is this: Build applications that harness network effects to get better the more people use them.”¹⁸

Sendo uma revolução para as pessoas explorarem e usarem, esta deve recorrer à inteligência coletiva (O'Reilly, 2005), a força que conduz a evolução da Web 2.0.

Embora sendo reconhecida e aproveitada tanto pela população em geral como pelo campo educacional, a Web 2.0 nem sempre apresenta definições consensuais. Anderson (2007), *apud* Ferreira & Pinto (2008: 108), define-a como “um conjunto de tecnologias associadas aos termos: blog, Wiki, podcast, rss, feeds, etc. que facilita uma conexão mais social da Web e onde toda a gente pode adicionar e editar informação” sem necessitar de grandes conhecimentos em informática.

De acordo com os mesmos autores (Ferreira & Pinto, 2008: 109), “este novo conceito, Web 2.0, é contextualizado numa nova geração de aplicações Web, onde tudo está acessível. O utilizador pode aceder a um conjunto de ferramentas dinâmicas com elevada performance de interatividade.”

Já Amélia Carvalho (2008: 07) nota que com a Web 2.0 “a facilidade de publicação *online* e a facilidade de interação entre os cibernautas [se] torna uma realidade.” Vive-se um processo de criação e partilha na rede e em rede e colabora-se e interage-se de forma sistemática, desenvolvendo-se a “inteligência plural e partilhada” (*ibidem*). Por conseguinte, a participação colaborativa e a partilha em grupo estimulam a confiança nos estudantes, promovendo a entreatajuda entre os membros das comunidades virtuais de aprendizagem.

Para Adelina Moura (2008: 124) “foram responsáveis por este fenómeno a popularização de aplicações como a *Wikipédia*, *YouTube*, *Flickr*, *WordPress*, *Blogger*, *My Space*, *Facebook*, entre outras ferramentas capazes de facilmente tornar qualquer utilizador num produtor de conteúdos” (ver figura 2.2).

¹⁸ Disponível em <http://radar.oreilly.com/2006/12/web-20-compact-definition-tryi.html>. Tradução de Raquel Pedro (2010: 93): a Web 2.0 é a "revolução dos negócios na indústria dos computadores causada pela mudança para uma Internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores e serem mais usados pelas pessoas.” Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652010000200008

Figura: 2.2 – aplicações da Web 2.0



(fonte *online*)¹⁹

Com a nova Web social os estudantes interagem mais entre si, recriando novas formas de comunicação, e com os conteúdos a explorar, podendo adaptá-los com mais facilidade aos objetivos propostos. Os utilizadores tanto criam e partilham as suas ideias e opiniões como recebem/leem as opiniões e as criações de outros cibernautas. Criam, recriam, partilham e utilizam conteúdos *online*, transformando ainda o modo como se trabalha na rede.

Para Simão (2006), *apud* Coutinho (2008: s.p.)²⁰, em síntese, esta nova realidade originou várias alterações:

“a primeira foi a capacidade crítica e ativa dos utilizadores que agora têm novas formas de comunicar com o mundo. A segunda, tem a ver com o facto da facilidade de publicar ter possibilitado a criação de comunidades que se juntam em torno de um interesse ou tema comum o que leva à criação de relações interpessoais que fortalecem o sentido de comunidade. Por último, quantas mais pessoas envolvidas na produção de conteúdo para a Web maior é a qualidade do serviço. Quanto mais membros maior é a atualização, a atualidade, a confirmação e a validação dos conteúdos.”

Apesar de ter surgido há relativamente pouco tempo (cerca de 20 anos), como se depreende pela figura 2.3, este fenómeno tão popular continua em constante evolução.

¹⁹

Disponível

em

http://2.bp.blogspot.com/vwwG_9IFIBU/T5_X3K08dJI/AAAAAAAAAHQ/7KbnuvQtBkI/s1600/web2-01.jpg

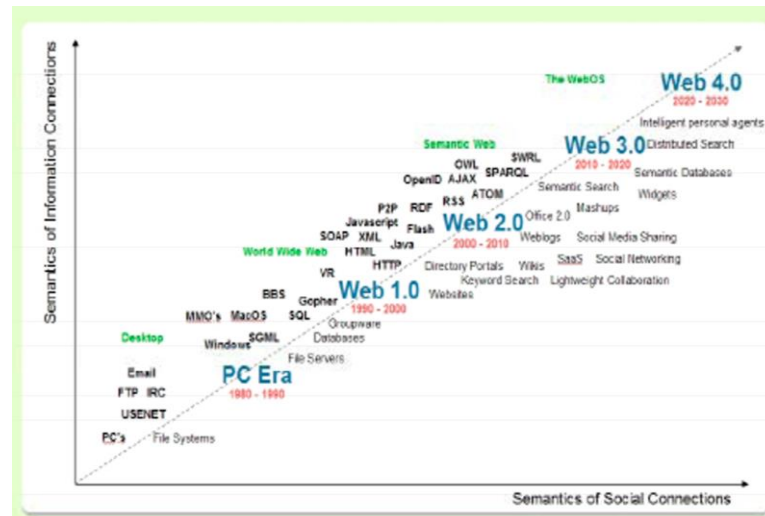
²⁰

Disponível

em

[http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=issue&op=view&path\[\]=30](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=issue&op=view&path[]=30)

Figura: 2.3 – a evolução da Web



(fonte *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores*, 2008: 108)

Com a Web 1.0, um serviço caro, estático e pouco participativo, os utilizadores eram simples observadores e consumidores de conteúdos. Foi, contudo, um serviço que provocou à época, como notam Coutinho & Alves (2010: 213), “enormes avanços no que diz respeito ao acesso à informação e ao conhecimento” por ser um espaço global, “um espaço aberto a todos, ou seja, sem um “dono” ou indivíduo que controlasse o acesso ou o conteúdo publicado.”

Da análise comparativa entre a Web 1.0 e a Web 2.0, a nova plataforma de oportunidades, efetuada por O’Reilly (2005), A. A. Carvalho (2008: 08) salienta que com a Web 2.0

“[a] Web passa a ser encarada como uma plataforma, na qual tudo está facilmente acessível e em que publicar online deixa de exigir a criação de páginas Web e de saber alojá-las num servidor. A facilidade em publicar conteúdos e em comentar os “posts” fez com que as redes sociais se desenvolvessem online. Postar e comentar passaram a ser duas realidades complementares, que muito têm contribuído para desenvolver o espírito crítico e para aumentar o nível de interação social online.”

No entanto, para Strecker (2007)²¹, citando Lévy (2007), a Web social e colaborativa não é uma novidade,

“... significa apenas que tem muito mais gente se apropriando da tecnologia da internet, o que a torna um fenómeno social de massa. Significa que não é mais necessário recorrer a intermediários ou técnicos. Do ponto de vista de conceito de base não há uma grande diferença em relação à internet original”.

²¹ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1408200711.htm>

Neste sentido, como assinalam ainda Coutinho & Alves (2010: 213) “muitos utilizadores, fruto da rapidez com que ocorreu o processo da mudança, nem se aperceberam que a internet mudou o seu paradigma.” Porém, a *mudança* aconteceu e com a nova plataforma os cibernautas passaram a produzir os seus próprios materiais e a publicá-los livremente na rede, “sem necessidade de conhecimentos de programação e de ambientes sofisticados de informática” (*ibidem*).

A Web 2.0 é feita para e pelos utilizadores à medida que acedem à rede e colocam as suas participações no ciberespaço, um espaço cada vez mais global e acessível a um maior número de pessoas. Resumidamente, nas palavras de Coutinho (2008: s.p.)²², “permite uma mais autêntica democratização ...” da Informação e do Conhecimento e uma “maior partilha e maior interatividade” entre os seus utilizadores.

Para Ferreira & Pinto (2008: 107), com a Web 2.0,

“...a Web começou a ter movimento, som e imagem.... O utilizador passou de consumidor a produtor de conteúdos, criando-os e partilhando-os a partir de qualquer lugar e em qualquer momento, desde que, possua um computador com acesso à Internet. Assim, assume um papel mais ativo, pois produz conteúdos, adiciona comentários, partilha ideias e relaciona-se. A comunicação passa a desenvolver-se de forma mais partilhada e colaborativa.”

No campo educativo, é vista como um *software* que apela à aprendizagem flexível, à comunicação e criação e partilha de conteúdos *online*, mantendo o ritmo e a liberdade de trabalho de cada utilizador.

Também Teresa D’Eça (1998: 35) destaca a interatividade como o “grande trunfo” da Web 2.0. Para a autora (*ibidem*), quando aplicada em contexto escolar e educacional,

“... põe os alunos a comunicar entre si, com professores, especialistas e, em alguns casos, elementos da comunidade; ... aproxima os alunos daquilo que os rodeia, da sua realidade, quer humana, quer material; ... confere autenticidade, objetividade, concretismo e pragmatismo à aprendizagem, fatores que contribuem para uma maior identidade com aquilo que os alunos têm de resolver e/ou executar; ... implica dinamismo, mudança e adaptação, polos de atração poderosos porque desligados da rotina; ... implica versatilidade, recurso a diversas componentes; por fim, ... requer um maior empenho por parte de cada aluno, uma maior responsabilização e controlo pela aprendizagem individual.”

Neste contexto, ainda A. A. Carvalho (cf. Carvalho, 2007) destaca a importância de aproveitar as ferramentas Web 2.0 no ensino básico e secundário, apontando-as como essenciais para a preparação dos jovens e para o desenvolvimento de competências de

22

Disponível em [http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=issue&op=view&path\[\]=30](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=issue&op=view&path[]=30)

cidadania na sociedade da informação e do conhecimento atual, dado que potenciam a aprendizagem personalizada, a comunicação, a socialização e a interação *online* entre conteúdos e estudantes, agora mais participativos e ativos na construção do seu próprio conhecimento.

“Estar *online* é imprescindível para existir, para aprender, para dar e receber”, afirma a autora (Carvalho, 2008: 12). Docentes e educadores devem, por isso, em contexto escolar, explorar todas as potencialidades da rede e das ferramentas e serviços que esta lhes oferece, como meio de aprender, individual ou coletivamente. Utilizando a nova plataforma, os estudantes podem comunicar de modo síncrono e/ou assíncrono com o professor, podem realizar pesquisas (texto, imagem, som), desenvolver a escrita colaborativa, criar e divulgar/partilhar publicações *online* nas plataformas de aprendizagem colaborativa, em blogues ou páginas pessoais (*Facebook...*). Em resumo, a *internet* torna-se “... cada vez mais a fonte de conteúdo para ensinar e para aprender” (Carvalho, *ibidem*).

Simultaneamente, nesta nova era, o professor não vive mais isolado: comunica, cria e partilha com colegas e estudantes, aprende continuamente e desenvolve-se a nível pessoal, social e profissional. Para Teresa D’Eça (1998: 39) “o professor passa a dispor de meios excelentes e rápidos, não só de contacto com colegas mas também de troca e partilha de conhecimentos, ideias, planos de aula, materiais, projetos, às escalas local, regional, nacional ou internacional, sem qualquer barreira espacial ou temporal.”

A possível publicação *online* de conteúdos, trabalhos ou projetos transforma os estudantes e professores consumidores em produtores e editores do seu próprio conhecimento. Dias (2008: 05) afirma que

“[o] facto de os consumidores de conteúdos de ontem participarem como produtores nas redes de conhecimento na Web, representa a expansão das fronteiras sociais e culturais da interação, nomeadamente através da construção coletiva do espaço desterritorializado das novas comunidades de aprendizagem na Web.”

Uma das grandes vantagens da publicação *online* é, indubitavelmente, a atualização permanente que permite: publica-se à medida que se termina o trabalho ou se quer partilhar informações sobre projetos ou atividades educativas, possíveis de alterar sempre que seja necessário ou se deseje, em qualquer instante ou em qualquer local, recorrendo à Web 2.0 Móvel.

Para “Ed Krol, having a home page on the Web is akin to have a personal billboard in cyberspace ...”²³ (D’Eça, *idem*: 102), tratando-se, para a autora, de uma “imagem pragmática e esclarecedora” do que a publicação *online* poderá ser em contexto educativo – um local público de partilha de informação de acesso ilimitado.

“A investigação já realizada mostra que as ferramentas da Web 2.0 podem constituir veículos para o desenvolvimento de um sem número de aprendizagens que, em contextos formais, se tornam muitas vezes aborrecidas e desmotivadoras”, afirma Coutinho (2008: s.p.)²⁴. Assim, por promoverem a comunicação, a interação, a colaboração e a socialização, devem ser alvo não só de estudo e de investigação, mas também de utilização por parte dos agentes educativos na promoção de atividades e projetos interativos e atrativos.

Ainda a propósito das ferramentas Web 2.0 de criação, armazenamento e partilha de informação, escrita ou audiovisual, em comunidades *online*, Adelina Moura (2008: 124) destaca essencialmente as que possibilitam a socialização e a colaboração em ambientes interativos e dinâmicos, como a “*Wikipédia, YouTube, Flickr, WordPress, Blogger, My Space, Facebook*”, afirmando que juntas “estão a tornar a Web numa plataforma de produção poderosa...” (*idem*: 125).

Nos últimos anos, consequência do aumento do número de dispositivos móveis com ligação à rede, também a Web 2.0 Móvel e suas aplicações ganharam inúmeros seguidores. Segundo a autora (cf. Moura, 2008), as ferramentas com versão móvel em expansão são o motor de busca *Google* (Pesquisa, *Gmail*, Agenda, Notícias, Fotos e Mapas), o *Blogger Mobile* e o “*YouTube ToGo*”, as versões móveis do *Blogger* e *Youtube* na Web, e a *Zoho Mobile*, a versão móvel da suite de produtividade *Zoho*.

No campo educativo, a autora destaca, entre outras, as ferramentas *O EQO12, Wikipédia, Mobilicio.us* ou *Twitter13* (cf. Moura, 2008). Atualmente, o motor de busca *Google* destaca-se como uma ferramenta muito útil, visto que oferece aos seus utilizadores várias aplicações prontas para acesso a qualquer hora e em qualquer local, como o *Gmail, Google Books, Google Play, Google Maps, Google Drive, Google Photos, Tradutor, Notícias, Calendário* ou *YouTube*.

Todavia, integrá-las nos processos de ensino e de aprendizagem exige aos docentes formação contínua e específica, pois as tecnologias estão em constante mutação e novas

²³ Tradução livre da autora: Para “Ed Krol, ter uma página inicial na Web é como ter um outdoor no ciberespaço...”.

²⁴ Cf. nota de rodapé número 22.

ferramentas, serviços e aplicações surgem sucessivamente na rede. Apenas trabalhando a modernidade com a modernidade, ou seja, promovendo no ensino novas competências técnicas e tecnológicas, os professores prepararão os estudantes para o presente século.

As tecnologias estão para ficar, caberá aos professores o desafio de as colocar ao serviço das necessidades dos estudantes, fomentando a aprendizagem construtiva e colaborativa. Docentes e educadores não devem ter medo do novo. Devem antes ser curiosos e estar interessados e motivados em aprender a cada dia, numa aprendizagem contínua. Para Antonio (2011, *online*)²⁵ o docente atual deve

“Aprender enquanto utiliza, e utilizar enquanto aprende; Aprender errando e corrigindo; Explorar novas maneiras de aprender; Integrar-se às redes sociais e aprender colaborativamente; Explorar possibilidades e ser criativo; Ser autônomo, não esperar passivamente por ajuda e nem desistir sem antes tentar; Aprender a ter prazer na aprendizagem; Aprender a compartilhar conhecimento, dúvidas e sonhos; Aprender a ensinar o outro a aprender a aprender; Aprender a estar eternamente insatisfeito.”

Seguindo os “dez mandamentos” citados pelo autor, os docentes, hoje, devem estar informados e atualizados, devem ter gosto em aprender, apostando na sua formação, para poderem ensinar mais e melhor e formar cidadãos ativos, informados, críticos, curiosos e preparados para enfrentar os desafios que a sociedade globalizada lhes impõe.

Por seu turno, também os estudantes devem estar abertos à *mudança* e ser autodidatas, explorando as tecnologias e aprendendo sozinhos. Em muitos casos, conhecem e utilizam diariamente, mais do que os professores, múltiplas ferramentas e aplicações da Web 2.0 e Web 2.0 Móvel. Circunstância que não deve ser considerada um obstáculo, mas uma oportunidade para docentes e estudantes trocarem experiências e partilharem ideias em comunidade, desenvolvendo a aprendizagem colaborativa.

Em suma, como observa Clara Pereira Coutinho (2008, *online*),²⁶

“Se a Web 2.0 abre todo um espaço de informalidade e ludicidade que motiva crianças, jovens e adultos para a construção de aprendizagens ricas e para o desenvolvimento de competências essenciais a todo o cidadão informado do séc. XXI como seja: ser interveniente, produzir conteúdos, ter capacidade crítica, comunicar na rede, trabalhar em colaboração, participar em comunidades não de proximidade mas de interesses comuns; então...há que continuar a explorar estas potencialidades...”.

²⁵ Disponível em <http://professordigital.wordpress.com/2011/01/20/as-tics-a-escola-e-o-futuro/>

²⁶ Disponível em [http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=issue&op=view&path\[\]=30](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=issue&op=view&path[]=30)

1.4 Modalidades de ensino *online*

O desenvolvimento tecnológico (*software* e *hardware*) e a *internet* permitiram o aparecimento de novos paradigmas educacionais, depois do ensino a distância (EaD) – o ensino *online* ou *electronic learning* (*e-learning*). Para Gomes (2005), *apud* Junior & Coutinho (2008: s.p.), o *e-learning*

“... pode abarcar situações de apoio tutorial ao ensino presencial, em que o professor-formador-tutor disponibiliza materiais, sugere recursos e interage on-line com os alunos (esclarecendo dúvidas, fomentando debates, estimulando a colaboração on-line), não constituindo este cenário um modelo de educação a distância ... O conceito de *e-learning* pode também estar associado a uma complementaridade entre atividades presenciais e atividades a distância tendo por suporte os serviços e tecnologias disponíveis na Internet (ou outra rede)”.

O paradigma educacional alterou-se, exigindo atualização, colaboração e criatividade entre os agentes educativos. A sala de aula privada deu lugar à “sala de aula global” (D’Eça, 1998: 67), modificando o contexto de aprendizagem que se centra mais no ambiente em que acontece e não tanto nos conteúdos curriculares.

Com o advento das tecnologias móveis e a disseminação das tecnologias da comunicação, surgiram novas variantes ao *e-learning*: o *b-learning* (*blended learning*), que combina métodos de ensino *online* com presencial, e o *m-learning* (*mobile learning*) ou aprendizagem móvel suportada por dispositivos móveis (telemóveis, *tablets*, *phablets*, PDAs, *Pocket PC*).

Com as novas modalidades de ensino, professores e educadores podem combinar o ensino presencial e o EaD: na sala/aula dedicam-se à criação e divulgação dos conteúdos/materiais valendo-se de documentos impressos, CD-ROM’s ou DVD’s; na rede recorrem a plataformas de *e-learning* (Sistemas de Gestão da Aprendizagem – SGA), a repositórios de documentos em suporte digital ou ao sítio da escola na *internet*, através do computador ou dos dispositivos móveis dos estudantes (PDA’s, *smartphones*, *tablets*, *iPods*...), que vão ao encontro dos seus atuais gostos e interesses.

A modalidade *b-learning*, também chamado de ensino misto ou bimodal, aproxima o ensino virtual e o ensino presencial e torna a aprendizagem mais flexível e colaborativa, permitindo uma nova organização do ensino tradicional. Geralmente é usado como complemento ao ensino presencial, às aulas em sala de aula, sem, no entanto, as pretender substituir.

Com esta modalidade, o estudante pode aceder aos conteúdos *online*, comunicar com o professor e os colegas, participar em fóruns e *chats* e realizar as atividades propostas. Pode ainda ser usado para minimizar o atual enfoque na componente presencial, sendo praticada apenas no início e no fim das aulas. Todos os conteúdos e materiais são organizados e disponibilizados *online* pelo *e-professor*, que convoca os estudantes a participarem em fóruns e/ou sessões síncronas de debate e partilha e os incita a executarem atividades e trabalhos colaborativamente.

Os novos dispositivos, generalizados entre a população escolar, permitem ao professor explorar e beneficiar do que de melhor têm as duas modalidades de ensino, combinando métodos, estratégias e atividades para que se desenvolvam novas competências e se amplie o conhecimento dos estudantes.

Já o *m-learning*, conforme informação da UNESCO (2013: 06),

“... involves the use of mobile technology, either alone or in combination with other information and communication technology (ICT), to enable learning anytime and anywhere. Learning can unfold in a variety of ways: people can use mobile devices to access educational resources, connect with others, or create content, both inside and outside classrooms.”²⁷

Apresenta-se aos estudantes como uma atrativa e moderna forma de aprendizagem, explorando e transferindo para o ensino as tecnologias mais usadas e conhecidas da população escolar – os dispositivos móveis. Leves e sem fios, são fáceis de transportar, facilitam a mobilidade dos estudantes entre a escola e o mundo pessoal e fomentam uma aprendizagem e um desempenho dinâmicos *just-in-time*, *just-in-place*. São, por esse motivo, considerados dispositivos pessoais amigáveis, quando usados nas esferas pessoais e sociais, sendo potenciais ferramentas educacionais, quando incluídos na educação.

No campo educativo permitem “o acesso a conteúdos sem limites de espaço ou tempo e uma organização mais flexível do tempo de aprendizagem” (Moura & Carvalho, 2011: 324), devendo ser integrados nos processos de ensino e de aprendizagem como complemento ao ensino tradicional praticado ainda em maioria no país. São potenciais ferramentas educativas já conhecidas e utilizadas por professores e estudantes em suas vidas pessoais.

²⁷ Tradução livre da autora: “...envolve a utilização de tecnologia móvel, isoladamente ou em conjunto com outras tecnologias de informação e comunicação (TIC), para possibilitar a aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar. A aprendizagem pode acontecer de uma variedade de formas: as pessoas podem utilizar dispositivos móveis para aceder a recursos educativos, conectar-se com outros, ou criar conteúdo, tanto dentro como fora da sala de aula.”

Para Clark Quinn (2011), *apud* Moura & Carvalho (2011: 324), o “*mobile learning* é qualquer atividade que permita ao utilizador ser mais produtivo quando consumindo, interagindo ou criando informação mediada através de um dispositivo compacto digital portátil, de tamanho reduzido, com conectividade e que tenha consigo regularmente.” Neste sentido, as autoras observam que “a ubiquidade e a sensibilidade ao contexto, serão sempre aspetos da mobilidade que farão do *m-learning* uma abordagem única e especial na educação” (*ibidem*).

Recorrendo à opinião de Alexander (2004), as autoras (Moura & Carvalho, 2010: 1001) destacam ainda a ideia de que “a aplicação de tecnologias móveis na educação está a transformá-la, ao permitir ligar professores e alunos dentro e fora da sala de aula e proporcionar uma aprendizagem cada vez mais ubíqua” que apela à mobilidade dos estudantes entre Escola, família e vida social. Os pré-requisitos são apenas ter em sua posse um dispositivo móvel favorável à aprendizagem, com bateria carregada e duradoura, ligação à Web e servidor ativo, o que já se verifica regularmente.

A aprendizagem torna-se flexível, oferecendo liberdade ao estudante para definir o seu percurso educativo e começar em qualquer momento a construir a sua própria progressão pelos conteúdos de acordo com as suas necessidades e objetivos. Os estudantes acedem às informações, conteúdos ou documentos *online*, “derrubando” as paredes da escola tradicional. Podem ainda armazenar os materiais para a eles acederem quando não estão ligados à rede.

Não obstante, os conteúdos precisam sempre de ser úteis, interessantes e atuais para atrair os estudantes, assim como as estratégias e as atividades a implementar para que se sintam motivados e satisfeitos com os novos modelos de ensino e de aprendizagem em detrimento de práticas direcionadas para a memorização ou repetição.

Em foco estão as tecnologias móveis, mas o objetivo central continua a ser a aprendizagem centrada no estudante, construtiva, autónoma e colaborativa, mediada pelo *e-professor*. Neste sentido, os projetos de aprendizagem devem também ser interativos, autênticos, colaborativos, centrados no estudante e desenvolvidos em ambientes dinâmicos, apelando à mobilidade e à liberdade dos estudantes. Estes devem ser responsabilizados por aceder à plataforma *online*, organizar o seu estudo, participar em fóruns ou *chats*, partilhar ideias, trabalhos, materiais ou apenas deixando as suas opiniões.

Nenhuma das modalidades de ensino apresentadas pretende substituir a escola ou o professor ou se pretende sobrepor ao ensino presencial. Explorando as tecnologias digitais tão próximas dos estudantes, procuram antes auxiliar os processos de ensino e de aprendizagem de diferentes disciplinas, sendo mais um método, uma opção de ensino com vista ao sucesso escolar, motivação e participação ativa dos intervenientes.

Com a queda dos preços do *hardware* tecnológico, o consequente aumento das vendas de *smartphones* e *tablets*, com acesso à *internet* e ecrãs de tamanhos consideráveis que facilitam a pesquisa e a leitura *online*, e o avanço das redes sem fios (*wireless*), o *m-learning* será, efetivamente, uma prática comum entre a comunidade escolar, tornando “o ensino disponível *anywhere* e *anytime*” (Junior, Coutinho & Alexandre, 2006: s.p.).

Os estudantes, utilizando os seus dispositivos, confrontam-se com métodos inovadores de aprendizagem que podem contribuir decisivamente para a motivação e empenho nas tarefas a realizar, como notam as autoras Moura & Carvalho (2011: 235):

“As tecnologias móveis, em particular o telemóvel, são pessoais e portáteis, podendo suscitar nos aprendentes um sentimento de propriedade pessoal sobre as tarefas de aprendizagem e as tecnologias utilizadas (Waycott et al., 2005) propiciador da motivação e empenho nas atividades de aprendizagem. Como refere Quevedo (2008) no telemóvel há algo da civilização atual, da socialização e da sociedade contemporânea. Neste sentido, o telemóvel parece ser um suporte adequado para desenvolvimento de estratégias de aprendizagem individual e colaborativa.”

Para Mar Camacho & Tíscar Lara (2011), citados por Vieira & Coutinho (2013: 78), o *m-learning* é um modelo de aprendizagem vantajoso que

“centra a aprendizagem no ambiente e contexto do estudante; permite a publicação imediata de conteúdos; favorece a interação e colaboração; facilita a criação de comunidades de aprendizagem; melhora a confiança e autoestima na aprendizagem; permite uma aplicação imediata dos conhecimentos; enfatiza a aprendizagem diferenciada; [e] favorece o trabalho colaborativo.”

Em resumo, as vantagens mais evidentes são a portabilidade (a qualquer hora/ em qualquer lugar), a comunicação em rede (aprendizagem colaborativa), a personalização do ensino e a combinação com a modalidade *blended learning*, aumentando a velocidade da aprendizagem, o acesso à rede e à informação e fomentando a memória coletiva, a qualidade de ensino e a durabilidade da aprendizagem. Na Europa é já uma realidade em universidades, escolas secundárias ou centros de formação, à frente do serviço de *e-learning*.

Nesta modalidade de ensino, o professor tem a função de orientar os aprendentes, facilitando-lhes, por um lado, ferramentas de comunicação, partilha e interação no ambiente de aprendizagem em que estão inseridos, e dando-lhes, por outro, espaço para que evoluam e construam o seu conhecimento valendo-se da criatividade e da colaboração entre colegas. O professor acompanha a evolução dos processos de ensino, assumindo o papel de orientador e facilitador da aprendizagem.

Em comparação com as modalidades anteriores, o *m-learning*, sendo auxiliado por dispositivos móveis modernos, mais pequenos, mais leves, com maior capacidade de armazenamento, de energia e menor preço, reduz em muito os gastos do utilizador, uma vez que apenas necessita, agora, de um aparelho que serve para diversos contextos e para diversos propósitos.

Em Portugal, além dos estudos sobre a utilização de dispositivos móveis no processo de ensino e de aprendizagem, existem também projetos baseados no *m-learning*. Por exemplo, Adelina Moura & A. A. Carvalho, em 2008, desenvolveram o projeto “Geração Móvel”, direcionado para duas turmas de LP e duas de Língua Francesa, apontando algumas atividades propostas aos estudantes utilizando o telemóvel. Outro projeto conjunto das investigadoras é o projeto “Peddy-paper literário mediado por telemóvel”, desenvolvido em 2009 também para estudantes da disciplina de Português do 11º ano do Ensino Profissional, da Escola Secundária Carlos Amarante, em Braga. Já em 2005 Adelina Moura desenvolveu o projeto “Português on-line” para estudantes do 10º, 11º e 12º anos da Escola Profissional de Braga, indiciando que o *m-learning*, ainda que em fase inicial, se começava a afirmar nas escolas portuguesas.

1.5 A geração *touchscreen*

Bem instalado na Sociedade de Informação e Comunicação, o tradicional PC (*desktops* e *laptops*), foi, ainda na década anterior, confrontado com a ascensão da tecnologia portátil, os dispositivos de bolso inteligentes – *smartphones* e *tablets*. Estes minicomputadores, competindo entre si no tamanho, no peso, no preço, nas funcionalidades e facilidade de utilização, têm a mobilidade e a ubiquidade como maiores vantagens.

A tecnologia móvel rapidamente se difundiu entre a população mundial e a presença de dispositivos móveis em casa, no trabalho, na escola ou em contextos formais ou informais de socialização é uma realidade indiscutível, modificando as formas de ser e de estar e de relacionamento e entretenimento. “Cerca de 96% dos alunos possuem estes dispositivos”, afirma Cardoso *et al.* (2007), *apud* Moura (2008: 143), referindo-se à presença dos telemóveis na vida dos jovens, que os utilizam para enviarem/receberem SMS e acederem facilmente à *internet* aproveitando os serviços de WI-FI, 3G ou 4G disponíveis. O custo da ligação está muitas vezes inserido na mensalidade ou tarifário que subscrevem.

A “geração polegar” – “jovem geração que usa destramente o polegar para enviar mensagens de texto ou imagem, para jogar consola ou aceder à *internet* através dos *gadgets* móveis” (Moura, 2009: 59), dá lugar, na atualidade, à geração *touchscreen* – nova geração digital de crianças, jovens e adultos que repetidamente percorre com os dedos o ecrã dos novos dispositivos (*smartphones*, *tablets* e *phablets*) desenvolvidos com tamanhos de grande resolução sensíveis ao toque.

O novo teclado virtual converte-os nos *gadgets* móveis mais desejados por todos na contemporaneidade, vulgarizando-se a sua utilização entre a geração digital. O acesso à informação *online* e à comunicação em tempo real pelas tecnologias móveis com serviço *wireless* alargou-se a todos os contextos em que atua quotidianamente. Com eles pode ver filmes (em *Full HD*), ouvir música, ler jornais, revistas, textos literários, escrever mensagens, *e-mails*, conversar em *chats*, fóruns, redes sociais, aceder à conta bancária, comprar *online*, ou simplesmente fazer uma operação aritmética, uma anotação ou postar um lembrete.

Fazendo parte das suas “vidas digitais” (Green & Hannon, 2007, *apud* Ferreira & Tomé, 2010: 25), os dispositivos móveis da atualidade englobam todo o equipamento digital (rádio, televisão, máquina fotográfica, câmara de filmar, gravador, calculadora...) que jovens e adultos precisam e usam rotineiramente, devendo, por esse motivo, ser usados para transformar o seu tempo gasto em diversão em momentos de construtiva aprendizagem.

Hoje as necessidades comunicacionais esbatem-se perante as ferramentas, serviços e aplicações que a Web 2.0 e Web 2.0 Móvel oferecem aos seus utilizadores. O ser humano procura um dispositivo que combine as funcionalidades de um telemóvel com as de um

PC, para que a sua vida se torne mais simples e mais cómoda. Por estar inserido numa sociedade em constante aceleração, deseja um telemóvel com dimensões razoáveis (ecrãs maiores, geralmente 4, 5 ou 6 polegadas) capaz de satisfazer ou solucionar todas as suas necessidades – comunicar, ler, investigar, jogar, fazer compras – de forma fácil e rápida.

A tecnologia está em constante evolução e os dispositivos móveis à disposição do público digital mudam de semana para semana. Sendo intermutáveis, atraem-no a manter-se atualizado e a adquirir novos modelos de *gadgets* com novas funcionalidades, como está a acontecer com os recentes *phablets*. Além dos novos modelos, outros fatores como a redução do custo do *hardware* e o aumento da velocidade de acesso à *internet* têm sido decisivos para a *mudança* do gosto e dos hábitos da população jovem e adulta, influenciando-a na compra final.

Desde o surgimento dos *smartphones*, diversas funções específicas dos PC's ou outros dispositivos portáteis foram integradas nos novos dispositivos móveis, anulando significativamente as diferenças entre os atuais telemóveis e o tradicional PC. Em fase de resolução estão alguns dos problemas relacionados com a digitação manual de textos, o uso da tecnologia de reconhecimento de voz e de canetas próprias (*styluses*).

Também para Adelina Moura (2009: 52) “os telemóveis mais recentes apresentam desenho ergonómico, aparência, sensação e funcionalidades de um diminuto computador portátil”, conectividade semelhante e capacidade de memória em muitos casos superior, servindo-se de cartões de memória SSD de vários GB ou TB. Por conseguinte, “mobile technology, especially mobile phones, is becoming an integral part of modern life around the world. Increasingly powerful, with more and more features and services, it is providing access to content anywhere, anytime...”²⁸ (Moura & Carvalho, 2004: 90).

A tecnologia usada para aceder à rede com dispositivos móveis é o Sistema Global para Comunicações Móveis (GPRS). Como afirmam Junior, Coutinho & Alexandre (2006: s.p.)

“Estas redes permitem o transporte de dados por pacotes... oferece[m] uma taxa de transferência de dados muito mais elevada que as taxas de transferência das tecnologias anteriores... o serviço é “sempre ativo”... permite[m] que vários usuários compartilhem os mesmos recursos... [e] permite[m] as operadoras GPRS disponibilizar acesso à Internet em alta velocidade e a um custo razoável...”.

²⁸ Tradução livre da autora: “a tecnologia móvel, especialmente os telemóveis, está a tornar-se uma parte integrante da vida moderna em todo o mundo. Cada vez mais eficiente, com mais funcionalidades e serviços, fornece acesso a conteúdos em qualquer lugar, a qualquer hora...”.

Dos dispositivos móveis em destaque no presente trabalho, os *smartphones* são, presentemente, os mais populares. Quase toda a população jovem e adulta os possui e usa habilmente. Segundo informação *online* “um *smartphone* é um telemóvel com funcionalidades avançadas...”. Para lá do serviço de voz digital, as características básicas são a “conexão com redes de dados para acesso à *internet*, a capacidade de sincronização dos dados do organizador com um computador pessoal, e uma agenda de contatos que pode utilizar toda a memória disponível do celular – não é limitada a um número fixo de contatos” (cf. Wikipédia).²⁹ Os primeiros, que surgiram em 2002, eram grandes, pesados e exigiam aos utilizadores que pagassem elevadas quantias na sua aquisição. Apenas depois de 2007, com o aparecimento do *iPhone* da *Apple* e de novos modelos mais pequenos e ultrafinos, se popularizaram entre os utilizadores da tecnologia móvel.

Os componentes dos telemóveis – processadores, baterias, teclados, ecrãs, memória ou carregadores – seguindo a evolução dos modelos, contribuíram decisivamente para a alteração do modo como são usados e para o aumento do número de vendas. De acordo com informações *online*, em 2013, “pela primeira vez no segundo trimestre, as vendas mundiais de *smartphones* superaram as dos celulares comuns, chegando a 46,5% em um ano, segundo uma pesquisa da Gartner consultoria...”.³⁰ “No total, foram vendidos 435 milhões de celulares no mundo no período, sendo que 225 milhões são *smartphones*” (*ibidem*), correspondendo a um total de 51,8% das vendas. Com a competitividade no mercado tecnológico e a resultante descida dos preços, a posse de *smartphones* disseminou-se, deixando de ser exclusiva apenas das elites.

Por sua vez, os *tablets*, espécies de lousas digitais desenhados em superfícies planas agradáveis aos olhos e às mãos dos utilizadores, são também o desejo mais comum da população jovem e adulta. Sentem-se especialmente curiosos pela sua aparência e funcionalidades, resultado da perfeita conjugação entre *design* e moderna tecnologia, satisfazendo a *mudança* de gostos e hábitos da sociedade contemporânea. Em resumo, realizam as mesmas operações que o tradicional PC e são fáceis de utilizar. Com suporte *multitouch* assumem as preferências dos consumidores. Neste sentido, superaram igualmente as expectativas do mercado e “em 2013 foram vendidos 700 mil tablets, refletindo um crescimento de 90,9% face a 2012. A IDC acredita que o negócio dos *tablets*

²⁹ Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Smartphone>

³⁰ Disponível em <http://www.brasil.rfi.fr/economia/20130814-vendas-de-smartphones-no-mundo-superam-celulares-comuns>

vai continuar em ascensão: em 2014, as vendas de *tablets* deverão crescer 16,5% face a 2013 – e nos próximos três anos deverá manter-se um crescimento de dois dígitos ao ano”³¹, convertendo-se nos companheiros ideais de jovens e adultos no acesso à informação, ao conhecimento ou como comunicação e entretenimento.

Não obstante, com ecrãs cada vez maiores e de excelente resolução surgem, no mercado da tecnologia digital, os *phablets*, “termo informal criado para designar dispositivos de telas sensíveis ao toque com mais de 5 e menos de 7 polegadas, que reúnem os recursos de um *smartphone* aos de um *tablet* – com a integração opcional de uma caneta *stylus*.”³² A ideia original pretende que o utilizador, devido aos novos tamanhos e maior qualidade dos ecrãs, usufrua dos universos da comunicação e do entretenimento num só dispositivo, sem necessidade de gastos adicionais. Leves e finos resolvem ainda questões de espaço e transporte que os *tablets* poderiam gerar.

Cumprindo os critérios da mobilidade e portabilidade que um telemóvel requer, surgiram no mercado pela primeira vez em 2010 com o modelo da *Dell*, o *Dell Streak 5*, mas sem sucesso. Em 2011 despontaram no mercado os novos modelos da Samsung, os *Galaxy Notes*, e as vendas do novo dispositivo híbrido dispararam, índice da satisfação da população. Parece que vieram para ficar como confirmam os novos modelos e marcas disponíveis no mercado (LG, Asus, HTC...).

Em contexto educativo, *smartphones*, *tablets* ou *phablets*, com ecrã *multi* ou *full touch* (espécies de lousas digitais em miniatura, cf. Antonio, 2012), resgatam para o ensino e para a aprendizagem a imagem da antiga lousa negra portátil e reutilizável. Todavia, agora, não se utiliza mais o giz e não se apaga com a esponja. Nos *gadgets* móveis escreve-se virtualmente e trabalha-se na rede e em rede, respondendo às “competências essenciais na sociedade atual, como a gestão de múltiplas fontes de informação, o manuseamento de diversos tipos de *media* e o funcionamento colaborativo em rede” (Ferreira & Tomé, 2010: 24).

Para Jan Webb (*online*)

“Tablets are becoming increasingly common tools in schools. There's a wealth of options available, a range of web apps or apps designed for different operating systems and so many

³¹ Disponível em <http://exameinformatica.sapo.pt/noticias/mercados/2014-03-10-Tablets-mais-de-700-mil-unidades-vendidas-em-Portugal>

³² Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Phablet#cite_note-androidauthority-1

choices for teachers and students to make that it is sometimes useful to know the range of ways that they are making a difference across a range of different subject areas.”³³

Como parte integrante da vida dos jovens nativos digitais, devem ser explorados pelos processos de ensino e de aprendizagem, na senda do que defende o documento *UNESCO Policy Guidelines on Mobile Learning* (2013: 40):

“In a world that is increasingly reliant on connectivity and access to information, these devices are not a passing fad. As mobile technologies continue to grow in power and functionality, their utility as educational tools is likely to expand and, with it, their centrality to formal education.”³⁴

Convém ressaltar, contudo, que por si só estes dispositivos não fazem milagres, ou seja, não melhoram nem resolvem os problemas do sistema de ensino e aprendizagem, nem transformam estudantes e professores maus em estudantes e professores excelentes. Como afirma Pierre Lévy (1998) “a tecnologia apenas condiciona mudanças, não as realiza” (*apud* Schulz *et al.*, 2012: 25), cativando e motivando os estudantes “a envolver-se na aprendizagem como nunca foi visto antes o que certamente terá consequências nos seus desempenhos” (Moura, 2008: 126) como atores na atual Sociedade do Conhecimento.

Neste contexto, um professor sem conhecimentos tecnológicos ou desconhecedor do que a mais moderna tecnologia lhe oferece a nível pessoal e profissional sentir-se-á “perdido” entre a vasta parafernália tecnológica que os estudantes trazem para a sala de aula. Não acompanhando o ritmo das mudanças sociais, pode ser encarado como um professor antiquado e renitente à *mudança*.

É preciso, por isso, “que os professores se adaptem a este mundo e propiciem aos alunos práticas educativas inovadoras” para não se transformarem “rapidamente uma espécie obsoleta” (Castells, 2008, *apud* Moura, 2009: 57). Também Fontana (2008), citado por Moura (2009: 60/61), observa que “classrooms need to adapt to serve students who are

³³ Disponível em <http://www.naace.co.uk/cpd/tablets>. Tradução livre da autora: “Os tablets estão a tornar-se cada vez mais comuns nas escolas. Há uma grande variedade de opções disponíveis, uma gama de aplicações web ou aplicações concebidas para sistemas operativos diferentes e tantas opções para professores e estudantes, que é útil saber o leque de escolhas disponíveis e que fazem em áreas temáticas diferentes.”

³⁴ Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002196/219641e.pdf>. Tradução livre da autora: “Num mundo cada vez mais dependente de conectividade e acesso a informação, estes dispositivos não são uma moda passageira. À medida que tecnologias móveis continuam a crescer em poder e funcionalidade, a sua utilidade como ferramentas educacionais provavelmente se expandirá e, com isso, a sua centralidade na educação formal.”

plugged in online as never before, and corporations will need to adjust to the “thumb generation” and its thirst for connectivity and numerous computing devices.”³⁵

Em Portugal, o uso de dispositivos móveis, em contexto escolar e educacional, é proibido, essencialmente por vários professores e educadores os apontarem como motivo de distração e dispersão dos estudantes (cf. Moura, 2009; Moura & Carvalho, 2009). Todavia, recentemente, são reconhecidos por estudiosos (cf. Moura, 2008; Moura & Carvalho, 2008a, 2008b) e professores como recursos que potenciam a união, a atenção e a participação ativa dos estudantes, por trabalharem no seu ambiente natural – a tecnologia e a Web, conectados em grupos, trabalhando em colaboração e aprendendo autonomamente.

Proibir não é solução. É preciso, antes, educar os estudantes para o uso dos dispositivos móveis na sala de aula e punir o mau uso que lhes poderão dar, explorando o “como e quando poderão ser melhor [*sic*] utilizados”, como refere Adelina Moura (2009: 53), e inculcando-lhes que os devem utilizar como ferramentas pedagógicas promotoras de aprendizagens.

Também Quevedo (2008), *apud* Moura (2009: 58), observa que

“a pior reação da escola é o proibicionismo. O pior é proibir, o melhor é regular e aceitar os desafios de pensar se é possível trabalhar com esta tecnologia. Para este sociólogo reduzir o telemóvel à proibição é esquecer que há nele algo da civilização atual, da socialização e dos vínculos na sociedade contemporânea. Tem de haver uma mudança de paradigma e encontrar formas de incorporar o uso do telemóvel em certas atividades escolares.”

Em consequência, algumas escolas estão já a utilizar as tecnologias móveis nos processos de ensino e de aprendizagem, estimulando o uso das suas ferramentas para acederem a competências várias, na procura de estudantes atualizados e formados para enfrentar e competir no atual mercado laboral. O desenvolvimento do espírito crítico, da colaboração e da resolução de problemas/tarefas é uma das bases do trabalho realizado (cf. Moura, 2009).

Tirar partido das tecnologias digitais e dos dispositivos móveis que estudantes e professores usam no seu dia-a-dia é também um dos objetivos do ensino e da aprendizagem da Língua e Literatura Portuguesas, pela diversidade de opções que oferece aos seus utilizadores no campo da educação. Assim, ultrapassando o problema da falta de computadores nas salas de aula, ultrapassando o problema ainda maior da falta de recursos

³⁵ Tradução livre da autora: “as salas de aula precisam de se adaptar para servir os estudantes que estão conectados *online* como nunca, e as corporações vão precisar de se ajustar à “geração dos polegares” e à sua sede de conectividade e diversos dispositivos de computação.”

económicos e humanos para a instalação de redes de computadores nas escolas públicas, professores e estudantes recorrem aos seus dispositivos para modernizarem o ensino e a aprendizagem, seguindo o modelo *BYOD – Bring your own device* (“traz o teu próprio dispositivo”), que explora a utilização dos dispositivos que possuem e transfere da escola para os agentes educativos os custos na aquisição de novos equipamentos tecnológicos.

Num artigo publicado *online*, Earnier Kramer (2012) nota que

“More and more schools are implementing Bring Your Own Device (BYOD) programmes, which allow students to bring their own SmartPhone, iPod touch, iPad, tablet or other device into school.

An obvious benefit is the lower cost of implementing a mobile learning programme when compared to a traditional school-supplied device roll-out. Giving pupils the ability to choose and use the device they are most comfortable with also promotes personalised learning and problem-solving; it can create a multi-device classroom where students work collaboratively to choose the best device for a given task, often switching between devices.”³⁶

Atualmente, desde cedo, os estudantes têm telemóveis ou *tablets* da última geração, levando-os para a escola como forma de ostentação ou por perceberem que são ferramentas essenciais no acesso à informação e à comunicação, indispensáveis à aprendizagem e à cimentação do conhecimento. Podem ser explorados para atividades de escrita, individual ou coletiva, e de leitura, silenciosa ou em voz alta; como cadernos pessoais para a organização e armazenamento de informação ou notas fornecidas pelo professor; para pesquisa de vários conteúdos ou temas em exploração; ou ainda para a publicação e divulgação *online* de trabalhos ou projetos colaborativos. Como os trazem sempre com eles, os estudantes podem rever a informação ou os documentos quantas vezes quiserem e acharem necessárias.

Algumas das limitações que lhe eram apontadas em estudos anteriores, como o “tamanho do ecrã, memória, armazenamento e velocidade de banda” (Moura, 2008: 142), estão hoje ultrapassadas: o ecrã tátil com maior definição apresenta dimensões desejadas não só para ler como para qualquer outra ação *online*; os dispositivos vêm equipados com sofisticados cartões de memória externa, onde se pode armazenar quantidades

³⁶ Disponível em <http://www.sec-ed.co.uk/best-practice/byod-in-10-steps>. Tradução livre da autora: “Mais e mais escolas estão a implementar o programa Traz o Teu Próprio Dispositivo (BOYD), que permitem aos alunos trazer o seu próprio *Smartphone*, *iPod Touch*, *iPad*, *tablet* ou outro dispositivo para a escola. Um benefício óbvio é o custo menor de implementar um programa de aprendizagem móvel, quando comparado com o fornecimento de dispositivos pela escola. Dar aos alunos a possibilidade de escolher e usar o dispositivo com o qual estão mais confortáveis também promove a aprendizagem personalizada e a resolução de problemas; pode criar uma sala de aula com vários dispositivos onde os alunos trabalham em colaboração para escolher o melhor dispositivo para uma certa tarefa, frequentemente alternando entre dispositivos.”

consideráveis de dados; e o acesso à rede faz-se por banda-larga a velocidades compatíveis com as praticadas nos seus *laptops*.

Sendo versáteis, permitem a realização simultânea de multitarefas, aceleram o processo de ensino e de aprendizagem e promovem aprendizagens ricas e duradouras em ambientes adaptáveis às reais necessidades educativas dos estudantes. Para Moura & Carvalho (2010: 1002), além da mobilidade, versatilidade e flexibilidade, as maiores capacidades dos dispositivos móveis serão sempre a

“portabilidade – o pequeno tamanho e peso do dispositivo permite levá-lo para diferentes locais; interação social – troca de dados e colaboração com outros utilizadores; sensibilidade ao contexto – é reunir e responder aos dados reais ou simulados no local, ambiente e tempo; conectividade – pode-se criar uma rede partilhada conectando dispositivos móveis a dispositivos de recolha de dados ou outros dispositivos, ou a uma rede comum; individualidade – atividades difíceis podem ser apoiadas e personalizadas para aprendentes individuais.”

Ter atualmente acesso à tecnologia móvel e à *internet* é considerado também uma questão de inclusão social. *Smartphones* e *tablets* podem contribuir para a interação presencial entre os jovens e a população escolar, integrando-se em determinado grupo, uma vez que a comunicação virtual está sempre assegurada pelos dispositivos de bolso. Ainda que não resolvam o problema da exclusão de alguns grupos sociais, podem contribuir para a sua diminuição, abrangendo comunidades que não possuem meios para adquirir dispositivos mais sofisticados e mais dispendiosos, como *desktops*, *laptops* ou *iPhones*.

No concernente à leitura literária podem ser usados em projetos de promoção da leitura com crianças, jovens e adultos, visto que os têm sempre à mão, prontos a ser usados em qualquer local e a qualquer momento, basta desejarem-no. Consequentemente, os estudantes transformam os seus instrumentos pessoais em ferramentas de aprendizagem coletiva, alterando a ideia comum de que são mais do que uma simples moda. Por serem fáceis de transportar e favoráveis à leitura, os dispositivos móveis são hoje potenciais aliados de professores e educadores, mesmo nos países em desenvolvimento.

Segundo um estudo publicado recentemente pela UNESCO, *Reading in the mobile era: a study of mobile reading in developing countries* (2014), elaborado pela Nokia e pela WorldReader, envolvendo 7 países em desenvolvimento (Etiópia, Gana, Quênia, Índia, Nigéria, Paquistão e Zimbabué), os telemóveis podem ser usados na alfabetização e na promoção da leitura, sobretudo junto de quem não tem acesso aos circuitos tradicionais de acesso ao livro impresso.

No mesmo relatório pode ainda ler-se que a leitura em suporte digital fazendo uso dos telemóveis ou outros dispositivos móveis contribuirá decisivamente para alargar a leitura a um maior número de leitores, visto que a tecnologia móvel está já presente em todo o mundo, mesmo nos locais onde os livros são escassos. A leitura digital é o caminho melhor a seguir no acesso ao texto, para a organização, e a melhor ferramenta no combate à iliteracia, ao analfabetismo e ao desconhecimento do Homem, criando novos leitores e alargando a leitura aos grupos onde estes se inserem.

Dos resultados obtidos, ressalta a ideia de que as pessoas leem mais quando leem em dispositivos móveis, que gostam mais desta modalidade de leitura e que leem livros infantis às crianças a partir dos seus dispositivos. Os jovens são o grupo mais entusiasmado, talvez por estarem mais próximos dos ambientes virtuais de leitura.

Concluindo, para que novos projetos de promoção e divulgação da leitura suportados pelas tecnologias surjam, como defende A. Moura (2008: 143), a imaginação é o limite:

“A combinação dos telemóveis, das tecnologias de informação e comunicação e de uma pedagogia adequada podem ser um grande auxílio no processo de ensino e aprendizagem. Esta combinação não só ajudará a aprendizagem e retenção de conteúdos curriculares, mas também aprender a usar a própria tecnologia preparando os alunos para o futuro.”

2. A LEITURA LITERÁRIA HOJE

- 2.1. O valor da leitura literária – por que ler hoje?
- 2.2. O papel da Escola e do professor atual na promoção da leitura literária
- 2.3. A Web 2.0 e a leitura literária (vantagens e/ou limitações)
- 2.4. Uma nova era – um novo rumo: o *e-book* e a *e-leitura*

2 A LEITURA LITERÁRIA HOJE

O presente capítulo apresenta (i) uma abordagem ao valor da leitura literária na formação e atuação pessoal, intelectual e social do ser humano; (ii) uma abordagem ao papel da Escola, enquanto instituição de serviço público, e dos professores de Língua e Literatura no ensino e na aprendizagem da leitura literária hoje; (iii) uma abordagem às novas formas de ler potenciadas pelas ferramentas e serviços disponibilizados pela Web 2.0 e Web 2.0 Móvel.

2.1 O valor da leitura literária – por que ler hoje?

“Só a leitura ama a obra, mantém com ela uma relação de desejo. Ler é desejar a obra, é pretender ser a obra, é recusar dobrar a obra fora de qualquer outra fala que não a própria fala da obra...”

Roland Barthes (1966: 74)

Perante as profundas alterações tecnológicas e sociais, decorrentes de mutações económicas, políticas e científicas, fala-se frequentemente na desvalorização do livro e em défice do número de leitores na sociedade contemporânea. Tratando-se de um fenómeno global, a crise da leitura motiva forçosamente inúmeros debates sobre o valor da leitura literária.

Não só entre a comunidade leitora mas também entre a comunidade escolar, ouvem-se repetidamente questões como “Por que se lê?”, “Qual o valor do livro?” Ou como se interroga Antoine Compagnon (2010: 19), na sua obra *Para que serve a Literatura*, “Que valores pode a literatura criar e transmitir no mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Será benéfica para a vida? por que defender a sua presença na escola?”.

Questões muito pertinentes, sem dúvida. Importantes ainda para a presente dissertação, uma vez que a leitura literária, silenciosa ou em voz alta, individual ou em grupo, é uma das atividades cruciais nas aulas de Língua e Literatura Portuguesas, por isso, em discussão neste trabalho, dada a atual conjuntura social e educacional em que os desafios tecnológicos assumem o primeiro plano na vida de crianças e jovens.

Neste sentido, antes de se avançar para o tema “Tecnologias e leitura em ambiente escolar”, na procura de respostas para as questões introdutórias, destaca-se o valor e a importância da leitura literária, fonte de prazer, aprendizagem e conhecimento, na vida do Homem.

Já Horácio referia a literatura como *dulce et utile*, ou seja, como produtora de prazer e de saber/conhecimento. Como *dulce* destaca-se o seu valor de entretenimento, ocupação de tempos livres, jogo de palavras, na procura de momentos individuais ou coletivos de comaprazimento com o texto e a mensagem literária que encerra. Como *utile* a literatura assume-se como veículo de instrução e aprendizagem e também como uma forma de convivência com os problemas que preocupam o ser humano, visto que contém/trata os temas necessários para a formação da personalidade, segundo o que é vivenciado pelo homem em sua realidade diária, para que o leitor conheça o seu mundo e sobre ele possa refletir e agir.

Seguindo as palavras de A. Compagnon (2010: 24), “exercício de pensamento e experiência de escrita, a literatura corresponde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo.” Na senda da clássica visão do que é a literatura, verifica-se a coexistência de dois papéis sociais fundamentais – educativo e orientador – no percurso da vida dos seres humanos. O recetor/leitor relaciona a leitura com as suas experiências reais. Ao ver a realidade representada no texto, pode alterar os seus comportamentos, observar-se a si mesmo e aos outros, aprender a sentir como o Outro, num processo de verosimilhança criado pelo autor.

Não obstante, além de *utile et dulce*, a literatura expõe o ser humano ao poder das palavras, à evocação imaginativa, ao poder de criar ou recriar um novo mundo, ou levantar questões sem obrigatoriamente as resolver. O real e a sociedade a que pertence são, pois, evocados pelo autor, “através de uma determinada arrumação do discurso que revela saberes e prazeres e que, no seu carácter necessariamente polissémico, é meio peculiar de comunicação intersubjetiva”, como diz Carlos Azevedo (1999: 09).

A seleção das palavras, o modo de organização textual e a construção de temas são algumas das peculiaridades de cada escritor para recriar os factos quotidianos e exprimir pensamentos da humanidade. O leitor assume-se, deste modo, à semelhança do autor, como um elemento central da produção literária, num processo de descodificação do novo mundo por ele criado, em função da mensagem literária produzida e da interpretação do mundo em que vive.

Neste contexto, para A. Compagnon (2010: 34), a literatura encerra ainda um outro poder – a correção dos “defeitos da linguagem.” Para o autor a “literatura fala para toda a gente, recorre à língua comum, mas faz desta uma língua própria – poética ou literária”, ajudando a comunidade leitora a melhorar a sua forma de comunicar (oral ou escrita) com o Outro, de se entenderem e conhecerem melhor, contribuindo para uma sociedade mais fraterna e equitativa. A própria literatura é uma forma de comunicação entre quem escreve e quem lê, num processo complexo e interativo de descodificação/interpretação da linguagem do autor. Por exemplo, “o poeta e o romancista dão-nos a conhecer o que estava em nós, mas que ignorávamos por nos faltarem as palavras...” (*idem*: 35).

Os leitores devem ser orientados desde muito jovens, de acordo com a sua faixa etária, para as leituras que vão ao encontro do seu desenvolvimento intelectual e da verdadeira aprendizagem da língua. Se, desde a infância, os seres humanos forem sensibilizados para a leitura literária, certamente serão, no futuro, leitores mais fortes espiritualmente e comunicadores mais eficazes, com maior capacidade de discernimento na seleção das suas leituras e na apreciação da obra pelo seu valor estético (nunca por exigência ou necessidade profissional ou de realização de uma ficha de leitura ou de avaliação, no caso dos estudantes).

A propósito do ensino da Língua Materna (LM), destacam-se também as palavras de Fernanda Irene Fonseca (2000: s.p.)³⁷, para quem

“Língua e literatura são termos que se associam de um modo quase automático, formando um sintagma sólido e coeso. (...) Não se trata de ensinar língua mais literatura ou de ensinar língua e depois literatura, mas de ter consciência de que faz parte da competência do falante e está nela fundamente enraizada desde as fases mais precoces da aprendizagem linguística a capacidade de explorar as amplas virtualidades cognitivas e lúdico-catárticas de uma relação autotélica com a língua”.

³⁷

Disponível em http://area.dgicd.min-edu.pt/gramatica/Inseparabilidade_entre_ensino_da_lingua_e_da_literatura.pdf

“O estudo do texto literário revela-se”, continua a autora, “um meio privilegiado, no ensino da língua materna”, não se instituindo “como “desvio” em relação ao uso “corrente” mas antes como intensificação e exploração de um potencial comum” (*ibidem*). Excluí-lo ou afastá-lo do atual ensino da língua e literatura portuguesas seria um erro. Como expoente máximo da linguagem de um povo, o texto literário potencia as suas realizações e define a própria identidade cultural e linguística de um país, apelando à imaginação, criatividade, conhecimento e respeito do leitor-aprendente pelo seu semelhante.

Como defende Aguiar e Silva (2010: 209), os “textos literários lidos e estudados na disciplina de Português ... devem ser sempre textos de grande qualidade literária”, ou seja,

“textos ou *corpora* de textos cuja qualidade estético-literária, cuja relevância linguística e cultural e cuja capacidade de irradiação criadora sejam inequivocamente reconhecidas no campo da literatura portuguesa, e que sejam adequadamente representativos dos diversos períodos ou estilos epocais e dos diversos modos, géneros e subgéneros literários.”

(*idem*: 210)

O ensino da literatura, em resumo, não só proporciona a formação linguística necessária, pondo em evidência as inúmeras possibilidades de reestruturação dos recursos da língua, ao serviço da atividade comunicativa, como tem também, indubitavelmente, um imenso potencial na promoção de diversos processos de aprendizagem, indispensáveis ao desenvolvimento da capacidade criativa e crítica do sujeito. Permite ainda a exploração da aprendizagem diferenciada tratando temas e assuntos que ajudam os estudantes a compreender contextos históricos e sociais, momentos políticos, expressões artísticas e questões que afetam e caracterizam um povo e sua cultura.

Para que isso aconteça é importante “promover o encontro dos alunos com o texto, (...) não cedendo à tentação do anacronismo tão frequente nos manuais” (Cardoso Bernardes, 2002: 28-33), pois “só os textos podem dar, seguramente, a par do conhecimento da arquitetura interna das obras, o do funcionamento do espírito dos autores” (A. Prado Coelho, 1919: 296/297), para que os estudantes possam conhecer as obras na sua totalidade e desenvolver o gosto pela literatura.

Consequentemente, sendo o texto a “praça maior”, “o núcleo da disciplina de Português” (Aguiar e Silva, *op. cit.*: 209), para que o ensino da literatura se realize não basta ao professor selecionar um rico *corpus* textual. “Muito mais do que quantificar essa

presença, o que importa é qualificá-la”, afirma F. I. Fonseca (2000: s.p.)³⁸, criando atividades atrativas e formativas e orientando os estudantes na viagem pelo texto, na descoberta de novos mundos, para que o gosto pela leitura se desenvolva e aumente à medida que aumenta o seu conhecimento linguístico, comunicativo, literário e estético.

Como refere Glória Bastos (1992: 31), “... para que se goste de ler, é preciso aprender, e muita dessa aprendizagem passa pela multiplicação de situações em que o contacto com o livro se efetua de forma particularmente oportuna e favorável”, envolvendo e comprometendo os leitores/estudantes com o trabalho, atenção e concentração que a leitura literária requer, na busca de aprendizagens significativas e de prazer pelo texto.

“Não se pode forçar a ser leitor quem não tem vontade de ler”, observa também António Mega Ferreira (2003), *apud* Isabel M. Duarte (2006: 122), mas é possível, com mais ou menos habilidade, provocar curiosidade no aluno em relação à leitura. Nesse trabalho, o professor ocupa um lugar de destaque, sugerindo aos estudantes o máximo de portas para a leitura como forma de acederem ao conhecimento de outros mundos e de outras culturas. “O professor ... tem que ser o «outro lado do espelho», isto é, tem que mostrar aos alunos não apenas aquilo que eles querem ver, mas sobretudo o que eles não podem ou não sabem ver.” (Vilela, 1995: 15)

Para que esse objetivo seja cumprido, na era da tecnologia digital, em que a imagem e o som imperam, pode contribuir positivamente a leitura eletrónica, a leitura *online* (mesmo que contestada), em relação harmoniosa com o livro, extraindo ao máximo as potencialidades que ambos oferecem. Conhecendo os livros e os autores utilizando os suportes que mais privilegiam, as crianças e jovens podem, em trabalho autónomo e colaborativo, aceder à mais diversificada informação sobre os mesmos, alargando o seu conhecimento cultural a par do conhecimento literário.

Por conseguinte, na abordagem ao texto literário, é necessário uma didática da literatura e da leitura que implique não só a relação autor-texto-leitor, mas a interação, o diálogo entre professores e estudantes, em grupo, para que partilhem as suas opiniões e leituras ou releituras que fazem do texto, das personagens e suas ações, “de modo que o aluno seja efetivamente um leitor com identidade própria, isto é, um leitor que lê com a sua memória, a sua imaginação, a sua experiência vital, as suas expectativas e os seus

³⁸ Cf. nota de rodapé anterior.

conhecimentos linguístico-literários” (Aguiar e Silva, 2010: 214), na procura de “um nunca-dito, um não-dito inicial.” (Pierre Macherey, *apud* Reis, 1990: 138-142).

Para Cristina Mello (1992: 71), na abordagem didática de um texto

“o aluno aprecia uma obra porque [se] identifica com uma personagem ..., mas nem sempre é capaz de verbalizar o sentido da adesão, o que nos parece fundamental. Mesmo aceitando a identificação afetiva com personagens, temas, situações, comportamentos, é preciso verbalizar esta relação, não esquecendo que a linguagem que funda os mundos artísticos e que pode servir de deleite ao homem é veículo de comunicação humana, que a escola tem a responsabilidade de instruir.”

Ou seja, continua a autora (Mello, *idem*: 76), é imprescindível

“uma pedagogia da literatura que implica um modo não individualista de estar no ensino. Implica a troca de experiências, o diálogo de várias vozes, a produção, circulação e discussão de materiais didáticos, numa perspectiva de projetos levados a cabo por professores e alunos.”

Ler e discutir leituras é uma estratégia que reconhecidamente cria e aumenta o gosto pela leitura, permitindo criar uma relação pessoal com o texto lido e efetuar afetivamente construções conjuntas de sentidos. Mas para que o leitor experiencie o prazer, a fruição, o *pathos*, é indispensável a existência de liberdade. O leitor deve poder correr, parar, saltar, enfim, agir como quiser no processo de leitura, sem formulários, questões, fichas, que limitem a imaginação e a identificação da realidade representada no texto.

O texto é um tecido plurissignificativo, com várias leituras, não podendo ser reduzido a exercícios puramente retórico-linguísticos. A sua leitura deve preconizar a liberdade criadora do leitor na interpretação do mundo, na compreensão da sua própria existência ou na alteração da visão do mundo que realiza em cada um. Para Glória Bastos (*op. cit.*: 31)

“Uma didática da literatura encontrará, pois, a sua principal razão de ser na promoção do necessário encontro gratificante entre o leitor (criança, jovem ou adulto, de acordo com o nível de ensino, já que é ao espaço escolar que nos reportamos) e a realidade literária. (...) O contacto com o texto literário, o despertar e o consolidar do gosto pela leitura passa por todo um percurso em que cada pequeno momento pode jogar um papel decisivo na determinação dos caminhos a percorrer futuramente pelo indivíduo.”

Como a autora defende, é essencial estimular o contacto com o texto literário, despertando e consolidando o gosto pela leitura, pois só implementando momentos significativamente diversos e constantes se poderão determinar futuras leituras. Qualquer professor deve fazer com que todos os seus estudantes se sintam à vontade para exporem as suas análises ou revelarem as suas opiniões acerca do texto literário sem qualquer inibição ou medo já que de uma aprendizagem se trata. Deve ainda, na sala de aula ou

através do *b-learning* ou *m-learning*, apostar em percursos interativos que lhes permitam confrontar a sua leitura com outras leituras, compreendendo e atualizando, como coautores, a mensagem literária do texto. Em síntese, recorrendo novamente às palavras de Cristina Mello (1992a: 169), “pretende-se que o comprazimento na leitura resulte de uma receção orientada da obra literária como signo artístico valorado semântica e esteticamente”, seja pela leitura do livro ou do seu novo formato – o *e-book*.

Para Aguiar e Silva (2010: 212), na abordagem ao texto literário, não só deve ser proporcionado o contacto com os “grandes livros”, como também deve ser

“produzida e transmitida informação transtextual considerada como indispensável e apropriada para tornar mais rica, mais fascinante e mais rigorosa também a construção do sentido de cada texto. Partir do texto e regressar sempre ao texto, mas tendo adquirido, antes e ao largo do périplo textual, saberes e instrumentos de análise e compreensão que permitam perfazer com segurança, mas sem destruir o mistério e a emoção da descoberta, a viagem textual.”

É necessário fornecer as bases de sustentação histórica, cultural e social que possibilitem uma leitura do texto mais dinâmica, mais integrada e mais completa. As histórias sobre a vida e aventuras dos autores propiciam um acolhimento mais extraordinário e apaixonado da obra. Cabe, todavia, ao professor evitar a acentuação excessiva dos saberes de referência histórico-literários e culturais, com contextualizações prolongadas realizadas oralmente ou fornecidas pela multiplicação de textos policopiados. O bom senso do professor de literatura deve impedi-lo de teorizações excessivas, não esquecendo nunca que o ponto de partida e o ponto de chegada será sempre o texto literário.

Em síntese, a leitura literária deve ser praticada desde a infância e cultivada continuamente ao longo da juventude com a orientação e a mediação de pais, educadores e professores. De facto, para Calvino (1994: 02)

“... as leituras da juventude podem ser pouco proficuas por impaciência, distração, e inexperiência das instruções para o uso e inexperiência da vida. Podem ser (se calhar ao mesmo tempo) formativas no sentido de darem uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, conteúdos, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: tudo coisas que continuam a agir mesmo que do livro lido na juventude se recorde pouquíssimo ou mesmo nada. Ao reler o livro em idade madura, acontece reencontrar-se estas constantes que agora já fazem parte dos nossos mecanismos internos e de que tínhamos esquecido a origem.”

Só a leitura literária pode iniciar e desenvolver projetos individuais de leitura, graças à transversalidade da língua portuguesa, pois “o que interessa mesmo no ato de ler

literariamente um livro não é a sua classificação técnica (...) mas o *pathos* que cada um experimenta e a forma como o conhecimento que temos do mundo se altera”, como defende Carlos Ceia (*online*).³⁹ Descobrir, identificar essa paixão é o ponto de partida para se criar novos leitores, para acordar os adormecidos ou afastados das letras, fazendo da leitura um ato imprescindível, semelhante à alimentação: “ler é um alimento do espírito sem o qual ficamos incompletos”, sendo “bom leitor quem transformou o ato de ler numa necessidade e num instinto primário”, observa ainda o autor (Ceia, *ibidem*).

Urge, por esse motivo, resgatar para o ensino e para a sociedade em geral o valor da Literatura e da leitura literária como hábito comum, natural e aprazível, na procura de momentos de aprendizagem e deleite. Ler hoje será muito mais do que “matar o tempo”. Será uma conquista pessoal e social. Será uma conquista do pensamento e do desenvolvimento individual da personalidade numa sociedade cada vez mais global e materialista, recuperando para o ensino e para a aprendizagem o valor humanista das letras e da arte.

2.2 O papel da Escola e do professor atual na promoção da leitura literária

Para desenvolver e cimentar a competência literária e divulgar e promover a leitura importa destacar o papel da Escola e do professor atual. Para se formar leitores não basta anunciá-lo ou ambicioná-lo, é preciso orientar e acompanhar os jovens no seu percurso literário por entre os livros ou por entre as ferramentas de divulgação do literário (ferramentas de leitura *online*) que as modernas tecnologias lhes oferecem.

Segundo Rui Veloso (2005: 27-28)

“é obrigação da escola oferecer aos alunos (impondo a sua leitura) determinadas obras que fazem parte do nosso património e alimentaram a nossa identidade cultural (...) Cabe, portanto, aos professores, aos bibliotecários e aos pais a escolha de livros e o estudo das soluções de mediação, de forma a serem lidos pelas crianças e jovens. Num cenário escolar, o professor tem de aproveitar o tempo letivo dedicado à língua materna para aí inserir uma leitura literária de textos representativos do que de bom se edita em Portugal, levando os alunos a apreender o sentido e a fruir os elementos estéticos ali presentes, pondo em interação os domínios cognitivo e emotivo, para lá da imaginação, faculdade permanentemente chamada para a receção literária.”

³⁹ Disponível em http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_leitliter_a.pdf

Pela voz e ação que exerce na escola, o professor assume a função de mediador, condutor, impulsionador e divulgador do literário, esteja ou não perante estudantes leitores. Deve procurar inculcar-lhes hábitos de leitura, o gosto pelo livro, pela Literatura e cultura do seu país, independentemente do suporte da sua divulgação, não se esquecendo que será visto pelos alunos como um modelo. Como nota Carlos Ceia (*op. cit.*)⁴⁰: “Um professor que lê, ama a literatura, expressa esse seu amor pelas letras, mais facilmente alcançará os seus objetivos, pois quanto mais próximo estiver do texto, mais próximo estará do seu público.”

Também Rui Veloso (*op. cit.*: 24) defende que

“os professores que adotam uma dinâmica de leitura de livros e impõem a animação da leitura de forma consequente têm melhores resultados. Porquê? Os alunos cuja imaginação é regularmente estimulada por leituras de livre escolha, feita a partir de um acervo literário bem definido, são movidos por uma grande curiosidade e apuram o seu espírito crítico (...), pois crianças ou jovens que leiam bons livros com regularidade têm potencialidades que irão desembocar em sucesso, visto que a leitura, para lá da sua função utilitária, é um fator de socialização e de reconhecimento social.”

Compete, portanto, à Escola criar nas crianças e jovens a necessidade de ler, motivando-as para a leitura, para que desenvolvam competências literárias e se transformem em leitores autónomos, capazes de penetrar o livro e de o explorar até aos seus limites. Ao exercer a sua ação neste campo, promove a aprendizagem e reduz assimetrias, uma vez que os estudantes que chegam à escola já com projetos de leitura estão em clara vantagem em relação aos que não os têm. A Escola é a segunda oportunidade que o indivíduo possui para se formar como leitor. Ninguém deve estar condenado à segregação literária.

A atuação da família é também fundamental na formação de leitores na infância e ao longo da juventude, facultando-lhes momentos diversos em que despertem o interesse pela leitura. Os jovens que convivem de perto com o livro terão, naturalmente, uma tendência e motivação maior para ler mais do que aqueles para quem os livros e a leitura constituem elementos de exceção.

O vínculo afetivo da criança com a leitura sairá reforçado se a família entender o ato de ler como um investimento pessoal e intelectual com resultados na formação das crianças e dos jovens, devendo, para isso, associar-se a eles e aos projetos em que possam estar inseridos na escola. Se não se pode exigir aos pais que leiam mais e contaminem os hábitos

⁴⁰ Cf. nota de rodapé anterior.

de leitura dos filhos, é imperioso despertá-los para a importância que a leitura ocupa no sucesso da sua vida escolar e social, envolvendo-os no acompanhamento das leituras que lhes fazem, quando pequenos, e discutindo com eles as leituras que lhes são propostas ou exigidas, quando mais velhos.

As relações entre escola e comunidade podem ainda ser positivamente beneficiadas e alargadas se se servirem das tecnologias e da *internet* na divulgação de “publicações *online* de trabalhos, projetos, informações académicas e outras, de interesse para a comunidade local” (D’Eça, 1998: 47).

No contexto da nova geração de nativos digitais, educadores, professores e sociedade tendem a acompanhar o ritmo dos tempos modernos, fazendo-se acompanhar de recursos que tornem o seu trabalho mais atrativo e produtivo, como as ferramentas de aprendizagem que a Web 2.0 e da Web 2.0 Móvel disponibilizam. Estas permitem-lhes aceder, produzir, publicar, colaborar e comunicar na rede, sendo transversais à vida do ser humano e decisivas para o sucesso do ensino e da aprendizagem, quando usadas em diferentes projetos pedagógicos.

Estimulando, motivando, apoiando e compensando os seus estudantes, o professor atual destaca-se como facilitador da aprendizagem pela relação que estabelece com eles. Para Lina Morgado (2003: 79), o professor a distância não é um professor no sentido tradicional do termo (dado no ensino presencial): é “quem está disponível para ajudar o estudante a aprender, é quem individualiza o processo de ensino-aprendizagem e faz a mediação entre os conteúdos e o estudante através da tecnologia...”.

Em contexto escolar, a *internet* é o principal meio de comunicação e a maioria dos estudantes ultrapassam os professores no domínio das tecnologias, no acesso a dados e informações na rede. Vive-se na cultura da interatividade. Os professores precisam, por isso, de estar aptos e motivados para conhecer e aproveitar os recursos tecnológicos que integrarão na sua prática, aperfeiçoando-se e potenciando o desenvolvimento de aprendizagens de qualidade. As turmas são cada vez mais heterogéneas, exigindo aos agentes educativos não só o desenvolvimento de novas competências (competências pedagógicas, de gestão de tempo e tarefas, de comunicação, sociais e tecnológicas...) como também a obrigação de prestarem atenção redobrada às necessidades individuais de aprendizagem.

O recurso a pedagogias diferenciadas é condição indispensável para a promoção da igualdade de oportunidades educativas. As novas experiências, diferentes das que são presentemente valorizadas pela cultura escolar, baseiam-se em metodologias de aprendizagem ativas e cooperativas, com recurso às TIC. Os jovens orientam as suas tarefas de forma experimental – por tentativa e erro; partilham conhecimentos, cooperam, reforçam as aprendizagens e centram em si a aprendizagem, sendo a tecnologia utilizada “... de forma a maximizar as oportunidades de interação de alunos com contextos significativamente ricos, através do qual ... possam construir e adquirir competência[s]” (Paiva Franco, 2010: 04).

O papel do professor é sempre o de garantir o maior número de experiências possível no espaço educativo, tendo consciência, no que respeita às tecnologias, que se está na presença de técnicas e de ferramentas refinadas, minuciosas, exigentes e rigorosas. A escola e o professor não desaparecem com a ênfase das tecnologias. São insubstituíveis, pois a sala de aula é bem mais do que um local de encontro para processamento de informação. É um lugar que promove relações, cultiva valores, impõe normas, favorece a discussão crítica, estimulando e motivando os aprendentes.

As tecnologias de informação e comunicação, num quadro cada vez mais alargado de globalização, esbatem acentuadamente a figura do professor como modelo único de transmissão de conhecimentos, promovendo, no entanto, a aplicação de uma metodologia mais apropriada às novas gerações. As constantes transformações socioculturais e mudanças educacionais exigem um professor atualizado, aberto a novos modelos de comunicação e de aprendizagem, capaz de fomentar autonomia nos estudantes.

Consequentemente, surgem como ajuda ao trabalho e formação do professor e reforço das capacidades intelectuais do estudante na sua tarefa de aprender, fornecendo-lhe ferramentas intelectuais para pensar de forma estruturada e autónoma, alcançando melhores resultados. Em vez de ameaça, as tecnologias atuam como motores de aprendizagem. Os professores apenas têm que as utilizar, trabalhar e conviver com elas, praticando sozinhos ou em colaboração com os seus alunos. Aprender é a tônica: só aprendendo se poderá ensinar eficazmente.

Em resumo, segundo Castells (2008), *apud* Moura (2009: 57), a propósito das potencialidades da *internet* e dos dispositivos móveis para educadores e professores,

“as coisas dividem-se entre quem sabe o que fazer com a rede, para quem utilizá-la e quem não sabe (não é apenas uma questão de tecnologia, mas de conteúdos). É fundamental que os professores tenham formação para o uso das tecnologias digitais com propósitos pedagógicos, para depois serem capazes de apresentar e apoiar projetos inovadores com o uso das TIC nas escolas.”

Quanto à leitura literária, nas palavras de Júlio Taborda Nogueira (1992: 25-26),

“ao professor compete ensinar a ler. E ensinar a ler equivale, se quisermos traduzir a ideia pedagógica, a considerar o convívio com o texto, com os assuntos, com os tempos vários em que o texto nasce, uma oportunidade excelente para que o aluno realize operações de tão elevado valor formativo e, por isso, tão importantes para o seu desenvolvimento como compreender, interpretar, apreciar, criticar. Ou ainda, se preferirmos, ensinar a ler – e aprender a ler – significa, no fundo, ser capaz de pensar, de sentir e, até mesmo, de agir de forma progressivamente mais livre e criativa.”

Ensinar a ler implica trabalhar com os textos, divulgar os textos, os autores, a sua época e vivências pessoais, sociais, políticas e/ou históricas. Para Inês Sim-Sim (2001: 25), implica ainda

“possuir um nível elevado de conhecimento da língua em que se ensina a ler, no nosso caso do Português, uma sólida compreensão dos conceitos que subjazem ao desenvolvimento de competências que resultam de processos de aquisição natural e espontânea, como são a compreensão e a expressão oral, e dos processos e estratégias pedagógicas que devem enformar a aprendizagem de competências secundárias, como são a leitura e a expressão escrita.”

Isto é, envolve todas as competências transversais ao ensino de uma língua – a oralidade (produção e compreensão) e a escrita (produção e compreensão) – tendo por base as regras do código linguístico em causa, daí a complexidade do processo e a dificuldade sentida por alguns estudantes e professores. Dificuldades que não podem, porém, esbater a persistência, o trabalho e a atividade leitora na escola e ao longo da vida dos cidadãos. Para alterar a realidade retratada podem contribuir positivamente diferentes projetos de contacto com o literário, os grandes nomes da literatura portuguesa e internacional, em que o cerne seja o livro, o objeto físico ou o novo formato eletrónico, explorando o poder das palavras para a formação e deleite do leitor.

2.3 A Web 2.0 e a leitura literária (vantagens e/ou limitações)

São inúmeros os casos em que os estudantes têm acesso à *internet* não somente como meio de lazer e entretenimento, mas principalmente como acesso a informações que

otimizam a aprendizagem, mediante a visita a sítios, fóruns e *chats* especializados na promoção da interação social, pela troca escrita de ideias de modo síncrono ou assíncrono.

O leitor do século XXI, nascido com e na era das tecnologias digitais, identifica-se com a leitura *online*, no ecrã, na rede e em rede, acedendo a inúmeros recursos e ferramentas disponibilizados pela Web 2.0 e Web 2.0 Móvel, que lhe permitem manipular o texto para fins específicos (ler, arquivar, destacar, copiar...). Também em Portugal os hábitos de leitura se estão a transformar e a *e-leitura* é já praticada por um número considerável de leitores, os quais acedem ou compram livros na Web.

Idealizando um projeto de motivação para a leitura e destacando as vantagens das tecnologias e do audiovisual no ensino da língua e literatura portuguesas, o (re)encontro com o texto que se promove na presente investigação não se efetuará pelo tradicional contacto com o livro, material impresso admirável (“...*papéis pintados com tinta*”, nas palavras de F. Pessoa, 1935), mas com o recurso à leitura eletrónica, a *e-leitura* ou leitura *online* (mesmo que contestada), possível nas formas *e-book* e/ou digitalizações de obras literárias existentes, disponibilizadas em diversas bibliotecas digitais e livrarias *online*.

Esse (re)encontro não exclui, contudo, o contacto com o livro impresso (numa “*relação física íntima, na qual todos os sentidos participam...*”, Manguel, 1997: 249), procurando o enraizamento de hábitos de leituras (um dos objetivos basilares do projeto) e a realização de novas leituras. Não sendo sua ambição, o digital não pretende substituir, nem substituirá, os outros suportes escritos: a estratégia é articular e integrar, usar com coerência e pertinência todos os recursos existentes, selecionando-os em função de objetivos concretos, à semelhança do que R. Chartier (1994: s.p.)⁴¹ aconselha: “A representação eletrônica de todos os textos, ... não deve, de modo algum, significar relegação, esquecimento, ou, pior ainda, destruição dos objetos que têm sido seus suportes.”

Muito pelo contrário. Como observam Junior, Lisbôa & Coutinho (2009: 434) “Estes recursos potencializaram uma maior difusão do saber e possibilitam a acessibilidade ao conhecimento nas partes mais remotas do planeta. De facto, os livros digitais podem ser acedidos através de qualquer dispositivo eletrónico como seja o computador, o PDA, o telemóvel, os *smartphones*, os *Iphones*, etc. e possuem alta portabilidade já que podem ser

⁴¹ Disponível *online* em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012

armazenados num único dispositivo”, oferecendo maior comodidade a quem gosta e deseja ler.

Para Sáez (2000), Sotorres (2000) e ainda Fernández & Temino e Illera (2003), *apud* Junior, Lisbôa & Coutinho (*idem*:435),

“as principais vantagens identificadas nos livros digitais são: a facilidade para fazer o *download* dos livros através da *internet*; o poder transportar uma série de livros num único dispositivo; ...o poder em estar múltiplos utilizadores em simultâneo a consultar e manipular a mesma obra; a busca de termos ou palavras-chave é mais rápida e eficaz através dos métodos de busca dos dispositivos; alguns exemplares permitem a interatividade e a utilização de recursos multimédia; e permitir a utilização de hiperligações para *sites* externos e consultas a materiais.”

Por serem disponibilizados na Web e Web Móvel, em bibliotecas, catálogos ou lojas *online*, oferecem ao leitor facilidades no acesso, no manuseamento e de arquivo, ao organizar virtualmente uma biblioteca pessoal que transporta no bolso. Com eles pode ainda realizar ações simultâneas e, apesar de menos explorada, apostar na interatividade, vantagens imprescindíveis para atrair o mais diverso público imerso em tecnologia, por vezes difícil de atingir com atividades ou projetos desenvolvidos presencialmente.

A relação de interatividade entre leitura e hipertexto cultivada pelo *e-book*, permitindo a ação do estudante sobre o conteúdo e o diálogo, mesmo que virtual, com o texto ou outros textos na procura de informações, facilita e amplia a sua aprendizagem. O próprio texto, em seu formato eletrónico, pode incluir *links*, imagens ou sons incorporados para que o leitor aprecie a totalidade da obra e explore ao máximo a comunicação leitor-texto-leitor.

Para Lévy (1999: 56) o hipertexto é “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor.” É um texto dinâmico que está em constante movimento pela ação do leitor, permitindo-lhe aceder a temas/textos que são nomeados e sobre os quais deseja, durante a leitura, saber mais. Não sendo o hipertexto exclusivo dos textos digitais, é nestes que expõe as suas potencialidades ao máximo, essencialmente devido às sucessivas interações que permite e estabelece com outros tipos de texto, facilitando a sua compreensão.

Com e pelo hipertexto os textos deixam de ser entidades fixas e convertem-se em formas “móveis, maleables [e] abiert[a]s”⁴² (Chartier, *online*) e o trabalho com o texto

⁴² Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/bib/historia/CarlosV/recurso1.shtml>. Tradução livre da autora: “móveis, maleáveis [e] abertas”.

(copiar, cortar, deslocar, compor, armazenar...) torna-se mais simples e fácil. Neste contexto, o autor (Chartier, 1999: 27) afirma ainda que

“O mundo dos textos eletrônicos também remove a rígida limitação imposta à capacidade do leitor de intervir no livro. O objeto impresso impunha sua forma, estrutura e espaços ao leitor e não supunha nenhuma participação material física do leitor. Se, contudo, quisesse inscrever sua presença no objeto, ele só poderia fazê-lo clandestinamente, ocupando com seu manuscrito as margens ou as páginas em branco. Tudo isso muda com o texto eletrônico. Não apenas os leitores podem submeter o texto a uma série de operações ... mas podem também tornar-se coautores.”

“Tal mudança no suporte físico da escrita força o leitor a ter novas atitudes e aprender novas práticas intelectuais.” (*idem*: 28) Perante a nova realidade, compete ao leitor, “leitor hipertextual” para Schifferli⁴³, selecionar as suas leituras de forma crítica e rigorosa para que evite a sobrecarga informacional existente e distinga o valor de ambas as modalidades de leitura. O livro eletrônico é mais uma forma de ler e tudo depende de como e onde quer ler, definindo objetivos de leitura e pesquisa concretos para não se perder na multiplicidade de informações disponíveis no ciberespaço e não perder a mensagem literária do livro.

Também Tavares (2010: 74) observa que “a leitura eletrônica é uma atividade complexa, envolvendo a realização de várias ações e operações cognitivas: na web é preciso «fazer para ler», assim como é preciso «ler para fazer»,” que exige novas competências ao leitor, transformando-o num leitor mais ativo e próximo do autor.

Quanto à facilidade de arquivo, o leitor ao criar a sua própria coleção organiza a sua biblioteca digital (ver figura 3.1), a que acede em qualquer lugar (em casa, no trabalho, nos transportes públicos, café, praia...), a qualquer instante, lendo mais e mais frequentemente, em momentos individuais de abstração, de puro deleite ou de concentração, por necessidades profissionais.

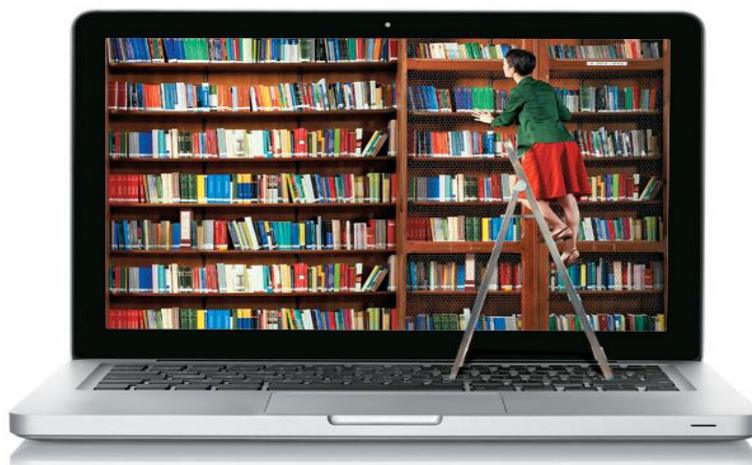
Todo o leitor, segundo R. Chartier (*online*), “cualquiera sea el sitio de su lectura, podría recibir, no importa qué textos constitutivos de esta biblioteca sin muros, y mismo sin localización, donde estarán idealmente presentes, en una forma numérica, todos los libros de la humanidad.”⁴⁴ Em resumo, o livro eletrônico permite uma democratização do saber junto de públicos, que, pelos mais variados motivos, não tinham acesso ao livro

⁴³ Disponível *online* em http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/0/05/GT4-03-Livro_e_leitura_-_Eduardo.pdf

⁴⁴ Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/bib/historia/CarlosV/recurso1.shtml>. Tradução livre da autora: "... seja qual for o sítio de leitura, poderia receber, não importam os textos que constituem esta biblioteca sem paredes, e mesmo sem localização, onde idealmente estarão presentes em sua forma digital, todos os livros da humanidade."

impresso (cf. Junior & Coutinho, 2007), anulando assimetrias ou injustiças sociais e contribuindo para uma educação para todos.

Figura: 3.1 – imagem de uma biblioteca *online*



(fonte *online*)⁴⁵

Ainda que seja recebida com persistente ceticismo, por ser operada em distinto suporte, a leitura digital não deixa de ser uma leitura real do conteúdo objeto de leitura. Proporciona, à semelhança do livro (objeto físico mais valorizado), oportunidades de produção, interação, partilha de impressões, comentários de leitura e envolvimento emocional dos estudantes com o texto, na procura de momentos individuais ou coletivos de comprazimento que todo o texto requer e oferece.

À leitura silenciosa e individual proporcionada pelo livro impresso, a Web 2.0 e Web 2.0 Móvel oferecem uma leitura colaborativa, partilhada, mantendo os leitores conectados em rede e ao mundo, partilhando as suas interpretações, opiniões ou sugestões. Esta interligação leitor/Web cria um leitor novo que não só compreende e interpreta o texto individualmente, mas procura na leitura a oportunidade de participar e partilhar a sua experiência leitora numa comunidade *online*, não entendendo a leitura de forma passiva, como uma atividade isolada, mas como uma prática coletiva. É um leitor independente, que seleciona os seus textos, autores, épocas... debatendo sobre eles na rede, em grupo. O leitor não está mais isolado, vive e trabalha com a interatividade.

⁴⁵ Disponível em <http://ebookpress.wordpress.com/2011/09/30/para-ler-nas-nuvens/>

Conseqüentemente, também as formas de relacionamento com a leitura e a literatura são agora diferentes e mais dinâmicas. Nascem da prática constante e apaixonada do livre debate sobre os textos, que os prende ao literário, ainda que desviados por outros bens ou assuntos. O sentimento de pertencer a uma comunidade literária funciona como elemento de promoção e divulgação da leitura e da literatura. Ler uma obra torna-se equivalente a pensar produtivamente sobre ela, questionando-a e recriando-a: o leitor é ao mesmo tempo crítico e criador. A mesma técnica – a leitura, torna o livro mais disponível, mais generalizado, mais lido.

A liberdade que a leitura eletrônica proporciona ao leitor do século XXI com a utilização das aplicações de *e-book readers* permite-lhe não só aceder ao texto como sobre ele agir, tornando-se, à semelhança do autor, um produtor: altera o tipo ou tamanho da letra, personaliza o espaçamento entre linhas, sublinha, destaca ou copia partes do texto. Anula-se a distância entre a figura do autor como alguém inacessível e o leitor, que se assume como coautor, podendo refazer, ativa e independentemente, a estrutura e o sentido do texto.

De leitor passivo, que apenas seguia o texto, passa a leitor ativo e os limites da interpretação definidos pelo autor no texto impresso são ultrapassados, pois tanto mais leituras o leitor fará, quanto mais hiperligações construir. Para Roger Chartier (*op. cit.*)⁴⁶, “En este sentido, la revolución de las modalidades de producción y de transmisión de textos es también una mutación epistemológica fundamental.” O leitor não se confina à leitura linear. É livre de usar os *links* e as imagens sugeridas de formas diferentes, construindo as relações intertextuais aí sugeridas. Naturalmente, nota ainda o autor (*ibidem*) que

“De manera semejante, las posibilidades del libro electrónico invitan a organizar de otra manera, diferente a la del libro distribuido necesariamente de manera lineal y secuencial. El hipertexto y la hiperlectura, transforman las relaciones posibles entre las imágenes, los textos asociados de manera no lineal por las conexiones electrónicas, así como las uniones realizables entre los textos fluidos en sus contextos y en número virtualmente ilimitado.”⁴⁷

⁴⁶ Disponível online em <http://www.cervantesvirtual.com/bib/historia/CarlosV/recursol.shtml>. Tradução livre da autora: "Neste sentido, a revolução das modalidades de produção e de transmissão dos textos é também uma transformação epistemológica fundamental."

⁴⁷ Cf. nota de rodapé anterior. Tradução livre da autora: "Do mesmo modo, as possibilidades do livro eletrônico convidam a organizar de outra forma, diferente do livro distribuído necessariamente de forma linear e sequencial. O hipertexto e a hiperleitura transformam as relações possíveis entre as imagens e os textos associados de forma não linear pelas ligações eletrônicas, assim como as conexões realizáveis entre os textos e os seus contextos, e em número virtualmente ilimitado."

Em outra obra sua, Chartier (1994: 100-101) chama a atenção para o facto do novo texto, o *e-book*, alterar as maneiras de ler e a competência de leitura do ser humano:

“... a representação eletrónica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais.”

Em suma, sendo operada por suportes/dispositivos que jovens e adultos atualmente privilegiam e possuem (ou acedem facilmente), a *e-leitura* simplifica o acesso e o contacto com os textos, fortalecendo a relação leitor/literatura. Os ambientes virtuais são preferidos em prejuízo dos contextos que exijam presença física (bibliotecas, livrarias, alfarrabistas), mas não excluem, por completo, o recurso ao livro impresso para que novas leituras sejam realizadas. Apesar das mutações operadas pela leitura digital, o número de edições continua a aumentar, sobretudo nos países mais desenvolvidos, onde a penetração do digital se faz a um ritmo imparável.

As oportunidades de leitura promovidas pelas tecnologias e pela *internet* não dispensam nem o objeto material impresso nem a figura do professor, o guia/mediador, imprescindível para dinamizar e acompanhar os estudantes em projetos de leitura literária. Este deve preparar-se à medida que novos desafios lhe surgem e o desafio das tecnologias é, sem dúvida, um dos mais urgentes no seu tempo. O professor, sendo um exemplo, assume a função de divulgar as obras e os autores, esteja perante estudantes leitores ou não leitores, inculcando-lhes hábitos de leitura e gosto pelo livro.

Deseja-se uma sociedade em que o livro impresso e o digital convivam harmoniosamente, procurando ambos objetivos comuns: despertar o gosto de ler nos jovens-estudantes que pouco ou nada admiram os livros; desenvolver leitores críticos e conscientes do poder da leitura literária na formação do ser humano; transformar leitores passivos em leitores ativos e construtores de projetos de leitura individuais e criativos. A distribuição ou divulgação do livro em suportes diversificados (papel, PC's ou dispositivos móveis) ativa diferentes contextos e tipos de leitura que os leitores adequam aos seus interesses e preferências.

As tecnologias e a *internet* potenciam a aproximação a grupos difíceis de atingir presencialmente, oferecendo-lhes meios alternativos de praticar a leitura. Contribuem

ainda para uma *mudança* dos seus hábitos de estudo e de trabalho, por precisarem ou simplesmente por curiosidade e iniciativa, aperfeiçoando e desenvolvendo competências.

Por último, destacam-se alguns projetos que promovem e divulgam o *e-book* em Portugal, como o recente projeto (2014) da Porto Editora – *Coolbooks* (www.coolbooks.pt), que oferece aos seus visitantes apenas livros digitais *online* (romances, contos ou livros juvenis) e dá a conhecer novos nomes da literatura contemporânea portuguesa. Editando apenas em suporte digital, promove a *e-leitura* através do *download* dos livros ou de modernas aplicações de leitura *online*.

Em www.wook.pt, o grupo disponibiliza ainda vários *e-books* em português de diferentes áreas do conhecimento humano: Literatura, Literatura Infanto-juvenil, História, Ensino e Educação, Plano Nacional de Leitura, Dicionários e Enciclopédias. De facto, editores e livreiros, percebendo o potencial do *e-book* entre a atual comunidade leitora, apostam em novas formas de chegar ao que desejam, criando lojas de *e-books online* para que o texto eletrónico possa alcançar níveis mais expressivos de vendas.

Esta realidade é, contudo, mais expressiva nos EUA devido ao enorme sucesso das livrarias *Amazon* e *Barnes&Nobles*, com inúmeros títulos à venda a preços imbatíveis. As editoras adaptam-se e criam produtos e aplicações compatíveis com a evolução do *e-book* e da leitura *online*, atendendo às exigências do mercado e às opções dos leitores.

2.4 Uma nova era – um novo rumo: o *e-book* e a *e-leitura*

Depois de disquetes, CD's, DVD's, *pen drives* ou discos rígidos portáteis com grande capacidade de armazenamento, contendo manuais, livros didáticos, dicionários, enciclopédias ou outros, fáceis de armazenar e consultar, surgem agora os livros em suporte digital – os livros eletrónicos ou *e-books*. Mais fáceis de transportar, oferecem ao leitor várias ferramentas de tratamento e trabalho com o texto – arquivar, ler, reler ou editar, essencialmente quando se socorre das mais recentes aplicações de leitura *online* – os *e-book readers*.

Com um simples “clique”, acedendo à WWW, pode ler, fazer *download* ou arquivar gratuitamente um infinito leque de textos ou obras. Esta nova modalidade de leitura aumenta a aproximação aos textos, à literatura, e a facilidade de acesso e manuseamento destes aumenta a fruição que daí possa advir.

Um livro não é apenas um objeto material impresso, mas uma “obra intelectual ou estética” (cf. Jablonka, 2008, em entrevista a R. Chartier) plurissignificativa e polifónica. É um objeto criativo de deleite ou entretenimento, mas também de enriquecimento pessoal, social e intelectual. Em resumo, uma forma de comunicação escrita singular entre quem escreve e quem lê.

O *e-book*, o livro da atualidade, é um livro eletrónico. “É a versão digital de um livro impresso [que] pode ser lido em computadores, *smartphones*, leitores de *eBooks* (*eReaders*) ou outros dispositivos eletrónicos”.⁴⁸ Para Roger Chartier (*online*)⁴⁹ são “unidades textuais dotadas de uma identidade própria”, disponibilizadas na Web para leitura ou *download* em *desktops* ou *laptops*. São textos digitais que podem ser lidos em computadores ou dispositivos móveis, possibilitando uma maior difusão do livro entre a comunidade leitora.

Por serem lidos em diferentes suportes, impõem ao leitor não só competências literárias de compreensão, mas também competências técnicas, ou seja, múltiplas “operações técnicas de manipulação: a exploração do teclado e do rato, a passagem da página, a exploração da ergonomia de uma interface, a descoberta das hiperligações, o controlo das barras, a ativação de certos ícones, de botões...” (Tavares, 2010: 76), transformando-o num leitor moderno e tecnologicamente atualizado.

Ao contrário do que seria expetável, o *e-book* não é uma invenção do século XXI, ainda que seja agora mais conhecido e aceite pela comunidade leitora. Já no século anterior, Vannevar Bush, diretor do Escritório de Pesquisas e Desenvolvimento dos Estados Unidos, em 1945, idealizava, no seu ensaio *As We May Think*, o “memex”, um dispositivo tecnológico próximo dos atuais *e-readers*, descrevendo-o (cf. Gates, 1999) como

“um artefacto no qual um indivíduo armazena todos os seus livros, registos e comunicações... Dessa forma, livros de todos os tipos, imagens, periódicos, jornais, são obtidos e inseridos... Vão surgir formas inteiramente novas de enciclopédias, prontas para ser usadas e percorridas por uma teia de trilhas associativas...”.

Grande visão a do autor que, muitos anos antes da sua conceção e do seu aparecimento em público, imaginou um dispositivo semelhante aos leitores eletrónicos de *e-books*, hoje substituídos por *smartphones*, *tablets* ou *phablets* com ecrãs de grande resolução, de

⁴⁸ Disponível *online* em <http://www.wook.pt/help/facebook/act/01>

⁴⁹ Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/bib/historia/CarlosV/recurso1.shtml>

tamanho considerável e ajustável às necessidades dos seus utilizadores – ler e pesquisar *online*, comunicar em *chats*, redes sociais, fóruns, *blogues* ou *e-mails*, assistir a filmes, ver televisão ou simplesmente jogar.

As antigas desvantagens relacionadas com a necessidade de um *hardware* específico para a leitura dos livros eletrónicos – os *e-readers*, de grandes dimensões, difíceis de transportar e ecrãs com pouca resolução, provocando no leitor cansaço e enfado com a leitura, são agora extintas com os dispositivos de bolso que a sociedade e a comunidade estudantil usam destramente em seu quotidiano.

Sem pretender “assassinar” o livro impresso e a democratização da leitura iniciada com a invenção da imprensa por Gutenberg, o livro digital fomenta uma nova forma de comunicar com o literário, comunicar com o texto e o autor. Mesmo que não pacífica, a convivência entre ambos deve ser prioritária, para que se abranjam novos textos, novos géneros e novos tempos e locais de leitura.

Para Roger Chartier (*op. cit.*)

“Las pantallas de nuestro siglo son, en efecto, de un nuevo género... A la antigua oposición entre, de un lado el libro, el escrito, la lectura, y de otro la pantalla y la imagen, nos encontramos ante una situación que propone un nuevo soporte a la cultura escrita y una nueva forma de libro.”⁵⁰

Disponibilizados por grandes editoras, empresas livreiras ou em bibliotecas digitais *online*, geralmente em formato DOCX, HTML, EPUB, PDF, MOBI, são facilmente encontrados para serem lidos em computadores, *e-readers* ou outros dispositivos móveis, onde podem ser armazenados em estantes virtuais e consultados sempre que o leitor assim o desejar, sem despender tempo em deslocações ou dinheiro na sua aquisição, dado que muitos são gratuitos.

O suporte/dispositivo para que a leitura se concretize faz certamente parte da sua vida, não lhe exigindo novos gastos: quem hoje não tem um *smartphone* ou um *tablet*, não falando do tradicional computador completamente enraizado na sociedade? Resultado da imensa concorrência entre marcas, que apostam na diversidade e criatividade e oferecem ao utilizador novos modelos todos os anos ainda que próximos nas funcionalidades,

⁵⁰ Disponível *online* em <http://www.cervantesvirtual.com/bib/historia/CarlosV/recurso1.shtml>. Tradução livre da autora: “Os ecrãs do nosso século são, com efeito, de um novo género... À antiga oposição entre, por um lado o livro, a escrita, a leitura e, por outro, o ecrã e a imagem, estamos perante uma situação que propõe um novo suporte para a cultura escrita e uma nova forma de livro”.

baixando os preços para o atrair a adquirir os da sua marca e a trocar de dispositivo de forma natural à medida que novos despontam no mercado.

Todavia, sem entrar na guerra pelos direitos de edição e comercialização, na guerra dos lucros ou na pertinente questão da pirataria que o livro eletrónico pode desencadear, salienta-se a importância de considerar a leitura *online* e o *e-book*, dada a rapidez com que surge na Web e Web Móvel e a multiplicidade de dispositivos que o disseminam entre a cada vez mais digital sociedade contemporânea que o entende, à semelhança do livro impresso, como manifestação do conhecimento humano.

O autor (Chartier, *online*) fala em revolução da cultura escrita e em tripla revolução do livro, visto que, segundo ele, o livro eletrónico tanto altera a produção e reprodução dos textos como o suporte e a forma de se ler:

“La revolución del texto electrónico es, en efecto, a la vez una revolución de la técnica de producción y reproducción de los textos, una revolución del soporte de lo escrito, y una revolución de las prácticas de lectura. Tres hechos fundamentales la caracterizan, y transforman nuestra relación con la cultura escrita. En primer lugar, la representación electrónica de lo escrito modifica radicalmente la noción de contexto y de cuerpo, el procedimiento mismo de la construcción del sentido... Por otra parte, redefine la materialidad de las obras, porque desata la unión inmediatamente visible que une el texto y el objeto que lo contiene, y que da al lector, y no más al autor o al editor, la maestría sobre la composición, y la apariencia misma de las unidades textuales que quiere leer. Así, es todo el sistema de percepción el que se revoluciona. Finalmente, leyendo sobre la pantalla, el lector contemporáneo encuentra algo de la postura del lector de la Antigüedad, pero -y la diferencia no es menor- él lee un rollo que se desarrolla en general verticalmente y que se encuentra dotado de todo lo propio a la forma del libro desde los primeros siglos de la era cristiana: paginación, índices, tablas, etc.”⁵¹

Carlos Sáez (2000), por seu turno, vê no novo livro ou formato de livro “una nueva vía para la venta de todo tipo de obras con grandes ahorros, pues se evitan reimpressiones, gastos de papel y devoluciones, y los libros no se agotan nunca”⁵², sendo mais fácil um livro chegar a um maior número de leitores. Economizando tempo e dinheiro ao

⁵¹ Cf. nota de rodapé anterior. Tradução livre da autora: “A revolução do texto eletrónico é, com efeito, ao mesmo tempo uma revolução da técnica de produção e reprodução dos textos, uma revolução do suporte da escrita e uma revolução das práticas de leitura. É caracterizada por três factos fundamentais que transformam a nossa relação com a cultura escrita. Em primeiro lugar, a representação eletrónica dos textos escritos modifica radicalmente a noção de contexto e de corpo, o mesmo procedimento da construção do sentido... Por outro lado, redefine a materialidade das obras, rompendo a união imediatamente visível que junta o texto e o objeto que o contém, e que dá ao leitor, não mais ao autor ou editor, o domínio sobre a composição e a aparência das unidades textuais que deseja ler. Então, é todo o sistema de percepção que se revoluciona. Finalmente, lendo no ecrã, o leitor contemporâneo encontra algo da posição do leitor de Antiguidade, mas - e a diferença não é menor - ele lê um rolo que se desenvolve geralmente na vertical e se encontra equipado com tudo próprio da forma do livro desde os primeiros séculos da era cristã: paginação, índices, tabelas, etc.”

⁵² Disponível em <http://scrineum.unipv.it/saez.htm>. Tradução livre da autora: “um novo caminho para a venda de todos os tipos de obras com grandes economias, pois evitam-se reimpressões, gastos com papel e devoluções, e os livros nunca se esgotarão.”

consumidor, ao produtor evita gastos com impressões ou reimpressões, uma vez que os exemplares não se esgotam, evita perdas de tempo com inventariações e armazenamento, e problemas com o envio e possíveis devoluções, pois basta aceder ao documento na rede para o copiar ou arquivar.

Procurando atrair novos públicos, a produção e a distribuição de livros eletrônicos tentam reproduzir as propriedades do livro em papel, como paginação e organização textual (índices, capítulos, notas de rodapé...), de forma a facilitar a sua manipulação. Os dispositivos móveis, por seu turno, oferecem aplicações de *e-leitura* que lhes permite aceder a uma vasta gama de textos e autores, em diversas línguas, para que o gosto pela leitura se instaure e preencha momentos de ócio ou vazios de qualquer atividade intelectual.

Os ecrãs de grande resolução e as aplicações com opção de leitura para dia ou noite disponibilizam ao leitor um ambiente favorável à comunicação com a mensagem literária. Outras vantagens são: procura lexical (sinónimos e antónimos, topónimos), ligação a hiperligações, anotações/comentários, leitura na horizontal e na vertical ou definição do tamanho da letra conforme o desejado. Pelas hiperligações ao ciberespaço, possibilitam a interação leitor/texto e leitor/autor, transformando-o em coautor do texto. Podem ser facilmente armazenados em estantes virtuais, para consulta e leitura em modo *offline*.

Um exemplo interessante de livros *online* é o pioneiro *Projeto Gutenberg* (http://www.gutenberg.org/wiki/PT_Principal), a mais antiga biblioteca digital, fundada em 1971 por Michael S. Hart, com mais de 38000 livros eletrónicos grátis. A digitalização dos textos é feita por milhares de voluntários que gostam de literatura e digitalizam e reveem as obras enquanto as leem.

O projeto *Google Books* (<http://books.google.com/>), segundo informação oficial, também oferece ao leitor atual milhões de excelentes livros que pode pré-visualizar ou ler gratuitamente. O projeto foi recentemente alargado à loja *online* de livros, música, filmes e aplicações da *Google* – a *Google Play*, “a maior *eBookstore* do mundo”, que permite ao leitor ler na Web ou em qualquer um dos seus dispositivos móveis.

Há ainda o *site* <http://manybooks.net/> com mais de 29000 títulos, entre os quais constam obras em português e de autores portugueses; o *site* <https://openlibrary.org/> onde se pode ler ou pedir o livro emprestado, com inúmeras obras em português (Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, José Régio, Luís de Camões, Fernando Pessoa, entre

outros); e também o site http://wiki.mobileread.com/wiki/Free_eBooks; ou o <http://portugues.free-ebooks.net/>.

Em Portugal, destacam-se (i) a *Biblioteca Nacional Digital* (<http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>), criada em 2002, com mais de 23000 documentos, entre livros, publicações periódicas, documentos iconográficos, cartográficos e partituras de autores do século XVIII, XIX e XX (Almeida Garrett, Adolfo Coelho, António Nobre, Ramalho Ortigão, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Antero de Quental, Mário de Sá-Carneiro, entre outros); (ii) a *Biblioteca Digital Camões* (<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes.html>) que “pretende ser um repositório da cultura em língua portuguesa, tendo como principal critério a publicação de obras integrais, para leitura gratuita, sem necessidade de registos ou subscrição”⁵³, oferecendo títulos de diversos temas como Literatura, Língua, Arte, Cinema, Música, Educação, História, Revistas e Periódicos, entre outros; (iii) o projeto *Biblioteca dos Livros Digitais*, da autoria do Plano Nacional de Leitura (<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/bibliotecadigital/>), “um espaço dinamizador de iniciativas relacionadas com leitura e a escrita, que se assume como um agregado de livros de autores consagrados e aprovados pelo Plano Nacional de Leitura e, em simultâneo como um repositório de trabalhos realizados por pessoas interessadas em criar outros textos motivados pelo livro que acabaram de ler.”⁵⁴; (iv) o projeto *Cata Livros* (<http://www.catalivros.org/>), uma iniciativa da Gulbenkian/Casa da Leitura, oferecendo “a recensão demais de 1400 títulos de literatura para a infância e juventude, organizados segundo faixas etárias e temas”⁵⁵, de acesso livre a qualquer momento e em qualquer espaço; e (v) a página do Centro de Investigação para Tecnologias Interativas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (CITI), da Universidade Nova de Lisboa, disponível em <http://www.citi.pt/>, com alguns exemplares de livros digitais e informações sobre diversos autores portugueses.

Na divulgação da literatura portuguesa há ainda a destacar o *Projecto Vercial* (<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/obras.htm>), uma página apoiada pelo Alfarrábio da Universidade do Minho e bastante interessante quer pela qualidade, quer pelo conteúdo,

⁵³ Disponível em http://cvc.instituto-camoes.pt/biblioteca-digital-camoes/o-que-e-a-biblioteca-digital-camoes.html#U_hDMfldXxU

⁵⁴ Disponível em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/bibliotecadigital/index.php?s=sobre>

⁵⁵ Disponível em <http://www.casadaleitura.org/>

tendo disponível uma base de dados sobre autores portugueses, centenas de obras integrais, ensaios e resenhas críticas a obras recentes.

Como se verifica, não são muitos os sítios/páginas inteiramente dedicadas à literatura portuguesa ou de expressão em LP, essencialmente com qualidade de conteúdo e informações úteis a leitores e investigadores. Esta realidade sobressai ainda mais quando se compara a realidade portuguesa com a multiplicidade de páginas que disponibilizam livros nos países de língua inglesa, francesa ou até castelhana, concluindo-se naturalmente que Portugal está ainda numa fase muito embrionária do livro e da leitura digital. Em língua inglesa destaca-se a *Barnes&Noble.com* e em língua francesa a *00h00.com* (www.00h00.com/po/), onde surgem autores em português como José Saramago e Nuno Júdice.

Em suma, mudam as formas de aceder ao livro e as práticas de leitura do ser humano, não mudando, porém, o valor e a magia do ato de ler como resposta à ânsia humana em saber, conhecer, em se encontrar, analisar e transformar num ser mais justo e bondoso. Transformação possível pelas palavras, pelo poder da literatura seja reproduzida em papel (livro impresso) seja *online* (*e-book*).

Para C. Sáez (2000) o livro eletrónico veio para ficar:

“En definitiva, el libro electrónico no es más que uno de los vértigos que han pasado por la humanidad. Platón sufrió el del manuscrito, el renacimiento el de la imprenta y nosotros el propiciado por esos nuestros acompañantes diarios, los ordenadores que procesan nuestra escritura.”⁵⁶

Quem sabe se, como observa o autor (*ibidem*), “a través de estos nuevos libros pueda cumplirse algún día el sueño de Borges, en el que un lector ideal pueda llegar a tener a su disposición una inmensa biblioteca con todos los libros imaginables”⁵⁷, ou reabilitar o projeto da dinastia Ptolemaica em Alexandria – a Biblioteca Real, que continha praticamente todo o saber da Antiguidade.

⁵⁶ Disponível *online* em <http://scrineum.unipv.it/saez.htm>. Tradução livre da autora: "Em suma, o e-book é apenas uma das atividades que se desenvolveu a um ritmo intenso e atravessou a humanidade. Platão viveu o manuscrito, o Renascimento a imprensa e nós os nossos companheiros diários, computadores que processam a nossa forma de escrita".

⁵⁷ Tradução livre da autora: "através destes novos livros pode um dia cumprir-se o sonho de Borges, em que o leitor ideal pode chegar a ter disponível uma enorme biblioteca com todos os livros que se possam imaginar."

Também R. Chartier (1994)⁵⁸ considera que

“[a] comunicação à distância dos textos, a qual anula a distinção, até agora irremediável, entre o lugar do texto e o lugar do leitor, torna possível, acessível, esse sonho antigo. Sem materialidade, sem localização, o texto, em sua representação eletrônica, pode alcançar qualquer leitor equipado do material necessário para recebê-lo... Todo leitor, no lugar em que se encontra, com condição que seja diante de um posto de leitura conectado com a rede que efetua a distribuição dos documentos informatizados, poderá consultar, ler, estudar qualquer texto, independentemente de sua localização original.

⁵⁸ Disponível *online* em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012&lng=pt&nrm=iso

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

3.1. O Moodle – ambiente colaborativo de aprendizagem para a Língua e Literatura

Portuguesas

3.2. Ferramentas e aplicações da Web 2.0:

3.2.1. Fóruns e *Chats*

3.2.2 Leitores eletrônicos ou *e-books readers*

3.2.3. *Audiobooks*

3.2.4. O vídeo – DVD/*Blu-ray* e *YouTube*

3 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

No presente capítulo é apresentado o enquadramento teórico da investigação “Tecnologias e leitura em ambiente escolar”, enfatizando-se o papel da Web 2.0 e Web 2.0 Móvel na motivação e no desenvolvimento da competência de leitura literária dos estudantes/leitores atuais.

Para o desenho do projeto de *e-leitura* que se apresentará no capítulo seguinte foram objeto de estudo (i) o Moodle⁵⁹ como ambiente colaborativo de aprendizagem disponível para o ensino e a aprendizagem da Língua e Literatura Portuguesas, (ii) e as ferramentas, serviços e aplicações que a Web 2.0 e Web 2.0 Móvel proporcionam aos seus utilizadores: fóruns e *chats*; aplicações de leitura (*e-books readers*), explorando os dispositivos móveis (*smartphones, tablets, phablets*) que os estudantes possuem e usam comumente; *audiobooks*, analisando as potencialidades do áudio na divulgação de obras literárias; vídeo, em DVD/*Blu-ray* e no *YouTube*, considerando as vantagens da tríade texto-imagem-som e do dinamismo que produz.

⁵⁹ Optou-se apenas pelo uso da expressão “sistema Moodle” ou somente “Moodle”, uma vez que se verificou na bibliografia consultada que não há ainda consenso entre estudiosos e utilizadores sobre a utilização do termo “plataforma” ou “sistema”. Há autores que citam a ferramenta como plataforma de gestão da aprendizagem (Learning Management System), enquanto outros a apontam como um sistema, fruto, provavelmente, da tradução de LMS para português – Sistema de Gestão da Aprendizagem (SGA).

3.1. O Moodle – ambiente colaborativo de aprendizagem para a Língua e Literatura Portuguesas

... a aula não tem necessariamente de acabar com o toque da campainha, vai muito para além dela, permitindo aos alunos e professores continuar a discussão.

Adelina Moura (2005: 04)

Inventado, em 1999, por Martin Dougiamas, na Curtin University of Technology, em Perth (Austrália), e desenvolvido por uma comunidade de voluntários, o Moodle – *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment* – destaca-se por ser um sistema de código aberto (*open source*) e *software* livre (livre acesso e sem custos), reunindo uma “comunidade de centenas de milhares de interessados (utilizadores, programadores, educadores...) que permanentemente contribuem para a sua melhoria e desenvolvimento.”⁶⁰

No *site* oficial do Moodle pode ler-se que o “Moodle is a learning platform designed to provide educators, administrators and learners with a single robust, secure and integrated system to create personalised learning environments.”⁶¹ Dougiamas & Taylor (2009: 20) dizem que “foi desenhado para ser compatível, flexível, e fácil de ser modificado”, ambicionando que seja a base para que o Ensino se alicerce no construtivismo social.

Encontra-se traduzido em mais de 100 idiomas e está em 184 países, sendo usado por inúmeras instituições de ensino (públicas e privadas, presenciais e a distância) em todo o mundo, como a Universidade Aberta, onde vários utilizadores/estudantes podem aceder a informações ou cursos colaborativa e simultaneamente.

Para Cardoso (2006: 85), *apud* Valente, Moreira & Dias (2009: 37),

“Pela sua natureza flexível, integrando múltiplas funcionalidades e altamente configurável pelos utilizadores finais, em função das atividades a suportar e do contexto específico da aprendizagem, as PeL [Plataformas de e-Learning] têm implicações necessariamente relevantes nos processos de adoção pelas IES [Instituições de Ensino Superior], podendo constituir desafios de mudança pedagógica e organizacional.”

⁶⁰ Disponível *online* em <http://www.crie.min-edu.pt/index.php?section=171>

⁶¹ Disponível em https://docs.moodle.org/27/en/About_Moodle#Easy_to_use. Tradução livre da autora: “O Moodle é uma plataforma de aprendizagem criada para garantir educadores, administradores e alunos de um sistema único e robusto, seguro e integrado para criar ambientes personalizados de aprendizagem”.

Criando novos espaços onde a aprendizagem se desenvolve, os sistemas LMS (*Learning Management System*) são desafiantes não só para professores e educadores, mas também para as instituições que se dedicam à educação em Portugal que, procurando modernizar-se, investem em novas formas de aprender centradas no estudante, apostam no construtivismo e na aprendizagem colaborativa. Todo o ambiente virtual de aprendizagem a explorar deve hoje ser “construtivo, ativo/manipulativo, intencional, colaborativo, complexo, conversacional, contextualizado e reflexivo” (Jonassen, 2007), *apud* Valente, Moreira & Dias, 2009: 41).

Fora do âmbito do Ensino Superior (ES) e da formação profissional, com o objetivo de expandir o Moodle na rede do ensino público, foi criado no país o projeto *moodle-edu-pt*, pela CRIE (Equipa de Missão Computadores, Redes e Internet na Escola do Ministério da Educação), com o objetivo de

“lançar um movimento de potenciação do ensino e aprendizagem on/line por todos os atores do ensino básico e secundário, através da apropriação generalizada da plataforma moodle, consensualmente considerada das melhores, se não a melhor, plataforma de gestão ensino-aprendizagem (LMS - Learning Management System)”.⁶²

Sendo o Moodle a “pedra fundadora do projeto moodle-edu.pt”, disponibiliza “um espaço on-line/em-linha de apoio ao desenvolvimento de ações da equipa de missão CRIE, designadamente na área de formação de professores TIC, de projetos educativos em TIC e outras desenvolvidas pela equipa de missão ou pelos seus parceiros”.⁶³

Segundo informação do *site* oficial da CRIE, as escolas portuguesas têm assim à sua disposição “...um ambiente digital de trabalho potencialmente capaz de sustentar a criação de Campus virtuais [*sic*] nas escolas do ensino básico e secundário...”.⁶⁴ Efetivamente são inúmeras as escolas que o disponibilizam nas suas páginas *online* com o objetivo de enriquecer o processo de ensino e de aprendizagem, quer presencialmente quer a distância, notando-se, conseqüentemente, o aumento da curiosidade e do envolvimento de todos os agentes educativos com o Moodle.

Em contexto escolar, por ser um sistema de fácil utilização, é um dos preferidos e mais usados. “No site oficial do Moodle, o nosso país está muito bem representado com 1023

⁶² Disponível *online* em <http://www.crie.min-edu.pt/index.php?section=171>

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ *Ibidem*.

sites portugueses registados num total de 26846 provenientes de 184 países, a que não deve ser alheio o projeto “moodle.edu.pt”, como observa Carvalho (2007: 35).

Ainda que embrionário em Portugal, de acordo com o Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE, 2009: 05), o sistema Moodle desempenha

“um papel crítico nos processos de modernização tecnológica do ensino, particularmente como: indutoras da produção e da utilização de ferramentas, de conteúdos e de informações em suporte digital; promotoras da utilização de recursos educativos digitais como complemento ou mesmo substituto das práticas de ensino tradicionais; facilitadoras da alteração das práticas pedagógicas, estimulando práticas de ensino mais interativas e construtivistas e fortalecendo uma cultura de aprendizagem ao longo da vida; minimizadoras da infoexclusão, permitindo o acesso remoto e de baixo custo a conteúdos, a módulos e a cursos; potenciadoras da inclusão no ensino e na aprendizagem de cidadãos com necessidades especiais; [e] agilizadoras de abordagens colaborativas no ensino.”

O documento (*idem*: 26) destaca ainda a supremacia do Moodle face a outros sistemas de gestão da aprendizagem, apontando-lhe vantagens como a

“fácil adaptação da plataforma às necessidades dos utilizadores, permitindo a seleção do conjunto de funcionalidades e de módulos adequados aos requisitos de cada caso concreto; facilidade de instalação e de upgrade da plataforma pelas próprias comunidades educativas; plataforma com custo de adoção nulo, pois é software livre cujo download não tem custos; boa performance ao nível da segurança, garantindo a proteção e a confidencialidade dos dados manipulados pelos diferentes grupos de agentes das comunidades educativas; plataforma open source, conta com uma larga comunidade de developers de módulos e de funcionalidades, disponíveis para adoção livre (por ex., gestão de equipamentos).”

De acordo com a informação do *site* oficial “Moodle is a software package for producing internet based courses and web sites. It’s an ongoing development project designed to support a social constructionist framework of education.”⁶⁵ Também para Valente, Moreira & Dias (2009: 40) o sistema se apresenta “como um projeto de apoio ao construtivismo social na educação”, notando que (*idem*: 41)

“Os ambientes de aprendizagem considerados construtivistas preconizam que o aluno participe ativamente na resolução de problemas, que utilize o pensamento crítico sobre as atividades de aprendizagem que mais significam para si e que construa o seu próprio conhecimento, cabendo ao professor o papel de “parteiro” no processo de nascimento da compreensão e de orientador, facilitador, conselheiro, tutor e aprendiz.”

Tratando-se de um sistema com acesso privado, solicitando a introdução de uma palavra-passe, estudantes e tutores concebem, simultaneamente, uma pequena comunidade

⁶⁵ Disponível *online* em https://docs.moodle.org/19/en/Talk:About_Moodle. Tradução livre da autora: “O Moodle é um pacote de software para a produção de cursos e páginas baseadas na internet. É um projeto contínuo de desenvolvimento criado para apoiar a estrutura construtiva da educação.”

de aprendizagem onde interagem e partilham questões e reflexões em privado. Podem ainda optar por publicações públicas ou restritas apenas a pequenos grupos.

Surge, neste âmbito, o conceito de “comunidades de aprendizagem colaborativa” (Dias, 2004): comunidades virtuais de aprendizagem reunidas pelo interesse e partilha de objetivos comuns, seguindo um modelo educativo impulsionado pela crescente difusão e utilização das TIC na mediação da comunicação, discussão, divulgação e construção de conhecimentos.

Mais tarde, retomando o tema, o autor (Dias, 2008: 22) esclarece que

“A atividade da comunidade de aprendizagem é vista assim sob uma perspetiva de participação e envolvimento dos membros do grupo na elaboração holística da compreensão, resolução da tarefa ou problema, tendo como quadro de referência conceptual as abordagens da cognição e da construção do conhecimento baseadas não exclusivamente na atividade individual, mas também nos processos interpessoais de interação social e cognitiva e nos contextos de experiência cultural.”

Para o autor, as comunidades de aprendizagem colaborativa permitem “a expressão da partilha de um conjunto de objetivos, valores, normas e intencionalidade social, história e identidade, construídos através das interações entre os seus membros” (*ibidem*), sendo a participação dos aprendentes o “... princípio e condição para a realização das aprendizagens no âmbito da comunidade... que permite o acesso sem constrangimentos de tempo e lugar, e favorece o desenvolvimento da comunicação aberta e em rede” (*idem*: 23), atraindo e implicando os estudantes quando se sentem afastados ou desmotivados com outros métodos. Também L. Morgado (2001: 133) destaca o valor das comunidades de aprendizagem:

“Promovendo a questionação, o pensamento crítico, o sentido de autonomia, o diálogo, a negociação e a colaboração, o professor está de facto a contribuir para o desenvolvimento de interações e de relações interpessoais produtivas entre os participantes e a criar as condições necessárias para que o saber circule, se multiplique, seja partilhado e (re)construído pelos estudantes.”

Para J. Bidarra (2007: 38) é importante, nas comunidades de aprendizagem, o “...estudante ter controlo sobre algumas variáveis: o tempo do estudo; o lugar onde se estuda; o ritmo do estudo; a ordem das atividades; a possibilidade de rever; a possibilidade de repetir; a possibilidade de saltar matéria”, para que aumente o interesse e a motivação pelas atividades em grupo e os resultados surjam acima do esperado. Não obstante, para se alcançar o sucesso na aprendizagem e nos projetos colaborativos, o autor (Bidarra, *ibidem*)

enumera outros fatores como sendo também essenciais ao bom funcionamento da comunidade:

“... pré-requisitos técnicos de acesso; acesso ao longo das 24 horas; apoio técnico aos utilizadores; dinâmica estudante-tutor e estudante-estudante; acompanhamento e tutoria; tempos de realização de tarefas; tempos de resposta ao estudante; credibilidade e imparcialidade; privacidade e confidencialidade.”

Em síntese, a aprendizagem colaborativa apresenta como características fundamentais o estudo em grupo e orientado e a aprendizagem ativa e investigativa, sendo o estudante um agente que transforma informação em conhecimento. A discussão e a construção do conhecimento faz-se de forma interativa, centrada no estudante, com ênfase no processo e atendendo ao contexto onde se utilizam os ambientes de aprendizagem *online* (cf. Valente & Escudeiro, 2007).

O sistema de aprendizagem colaborativa Moodle surge em destaque na investigação por ser base e mediador do projeto de *e-leitura* “Eu leio, @qui e @agora”, organizado e disponibilizado nas modalidades *b/m-learning*, de modo a facilitar o acesso e atualização dos conteúdos, das obras/autores e das tarefas a realizar, e a gerir e controlar a participação síncrona e assíncrona dos intervenientes, procurando implementar um ambiente favorável à leitura literária, ao debate e participação ativa e cada vez mais autónoma dos estudantes/leitores.

O sistema é gerido pelo *e-professor* que orienta os percursos individuais dos estudantes, para que, em momentos individuais e/ou de grupo, se dediquem à aprendizagem, leitura e partilha/discussão da mensagem literária, atividades fundamentais para o seu desenvolvimento e enriquecimento pessoal. Em resumo, o professor impulsiona a aprendizagem: primeiro delinea o projeto ou as ações/tarefas e depois organiza todos os conteúdos (semanalmente ou por tópicos).

Como notam Valente, Moreira & Dias (2009: 48)

“O papel do professor enquanto dinamizador de um espaço de aprendizagem, seja numa plataforma Moodle, seja num outro espaço destinado a esse efeito, é fundamentalmente diferente do desempenhado na sala de aula presencial. Nos espaços online, terá de potenciar os processos de construção de significados em detrimento dos processos de transmissão de conteúdos, assumindo um papel de moderador e promovendo a criação de conhecimento por todos os elementos do grupo.”

Neste sentido, para os autores (*idem*: 49),

“...o principal papel do e-moderador consiste em promover o envolvimento dos participantes de forma que o conhecimento por eles construído seja utilizável em novas e diferentes situações. Desse modo, as práticas de interação social e cognitiva na plataforma constituem meios de desenvolvimento das formas de participação e experiência colaborativa da aprendizagem.”

Para que desempenhe plena e eficazmente a sua função na concretização de projetos delineados fazendo uso do Moodle, o *e-professor* recorre a um conjunto de recursos internos que o sistema tem ao seu dispor: base de dados, glossários, texto, vídeo e áudio, apontadores, testes, referendos, trabalhos, arquivo, editor de texto ou calendário; e a ferramentas colaborativas externas, tais como fóruns, *wikis*, *chats* e *blogs*, que fomentam a interação estudante/professor e professor/estudante.

Pode ainda recorrer ao envio de notificações via *e-mail* com o objetivo de divulgar melhor os projetos, as atividades, os conteúdos ou materiais, para que os estudantes acompanhem a atividade nos fóruns e as notícias ou eventos recentes e nada seja esquecido ou ignorado. Pode também monitorizar a frequência, a atividade e os acessos dos estudantes aproveitando os gráficos que o sistema apresenta. Os estudantes são convidados a construir o seu perfil *online* (descrição, fotos, *e-mail* ou outros) dinamizando as comunidades de aprendizagem.

De acordo com o documento do GEPE (2009: 21)

“o sucesso e a generalização do Moodle como plataforma preferencial de partilha de recursos, de ensino e de aprendizagem a distância tem por base características essenciais como a interoperabilidade e a modularidade”, assentes na “Escalabilidade”, “Segurança”, “Extensibilidade” e “Modularidade”.

Também Valente, Moreira & Dias (*op. cit.*: 44) destacam as características que fazem do Moodle um sistema com um ambiente de aprendizagem moderno e fácil de utilizar:

“A Moodle integra muitas das características esperadas de uma plataforma de e-learning, entre as quais: fóruns de discussão configuráveis, ainda que de forma limitada; gestão de conteúdos, permitindo a edição direta de documentos em formato texto e HTML (HyperText Markup Language); criação de questionários com possibilidade de opção por vários tipos de resposta; sistema de Chat com registo de histórico configurável; sistema de Blogues; editor Wiki; sistema de distribuição de inquéritos standardizados; sistema de gestão de tarefas dos utilizadores, etc.”

Com o objetivo de explorar ao máximo as vantagens do sistema, professores e estudantes podem ainda utilizar o *Moodle Mobile* – “the Moodle official mobile

application”⁶⁶, disponível em quinze línguas, incluindo o português, aproveitando as potencialidades dos dispositivos móveis que possuem e habilmente manipulam para aceder a cursos ou projetos *online*, aceder a conteúdos, recursos ou obras literárias, fazer o *upload* e *download* de documentos, gravar e partilhar vídeos ou imagens, enviar mensagens, ver notícias, eventos ou propostas de atividades e participar e comunicar em fóruns e *chats* (ver figura 4.1).

Figura: 4.1 – imagem da aplicação *Moodle Mobile* para dispositivos móveis



(fonte *online* em <https://download.moodle.org/mobile/>)

No âmbito da leitura literária, o Moodle permite a conceção, estruturação e divulgação de projetos de *e-leitura*, para que os estudantes possam conhecer e ler textos em LP, expondo e partilhando as suas experiências de leitura através das ferramentas de comunicação/interação que tem disponível. Em resumo, promovendo a interação entre estudantes (assegurando a colaboração e cooperação), oferecendo áreas de discussão (fórum e *chat*), permitindo a ligação a outros recursos da Web e a partilha de ficheiros *online*, o sistema estimula a aprendizagem e promove a leitura em contexto educativo.

3.2. Ferramentas e aplicações na Web 2.0

As tecnologias digitais ganham cada vez mais relevo no cenário educativo em Portugal, atraindo professores e estudantes pela eficaz combinação de cor, som, texto, produção, dinamismo, colaboração, criação e partilha de recursos. A Web 2.0 e Web 2.0

⁶⁶ Disponível *online* em https://docs.moodle.org/29/en/Moodle_Mobile. Tradução livre da autora: “a aplicação móvel oficial do Moodle”.

Móvel oferecem atualmente aos seus utilizadores e entusiastas da tecnologia inúmeras ferramentas, serviços e aplicações que usam habilmente em diferentes contextos e com distintos objetivos.

Segundo informação *online* “A learning tool is defined as any software or online tool or service that you use either for your own personal or professional learning, for teaching or training, or for creating e-learning”.⁶⁷ Neste âmbito destacam-se de seguida ferramentas e aplicações que potenciam o ensino e a aprendizagem da leitura literária, a aplicar aquando da implementação do projeto de *e-leitura*.

3.2.1 Fóruns e Chats

Os fóruns caracterizam-se por ser formas de comunicação escrita assíncrona, conservada *online* para que o utilizador a visualize e nela participe em qualquer momento. A assincronia (tempo diferido) em que ocorre a interação permite a visualização das mensagens com mais atenção, uma interpretação mais correta e respostas mais adequadas e elaboradas no conteúdo. São, naturalmente, trocas verbais organizadas em turnos sequenciais e alternados e bem estruturadas linguisticamente, quando o utilizador inicia o tópico ou quando responde a tópicos anteriores.

Como referem Coutinho & Alves (2010: 211) «a utilização de ambientes de comunicação assíncrona é mais propício a uma “aprendizagem profunda”, já que, como sublinham Miranda & Dias (2003: 240), a reflexão permitida pelo “modo assíncrono pode conduzir os participantes a uma mais profunda compreensão das ideias em discussão.»

Também Adelina Moura (2005a: 11) salienta a importância da utilização do fórum para a comunicação escrita, ao afirmar que

«... promove a escrita significativa e reflexiva, o que significa que, por um lado, o aluno é muitas vezes impelido a pesquisar sobre os temas em debate por forma a poder sustentar as suas opiniões, escrevendo com um objetivo, e por outro lado, não pode ficar alheio às opiniões dos outros participantes, devendo desenvolver estratégias de interação: “esta partilha fomenta a construção de mecanismos de autoconfiança, na medida em que o debate de ideias e opiniões é um meio de melhorar e aperfeiçoar o pensamento”.»

⁶⁷ Disponível em <http://c4lpt.co.uk/top100tools/>. Tradução livre da autora: “Uma ferramenta de aprendizagem é definida como qualquer *software* ou ferramenta *online* ou serviço que se usa quer para aprendizagem pessoal ou profissional, para ensinar ou treinar, ou para criar *e-learning*.”

Conseqüentemente, para a autora (*ibidem*), “o fórum é o instrumento ideal para o aluno confrontar as suas opiniões com os demais, tecer algum comentário sobre um determinado tema, publicar um texto, manifestar a sua concordância ou desagrado sobre algum assunto, opinar ou simplesmente desabafar.” Sendo uma ferramenta grátis e aberta a qualquer utilizador (partilha exposta) assume uma dimensão pública, anulada, contudo, sempre que aquele o desejar pela possibilidade de também trocar mensagens em privado. Apela ao debate e à problematização de temas ou questões *online*, à partilha de problemas e à procura coletiva de soluções. Os utilizadores expõem as suas opiniões e pontos de vista de forma hierárquica, contínua e organizada. Deste modo, para Adelina Moura (*op. cit.:* 11),

“através do fórum o aluno aprende pela interação, pela partilha do conhecimento e confronto de pontos de vista pessoais”, sendo que “a possibilidade de feedback das opiniões cria um elevado grau de participação e leitura, na medida em que o aluno está mais atento ao que os outros pensam e aos comentários que fazem.”

Na discussão o estudante é identificado por nome e fotografia, podendo subscrever por *e-mail* alertas de notícias ou das últimas intervenções para estar sempre informado e atualizado. O docente, por seu turno, pode selecionar essa opção para todo o grupo, de modo a que todos tenham conhecimento da atividade do fórum. Tratando-se de fóruns de notícias, o professor pode bloquear a possibilidade de resposta, ainda que não seja solicitada pela natureza da informação transmitida.

O *chat* – “serviço de conversação em tempo real pela rede mundial de computadores” (Marson & Santos, 2008: 42), é uma forma de comunicação escrita síncrona que “simula” a conversação oral/a comunicação face a face. Contudo, ao contrário da oralidade, todas as sessões são gravadas, estando disponíveis para visualização posterior. Também neste modo de comunicação os estudantes estão identificados.

De acordo com Miranda & Dias (2003: 240), *apud* Coutinho & Alves (2010: 210) “os ambientes suportados por redes de comunicação síncrona funcionam como ambientes virtuais baseados em texto, apelativos para a imersão dos alunos na conversação e adequados para clarificar pequenas dúvidas ou tomar decisões.”

A ligação em simultâneo e o imediatismo da resposta que caracterizam o *chat* possibilitam aos estudantes o esclarecimento de qualquer questão ou assunto com os colegas ou com o docente quando este integra o grupo, fortalecendo a inter-relação entre

todos os intervenientes do processo de ensino e de aprendizagem, fruto da exploração de novas formas de comunicação em ambiente escolar.

Neste contexto, também Adelina Moura (2005a: 04) nota que

“O chat permite o encontro virtual, através da comunicação síncrona, com outros colegas, dentro ou fora da escola ou do país. Assim, aproveitar este poderoso instrumento de comunicação, que é utilizado pela maioria dos nossos alunos, como mais uma ferramenta pedagógica ao serviço do desenvolvimento curricular, parece-nos mais que pertinente.”

“Na utilização de *chats* cabe ao professor a descoberta de endereços eletrônicos apropriados onde os alunos serão estimulados a exercitar as conversações, desenvolvendo habilidades linguísticas e a interação” (Marson & Santos, *op. cit.*: 43). Isto é, o professor tem a possibilidade de envolver os estudantes no debate, fomentando a conversação *online* pela disponibilização de informações que podem ser consultadas quer na sala quer depois das aulas. Encontrando-se conectado à rede, à web social e colaborativa, o estudante tem ainda a possibilidade de pesquisar informações novas de forma entusiasta, visto que trabalha com ferramentas dinâmicas e interativas que o motivam a fazer mais e melhor, adquirindo ou desenvolvendo outras competências.

Pela exploração destas ferramentas o estudante deixa de ser um elemento passivo e constrói o seu próprio conhecimento, aprendendo a aprender. Participa em debates, desenvolve atividades (pesquisa, leitura e seleção de informação), elabora sínteses, trabalhos ou relatórios, publicando/partilhando *online* o trabalho realizado ou as conclusões obtidas.

3.2.2. Leitores eletrônicos ou *e-books readers*

As aplicações digitais (*Apps*) estão na moda entre a comunidade do ciberespaço. Combinando perfeitamente realidade e virtualidade, maioritariamente grátis e para todas as idades, têm à disponibilização dos seus utilizadores filmes, jornais, livros, música, jogos, receitas, meteorologia, desporto, moda.... Tudo pode ser convertido em práticas aplicações disponíveis para quaisquer dispositivos com ligação à *internet*, modelando a relação do ser humano com a tecnologia e a tecnologia móvel e a sua forma de estar e viver.

No contexto educativo, de acordo com um estudo da UNESCO (2013: 14), “Educational apps are already experiencing significant growth in developed countries.

These apps provide new tools for educational activities such as annotation, calculation, composition and content creation.”⁶⁸

No documento (*ibidem*) pode ler-se também que

“While a small number of educational apps are mapped to curriculum targets and designed for use in classroom or homework settings, the majority are intended mainly for informal learning (GSMA, 2011). However, as more students use mobile devices in formal education settings, apps will likely become an important part of the mobile learning ecosystem.”⁶⁹

Encontram-se já disseminadas entre a população escolar, servindo a realização de diferentes atividades, com propósitos específicos, que incentivam a aprendizagem. Para Adelina Moura & Idalina Santos (2014: 546)

“Há uns anos atrás os alunos tinham de carregar nas mochilas um grande número de materiais escolares para estudar ou tirar apontamentos. Atualmente com um *smartphone* ou *tablet* podem realizar grande parte das tarefas escolares. A enorme quantidade de aplicações (Apps) que os alunos podem instalar nos seus dispositivos móveis, acrescido às características de conectividade, portabilidade e mobilidade que têm estes aparelhos, transforma-os em excelentes aliados para estudar.”

No campo da leitura literária, depois dos *e-books reader device – e-readers* (modelos *Kindle, Kobo, Nook, Sony* ou *PocketBook*), leitores portáteis de *e-books*, espécie de minicomputadores inteiramente dedicados à leitura, disseminados entre a comunidade leitora no início do presente século, com ecrãs táteis sensíveis ao toque, surgem as mais recentes aplicações de leitura digital – *e-books readers* – exequíveis para dispositivos eletrónicos que os utilizadores das tecnologias digitais usam regularmente.

Disponibilizadas em qualquer loja de aplicações *online*, são facultadas por vários sistemas operacionais móveis (*Nokia, Samsung, Apple...*) ou por sistemas operacionais de computadores (*Windows, Apple, Google...*). Da pesquisa realizada, destacam-se as aplicações que oferecem não só a possibilidade de leitura de *e-books*, mas também bibliotecas digitais com um número significativo de títulos, autores, géneros, satisfazendo os gostos do público-leitor, que os poderão facilmente adicionar à sua biblioteca digital pessoal.

⁶⁸ Tradução livre da autora: “As aplicações educativas estão a desenvolver-se significativamente nos países desenvolvidos. As aplicações fornecem novas ferramentas para atividades educativas como anotações, cálculo, composição e criação de conteúdo.”

⁶⁹ Tradução livre da autora: “Enquanto um número pequeno de aplicações educativas estão mapeadas para objetivos curriculares e concebidas para a utilização em sala de aula ou trabalho de casa, a maioria tem a intenção de serem utilizadas principalmente para aprendizagem informal (GSMA, 2011). No entanto, à medida que mais estudantes utilizam dispositivos móveis no âmbito da educação formal, as aplicações vão provavelmente tornar-se uma parte importante do ecossistema da educação móvel.”

Contrariamente aos dispositivos de leitura anteriores, as novas aplicações não implicam gastos na aquisição de um novo dispositivo para ler bons livros, uma vez que, atualmente, PDA's, iPod's, *smartphones*, *tablets* ou *pablets* servem perfeitamente de dispositivos de leitura (*e-book reader device*), lembrando um livro de bolso pelo peso e tamanho reduzido que possuem. Entre as inúmeras aplicações de leitura gratuitas disponíveis na Web, destacam-se a *Kobo Reading Life*, *Wattpad*, *Kindle*, *Ebook Reader*, *Aldiko Book Reader*, *Free eBooks*, entre outras (ver figura 4.2).

Figura: 4.2 – algumas aplicações de *e-leitura*



(fonte Google Play Store: <https://play.google.com/store/apps?hl=pt-PT>)

Utilizando as aplicações disponíveis o leitor pode transportar facilmente uma pequena biblioteca ou aceder virtualmente a títulos que as bibliotecas físicas não dispõem. Depois de guardado, o livro eletrónico fica disponível para ser lido imediatamente ou ser armazenado na biblioteca virtual do leitor, lendo-o apenas quando lhe for possível. Após o início da leitura o *e-book* permite a leitura *offline*, sem ligação à *internet*, uma vantagem fulcral para solucionar problemas de acesso à rede em locais ou momentos em que não é possível.

Muitas destas aplicações contemplam os gestos tradicionais da leitura como virar ou tocar a página. A leitura pode ser realizada em qualquer posição (sentado, deitado ou em pé) ao gosto do leitor, recordando o que diz Italo Calvino em *Se numa noite de inverno um viajante* (“Estás para começar a ler... Descontra-te. Recolhe-te... Arranja a posição mais cómoda: sentado, estendido, enroscado, deitado.”). Outras disponibilizam uma agradável leitura à noite, visto que possuem ecrãs retroiluminados (iluminação na parte de trás do

ecrã), permitindo ao leitor alargar o seu leque de opções, essencialmente à noite quando gozará de mais tempo, podendo dedicar-se à leitura prazerosa e descomprometida.

Nas aplicações de *e-leitura*, o toque para virar a página é imitado do gesto usado no livro impresso, preservando a experiência sensorial e estética que Manguel (1998) valoriza aquando da leitura de um livro em papel, aproximando o novo formato *e-book* do seu antecessor. É ainda possível ao leitor fazer anotações e marcações pessoais na margem do texto digital; destacar ou copiar palavras ou segmentos textuais; alterar a exibição do livro (disposição no ecrã); configurar a visualização do documento (tipo e tamanho de letra...); pesquisar conceitos ou expressões textuais no dicionário integrado; traduzir ou definir palavras no motor de busca que disponibilizam ao utilizador; fazer pesquisa em texto integral para saber, por exemplo, em que momento aparece pela primeira vez a menção a alguém ou alguma coisa. As alterações são gravadas e arquivadas no texto.

Em suma, os leitores podem usar ativamente as aplicações à semelhança do trabalho e relação criada com o livro impresso, na senda do construtivismo e da aprendizagem autónoma a desenvolver e incrementar nas escolas portuguesas. O estudante transforma o *e-book* em material didático, manuseia-o e apropria-se dele para diversos fins. “Mobile reading is not a future phenomenon but a right-here, right-now reality”⁷⁰ (UNESCO, 2013: 16), não podendo os processos de ensino e de aprendizagem da língua e literatura portuguesas do país ficar indiferentes a toda a *mudança* que ocorre em seu redor e o envolve diretamente.

Em 2012, no mercado nacional, a Wook, a maior livraria virtual portuguesa do Grupo Porto Editora, permitindo conjugar a leitura em vários dispositivos ou plataformas *online* (*Windows, Mac, iPad, iPhone* ou *Android*) sempre que o leitor o desejar, disponibilizou uma aplicação de leitor eletrónico – o *eWook Reader*. Segundo informação *online*, “As editoras portuguesas decidiram adotar um formato único para facilitar a leitura e as vendas de livros eletrónicos. O programa desenvolvido em Portugal permite retomar a leitura na página em que ficámos, mesmo quando mudamos de aparelho.”⁷¹ Recorrendo ao *e-book reader* da Wook o leitor pode aceder ao livro a partir de qualquer um dos seus dispositivos móveis com acesso à Web. Após o primeiro acesso os livros ficam disponíveis para leitura em modo *offline*.

⁷⁰ Tradução livre da autora: “A leitura móvel não é um fenómeno futuro mas da realidade do aqui e agora.”

⁷¹ Disponível em http://www.rtp.pt/noticias/cultura/editoras-portuguesas-adoptam-formato-unico-para-livros-eletronicos_v569478

3.2.3. *Audiobooks*

Presentemente, o livro eletrônico faz-se acompanhar, chegando a ser substituído em alguns casos, por um formato áudio que transforma o material escrito em som – *audiobook*, possibilitando ao leitor desfrutar a mensagem literária pela audição do texto. Esta é mais uma das características da sociedade moderna que privilegia o audiovisual em prejuízo da palavra escrita, ainda que resgatada recentemente pelas TIC e a CMC que inauguraram.

Com o audiolivro, a sociedade recupera para o panorama atual a oralidade e o gosto ancestral que o ser humano tem em ouvir histórias, em estimular a imaginação e aprender pelas palavras de outrem, sem nunca esquecer, porque se trata da sua verbalização, a escrita e o poder da palavra de cada escritor, de cada época ou cada texto. A voz do autor ou narrador implicará sempre o leitor, iniciando a tríade autor-texto-leitor em que se funda toda a comunicação literária.

Por conseguinte, no campo educativo, o “falar” e o “ouvir” voltam a estar no centro da aprendizagem, mas não um “ouvir” para ser memorizado e repetido pelos estudantes. Trata-se de um “ouvir” como um fim em si mesmo, ao serviço da compreensão e aprendizagem da língua, literatura e cultura portuguesas.

Embora seja encarado como um fenómeno subliterário no combate à iliteracia, o *audiobook* é citado por Menezes & Franklin (2008: 59) como “um recurso informacional gerado pelas novas tecnologias, que pode ser utilizado não apenas pelos deficientes visuais, como também por pessoas sem deficiência, cooperando com a formação e o resgate de leitores” afastados das letras e da literatura por serem movidos por outros interesses ou atrações.

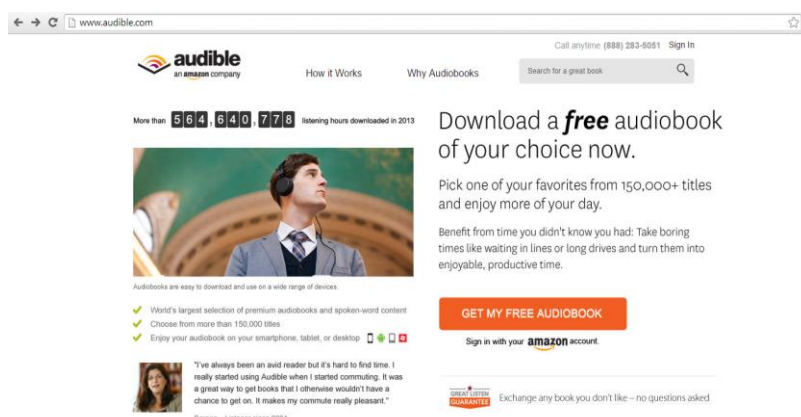
No mesmo estudo, os autores (*idem*: 61-62) apresentam-no como

“um livro em áudio, no qual «os leitores», voluntários ou profissionais contratados para esta finalidade, interpretam textos literários, científicos, ou didáticos, que, utilizando sonorizações em suas narrativas, transmitem sentimentalismo em suas apresentações. Pode ser utilizado em suportes analógicos ou digitais, capturados na internet através de *downloads* em sites específicos, com acesso pago ou gratuito.”

Hoje, os livros, além de existirem em papel e em formato eletrônico, existem ainda em formato áudio. Podem ser conhecidos usando os olhos, os ouvidos, as mãos e os dedos, fazendo da leitura não uma punição ou obrigação, mas um prazer comum e duradouro.

Inventados e cultivados desde o século anterior, eram disponibilizados em CD ou DVD, sem grande capacidade de armazenamento, passando posteriormente a ser distribuídos em formato MP3. Agora estão disponíveis na *internet* para audição *online* ou para *download* e arquivo. Como exemplo relevante existe o *audible.com* (<http://www.audible.com/>), uma filial da *Amazon.com*, que disponibiliza aos seus utilizadores coleções voltadas para o mercado consumidor *online*, entre *audiobooks*, revistas e jornais (ver figura 4.3).

Figura: 4.3 – página oficial da audible.com da Amazon



(fonte online: <http://www.audible.com/>)

De modo inesperado, nos últimos dez anos, com a disseminação dos dispositivos móveis de áudio (MP3, MP4, *Ipod's*, *smartphones* ou outros), a oferta e a procura de audiolivros aumentou consideravelmente, gerando mais uma possibilidade de contacto com o texto, a mensagem literária e o maravilhoso mundo da literatura. Como Menezes & Franklin (2008: 62) afirmam os *audiobooks* “resgata[m] ou forma[m] leitores, incentivando a leitura auditiva, o entretenimento e a cultura, para quem ouve e para quem se faz ouvir.”

Voz e som são centrais no contacto com a mensagem literária, podendo ser usados por educadores e professores, ou outros agentes educativos, em projetos de divulgação e motivação para a leitura literária, pois, como defendem os autores citados (*idem*: 71-72), o audiolivro “é um recurso útil devido ao fácil manuseio e acessibilidade, que não retira o prazer da leitura ou da escrita...; admite amplo número de exemplares e um maior aproveitamento de espaço nas estantes da biblioteca, além de permitir entretenimento e

participação social” de todos os que amam a literatura e a leitura literária como *dulce et utile*.

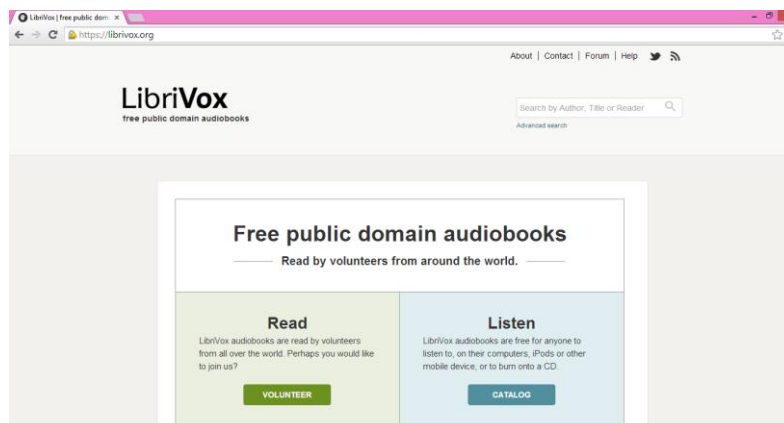
Sendo um material autêntico de grande valor, por ser gravado num discurso fluente, correto e em conformidade com as regras gramaticais da língua de suporte, pode corrigir e desenvolver nos ouvintes/leitores competências linguísticas específicas e competências de leitura/compreensão da mensagem literária pela transparência com que são lidos e apresentados. Pode ser usado para melhorar a fluência dos estudantes, corrigindo “defeitos da linguagem”, ampliar o seu vocabulário, ativar conhecimentos prévios, desenvolver a compreensão e aumentar a motivação para interagir com os livros/ a literatura, desenvolvendo o pensamento crítico e criativo.

Várias atividades complementares podem ser desenvolvidas em contexto educativo a partir do audiolivro: ouvir as ideias centrais, identificando a ação principal e secundárias; detetar estados de espírito, caracterizando personagens; selecionar vocabulário narrativo, descritivo ou dialógico; identificar espaços, ambientes ou épocas; lembrar detalhes; entender sequências; fazer previsões; fazer inferências ou recontar a história, à semelhança do que se faz na leitura e na exploração de um livro impresso. Como vantagens pedagógicas, pode aumentar a motivação dos estudantes e favorecer o desenvolvimento de competências linguísticas e literárias.

Para contextos educativos especiais, os audiolivros, recorrendo a diversas vozes e entoações, assumem-se como instrumentos de capital importância para estudantes invisuais sem acesso a livros impressos em braille devido à sua escassa produção ou preço a que são publicados. Podem reduzir assimetrias ou injustiças sociais, promovendo a igualdade de oportunidades para uma sociedade escolar mais equitativa e mais inclusiva.

Os estudantes poderão também ser envolvidos na criação e publicação *online* de *podcasts* (registos áudio), produzindo os seus próprios *audiobooks*, que disponibilizarão aos colegas e a todos os que se vierem a mostrar interessados, uma vez que podem ser facilmente descarregados nos seus dispositivos e ouvidos *anytime, anywhere*. Podem até integrar o projeto de voluntariado disponibilizado pelo *LivriVox*, lendo e gravando os livros/textos aí sugeridos (ver figura 4.4).

Figura: 4.4 – página inicial do *LibriVox*



(fonte online: <https://librivox.org/>)

Em contexto *online* existem já diversos sítios que disponibilizam exemplares de *audiobooks* em várias línguas, sendo a língua inglesa a mais comum (*Free Classic Audiobooks*, *Lit2Go*, *Spoken Alexandria Project*, *Audio Literature Odyssey*...).

Os títulos em LP surgem ainda em número reduzido, considerando-se importante destacar o pioneiro Projeto Gutenberg (http://www.gutenberg.org/wiki/PT-PG_Projecto_de_Livros-%C3%81udio), que trabalha em colaboração com o sítio <http://www.audiobooksforfree.com/home> e <https://librivox.org/> onde estão disponíveis alguns livros, contos e textos poéticos em LP. Há ainda o sítio <http://www.loyalbooks.com/language/Portuguese> com obras de Luís de Camões, do Padre António Vieira, Bernardim Ribeiro, Antero de Quental, Machado de Assis, José de Alenquer, entre outros.

Também a Biblioteca Boal – biblioteca *on-line* áudio de literatura, em <http://www.boal.ubi.pt/index.php?subpag=abertura>, um projeto de António Fidalgo e Rita Duarte, divulgada pelo Instituto Português do Oriente (IPOR) que a apresenta como um “projeto desenvolvido pela Universidade da Beira Interior, com apoio da União Europeia, que disponibiliza vários textos da literatura portuguesa, em formato áudio, de diferentes géneros literários”⁷², encontrando-se facilmente títulos de Eça de Queirós, Camilo C. Branco, Aquilino Ribeiro, Raul Brandão, Fernando Pessoa, Cesário Verde, entre outros.

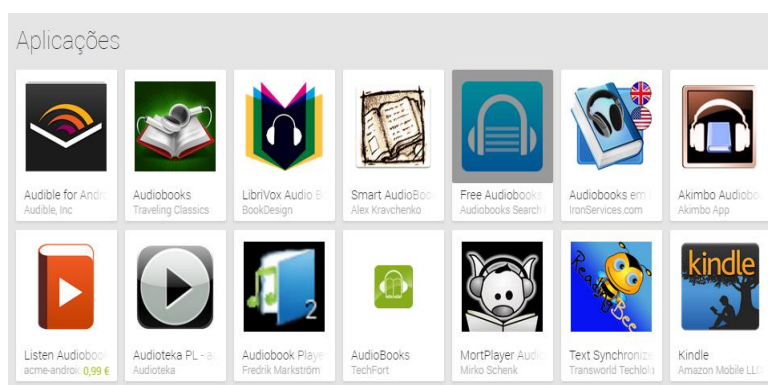
No Brasil existe o sítio <http://www.universidadefalada.com.br/audiolivro/literatura/literatura-estrangeira.html> com excertos iniciais de obras literárias, podendo ser usado para apresentações de autores e suas

⁷² Disponível em <http://ipor.mo/clp/recursos-didaticos/na-rede/literatura-2/>

obras, despertando no leitor a curiosidade suficiente para que realize a leitura integral dos textos.

Recentemente, com as aplicações de audiolivros para PC's e dispositivos móveis – *Audible* ou *Kindle* da Amazon, *LivriVox Audio Books Free* ou *Audiobooks* (ver figura 4.5) – surgiu uma nova possibilidade de ouvir livros gratuitamente, disponível sempre que o leitor o desejar. Todo o tempo perdido no trânsito, em transportes públicos, em salas de espera, em casa (nas tarefas diárias) ou quando se treina pode agora ser transformado em momentos férteis e agradáveis na companhia/audição das mais belas histórias que a literatura (re)cria.

Figura: 4.5 – algumas aplicações para audição de *audiobooks*



(fonte *Google Play Store*)

São, portanto, ferramentas indispensáveis para quem quer ser mais produtivo e ativo, quem quer estar atualizado e informado, quem deseja saber, conhecer, contactar com o Outro e a heterogeneidade cultural, ou simplesmente entreter-se, melhorando e enriquecendo seu quotidiano e sua vida. Permitem ainda ao utilizador/leitor, durante a audição, transferir os livros para ouvir *offline*; variar entre capítulos, fazer marcações, alterar a velocidade de narração; alternar entre ouvir o texto em outros dispositivos compatíveis; pesquisar entre capítulos; pesquisar palavras no dicionário; adicionar a imagem da capa à biblioteca pessoal do leitor/ouvinte; reproduzir os títulos automaticamente; parar para fazer ou receber uma chamada, entre outras funcionalidades essenciais ao desenvolvimento do gosto pela audição de livros literários portugueses ou da literatura universal.

Em suma, só quem ama verdadeiramente a leitura e a literatura poderá experimentar formas totalmente novas e inovadoras de a ela aceder e cultivar. Resta, porém, aguardar que mais aplicações em LP sejam disponibilizadas num país necessitado de estar mais atento à modernidade e às suas potencialidades educativas e sociais.

3.2.4. O vídeo em DVD/*Blu-ray* e no *YouTube*

Fruto dos atuais gostos e hábitos dos estudantes/leitores, também o vídeo não podia ser esquecido como uma das ferramentas a utilizar no projeto de *e-leitura* que procura aproximar os jovens da leitura literária, transformando-os em leitores competentes. Desde muito cedo as crianças são envolvidas em experiências audiovisuais que vão influenciando positivamente o seu desenvolvimento cognitivo e o modo como percebem a realidade, atraindo-as para novas experiências. Para Cardoso, Espanha & Lapa (2007: 280), no estudo publicado, “entre os jovens inquiridos *online*, 57,2% costumam assistir a filmes no computador.” Um número significativo que aumenta à medida que também aumenta a idade (62,7% dos jovens entre os 16 e 18 anos veem filmes *online*). O audiovisual deve, por isso, ser usado em contexto escolar como instrumento de motivação ou mediação de aprendizagens, complementando o trabalho do professor.

Substituindo o CD-ROM, limitado no uso de imagens, o Disco Versátil Digital (DVD) surge no mercado em 1995. Para Sáez (2000)

“La principal ventaja del nuevo formato radica en que permitirá almacenar 25 veces más información que los actuales discos. Su tamaño, en cambio, es el mismo que el de un CD convencional, aunque estos discos sólo tienen una cara y una capa donde grabar datos, mientras que los DVD pueden llegar a tener dos caras, cada una de ellas con una o dos capas o sustratos. La capacidad absoluta de estos discos es muy elevada ... Además, los DVD tienen otras ventajas: los nuevos lectores serán más rápidos que los actuales, lo cual redundará en el acceso y recuperación de la información, y los discos se deteriorarán con más dificultad por calor, humedad o torceduras, pues las capas donde se almacena la información son de ínfimo tamaño.”⁷³

⁷³ Disponível em <http://scrineum.unipv.it/saez.htm>. Tradução livre da autora: “A principal vantagem no novo formato encontra-se na capacidade de armazenar 25 vezes mais informações do que os discos atuais. O seu tamanho, no entanto, é o mesmo que o de um CD convencional, mas estes discos têm apenas um dos lados e uma camada onde gravar os dados, enquanto os DVDs podem ter duas faces, cada uma com uma ou duas camadas ou substrato. A capacidade total destes discos é muito alta ... Além disso, os DVDs têm outras vantagens: os novos leitores serão mais rápidos do que os atuais, o que permitirá o acesso e a recuperação de informações, os discos deteriorar-se-ão mais dificilmente com o calor, a humidade ou torções, pois as camadas onde as informações são armazenadas são de tamanho muito pequeno.”

É um dispositivo tecnológico usado em larga escala. Para os autores citados (Cardoso, Espanha & Lapa, *op. cit.*: 292) é “... sempre o mais escolhido como primeira opção...” pelos jovens para assistirem a filmes, surgindo no presente projeto por estar associado à representação de filmes com a mesma qualidade de som e imagem que uma sala de cinema proporciona aos seus espectadores. Mais recentemente, o *Blu-ray*, substituto do DVD por ter maior capacidade de armazenamento (até 50 GB com dupla camada), permite a divulgação de filmes de alta definição dadas as funcionalidades dos mais recentes aparelhos televisivos e das opções das grandes produtoras cinematográficas. Assim, qualquer amante de cinema pode muito facilmente assistir aos seus filmes preferidos em casa, sem que se percam as propriedades próprias da sétima arte.

A literatura sempre conviveu serena e complementarmente com várias artes, incluindo o cinema. Logo, todos os docentes de língua e literatura portuguesas, procurando chegar a novos públicos ou agarrando o que já tem hábitos de leitura, devem também conviver com outras formas de arte na divulgação do literário e atualizar-se no sentido da modernização dos processos de ensino e de aprendizagem, para que os resultados e os índices motivacionais dos estudantes sejam melhorados.

Neste sentido, podem recorrer às adaptações audiovisuais difundidas ora pelo cinema ora pela televisão, posteriormente disponibilizadas em formato DVD ou *Blu-ray*, como meio de aceder aos textos e à cultura literária pela presença do texto fora do texto. As personagens, os cenários e os tempos saem do texto, do papel e tornam-se reais a partir da leitura e interpretação que o realizador/leitor faz da obra. A literatura oferece personagens e enredos imediatos, acabados, complexos, constituindo ponto de partida e matéria-prima excelente para quem quer fazer um filme. O argumento textual surge como uma das estruturas de ligação, relação entre a literatura e o cinema: a literatura identifica-se pelo realismo e expressividade descritiva, o cinema pela imagem em movimento.

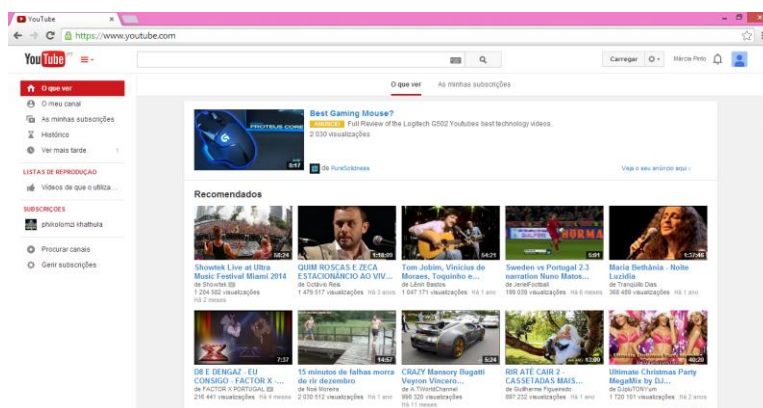
A adaptação em destaque deve-se ao facto de significar sempre uma leitura, no mínimo inovadora, uma interpretação da obra, uma leitura do mundo, do mundo do autor, assumindo-se o texto como um impulsionador para novas e alternativas histórias, enfatizando o interculturalismo das relações entre diferentes formas artísticas e a relação multidimensional entre a literatura e a sociedade (um diálogo para além das palavras).

Em síntese, uma adaptação realizada será sempre uma das múltiplas adaptações possíveis do texto. Não pretende ser a obra ou substituí-la, mas antes expressar a sua arte e

contribuir esteticamente para o valor daquela. A tónica é colocada no leitor, na receção da obra e sua interpretação, para que novas leituras/interpretações sejam realizadas. Quem adapta é o leitor da obra a partir da interpretação que faz dela.

Com o mesmo objetivo surge a não menos importante ferramenta para a divulgação de obras literárias adaptadas ao cinema ou de documentários que têm a literatura como matéria de trabalho – o *YouTube* (ver figura 4.6). Fundada em fevereiro de 2005 por Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim, esta ferramenta gratuita “permite a milhões de pessoas descobrir, ver e partilhar vídeos originais”.⁷⁴ Contudo, de acordo com as regras do serviço, os vídeos não podem violar o *copyright* de outros *Youtubers* (utilizadores do *YouTube*) e não devem ter uma duração superior a quinze minutos nem exceder os 2 GB.

Figura: 4.6 - Página inicial do *YouTube*



(fonte online: <https://www.youtube.com/>)

Popular essencialmente como meio de diversão, os jovens e adultos usam-na para assistir, postar ou fazer *download* de vídeos diversos. De acordo com informação oficial do *YouTube*, são feitos *uploads* de mais de 24 horas de vídeos por minuto. Todos os meses mais de mil milhões de utilizadores visitam a plataforma e são visualizados mais de seis milhões de horas de vídeo mensalmente. Disponível em 61 países, há todos os dias milhões de novas subscrições, como constata a autora Sónia Cruz (2008: 26): “A cada dia que passa, são colocados cerca de 65 mil novos arquivos de vídeo digital à disposição de quem quer visualizá-los”. Em 2013, segundo dados da *Apple*⁷⁵, foi umas das aplicações gratuitas

⁷⁴ Disponível em www.youtube.com

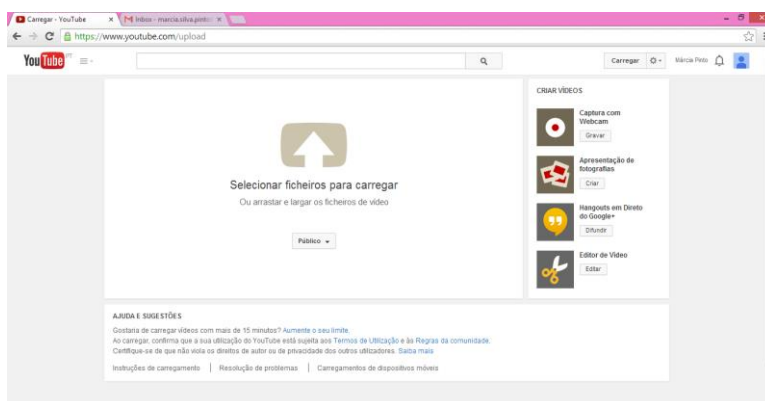
⁷⁵ Disponível em <https://lerebooks.wordpress.com/2013/12/17/apple-didulga-top-de-aplicacoes-em-2013/>

com mais *downloads*, sendo atualmente também uma das ferramentas da Web 2.0 disponibilizada pelo *Google Apps*.

No *site* oficial pode ler-se que a plataforma oferece “um fórum para que as pessoas se conectem, informem e inspirem outras, em todo o globo, e age como uma plataforma de distribuição para criadores e anunciantes de conteúdo original, pequenos e grandes”.⁷⁶ Funciona também como janela de mostra e comércio de produtos, bens ou serviços, além de espaço de diversão e entretenimento possível.

O utilizador ao carregar os seus vídeos encontra diferentes opções para trabalhar os ficheiros – gravar, criar, difundir ou editar (ver figura 4.7). Ao inserir o documento deve classificá-lo utilizando etiquetas ou palavras-chave (*tags*), escrevendo uma breve descrição sobre o mesmo. Estes podem ser públicos ou privados. Caso sejam privados, o *Youtuber* pode definir quais os utilizadores que os podem visualizar.

Figura: 4.7 – criação de vídeos no *YouTube*

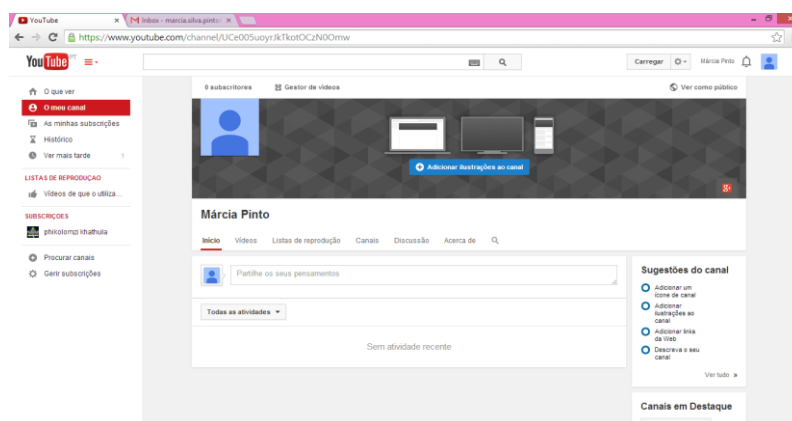


(fonte online: <https://www.youtube.com/upload>)

Para Caetano & Falkembach (2007), citados por Joana Carvalho (2008: 204), no *upload* de um vídeo “deve-se colocar um título objetivo e uma breve descrição sobre o conteúdo do vídeo suficientemente atrativos de forma a que o visitante seja capaz de imaginá-lo ou sentir-se interessado na sua visualização.” Para poder intervir na ferramenta, o utilizador necessita de se registar previamente, criando o seu próprio canal *online* – “O meu canal”, onde é possível realizar várias ações: visualizar os vídeos, ver a lista de reproduções ou outros canais; inserir comentários públicos para serem debatidos em grupo, na opção “discussão” ou notas pessoais ou colocar legendas (ver figura 4.8).

⁷⁶ Cf. nota de rodapé número 73.

Figura: 4.8 – “O meu canal” no *YouTube*



(fonte online: <https://www.youtube.com/channel/UCe005uoyrJkTkotOCzN0OmW>)

Ainda na página oficial da plataforma se percebe que os dispositivos móveis representam quase 40% do tempo de visualização, a nível mundial, de vídeos no *YouTube*. Efetivamente, os dispositivos móveis constituem, hoje, um dos principais meios de acesso à Web 2.0 e, em consequência, de acesso a dados/texto, imagens/vídeos e sons/música.

Em ambiente escolar, ainda de acordo com Caetano & Falkembach (2007), *apud* J. Carvalho (*idem*: 170), é uma das ferramentas mais usadas para partilhar informações

“devido à “linguagem audiovisual, permeada de imagens [com ou sem movimento], signos, desenhos, cores... sons, música, efeitos onomatopéicos... [e de] linguagem não verbal” (Amaral, 2006), [proporcionando] espaços de aprendizagem mais ricos e [incentivando] os alunos a compartilharem ideias e experiências e, ainda, a desenvolverem a sua capacidade crítica...”.

No contexto da promoção da leitura, explorando alguma falta de consciência de que a plataforma pode funcionar como ferramenta de aprendizagem, a utilização do *YouTube* pretende aproximar os estudantes-leitores do texto e da literatura, apresentando-lhe documentários sobre autores, filmes adaptados de obras literárias clássicas ou contemporâneas, de modo a que se envolvam emocionalmente na cultura literária e o gosto pessoal pela leitura se desenvolva naturalmente, sem exigências ou obrigações pedagógico-didáticas.

Os estudantes, desafiados pelo professor, podem ainda realizar os seus próprios vídeos/filmes fazendo uso do programa *Windows Movie Maker*, *software* gratuito e fácil de usar, com base em livros, personagens literárias ou ambientes sociais descritos, recriando a realidade epocal do autor ou outras que descreve. Na execução da atividade é possível

manter-se fiel ao texto ou adaptá-lo criativamente em função dos objetivos propostos. O aluno torna-se ativo construtor do seu conhecimento enquanto trabalha colaborativamente, assumindo o centro da aprendizagem. Ferrés (1996), *apud* S. Cruz (2008: 27), “acredita que a tecnologia do vídeo quando colocada nas mãos dos alunos, possibilita a experiência da pesquisa, do avaliar-se, do conhecer e conhecer-se, logo, permite a experiência de colaboração entre pares na elaboração de um produto coletivo.”

Os vídeos podem posteriormente ser postados na plataforma para que fiquem acessíveis a outros estudantes e conheçam o trabalho criativo que se pode desenvolver a partir das obras literárias que estudam, para eles muitas vezes enfadonhas e sem interesse, motivando-os para participar em projetos semelhantes. O facto de terem um público visualizador para os seus trabalhos servirá de motivação para trabalharem de modo coletivo e empenhado.

Resumidamente, o vídeo é um instrumento que estimula todos os sentidos, pela intensa mistura de linguagens e géneros. Signos sonoros, visuais, verbais, táteis, cinéticos transformam o ecrã num espaço sensório (cf. Santos, 2011). Permite ainda a exposição a um *input* significativo de competência linguística, familiarizando-os com ambientes naturais de interação significativa na língua materna ou línguas estrangeiras. A aprendizagem dá-se pela descoberta e pelo processamento de informação visual, auditiva e verbal, promovendo naturalmente a compreensão e a expressão.

Seduzirá ainda pela impressão de realidade e dinamismo, antítese daquele outro sentimento de aborrecimento alimentado pelo uso desmesurado de uma abordagem didática que recorre ao livro como principal material auxiliar para a leitura (ainda prática recorrente), e pela harmoniosa combinação de texto, imagem, som e movimento que o vídeo proporciona (o texto em movimento).

Para Cruz & Carvalho (2007: 246), não só o vídeo como também

“os progressos tecnológicos e o contributo das ciências da educação colocam ao alcance dos professores e dos alunos ferramentas inovadoras para o processo de ensino e aprendizagem que, corretamente aplicadas, podem colaborar para a criação de um papel ativo e eficaz na construção da sua aprendizagem.”

4. O PROJETO *EU LEIO*, @*QUI E* @*GORA*

4.1. Procedimentos prévios para a *e-leitura*

4.2. As ferramentas Web 2.0 e 2.0 Móvel enquanto potenciadoras da leitura literária *online*

4.2.1. Moodle – Sistema de Gestão da Aprendizagem (SGA)

4.2.2. *E-book* – nova(s) forma(s) de ler

4.2.3. Fóruns e *chats* e o desenvolvimento da competência comunicativa

4.2.4. *Wikis* e o trabalho colaborativo

4.2.5. Suporte vídeo e adaptações cinematográficas

4. O PROJETO *EU LEIO*, @*QUI E* @*AGORA*

“*Lemos porque, mesmo se ler não é imprescindível para se viver, a vida se torna mais livre, mais clara, mais vasta para aqueles que leem do que para aqueles que não leem.*”

Antoine Compagnon (2010: 27)

Seguindo o quadro teórico exposto, apresenta-se de seguida o projeto de *e-leitura* – *Eu leio, @qui e @gora*, desenhado totalmente *online* no Moodle, sistema LMS aplicado ao ensino e à aprendizagem em Portugal, maciçamente disponível em escolas e instituições de formação do país. O projeto tem como objetivo principal promover a leitura literária entre estudantes de diversas idades, dado o atual panorama de desvalorização do livro e da leitura (literária em particular), quando confrontados com outros interesses e outras formas de ocupação (audiovisual, tecnologia e dispositivos ligados à *internet*).

Procurando explorar as vantagens da *e-leitura* aliada aos dispositivos tecnológicos – *smartphones*, *tablets* ou *phablets* – que os estudantes de agora possuem e usam rotineiramente, recorre ainda a várias aplicações de leitura *online* existentes e de fácil utilização.

Ambiciona funcionar como um roteiro, um guia literário *online* por diversas regiões do país, como se de uma viagem presencial se trate. Arranca com uma viagem literária pelo Douro, por razões unicamente afetivas, mas será alargado, à medida que é aplicado e explorado pelos estudantes/leitores, a outros territórios nacionais e internacionais (num

alcance mais vasto) geograficamente selecionadas, sempre com os escritores e a produção literária que representam esses pontos do globo em destaque.

4.1. Procedimentos prévios para a *e-leitura*

Mesmo que não haja “*um dia mágico em que passamos de aprendizes de leitura a leitores*”, observa Sousa (1989: 50), *apud* Bastos (1992: 30), para que se deseje o livro, para que se goste e se aprenda a ler, é preciso contactar com a leitura, implementando-se projetos, estratégias e atividades que proporcionem às crianças, jovens ou adultos uma aproximação progressiva e gratificante à leitura em geral, e à leitura literária em particular, para que ler seja algo que se procure, se necessite, se invista, transformando-se num procedimento próximo dos gostos dos potenciais leitores que abrange as tecnologias e o audiovisual que tão bem conhecem e usam, para que a leitura se materialize e se possam desenvolver do ponto de vista pessoal, social, cultural e intelectual.

Para a concretização desse objetivo, para que novas portas se abram, na era em que a imagem, o som e a interatividade imperam, investindo na facilidade com que os jovens aderem e manuseiam a tecnologia, é imperioso que o ensino da literatura e da leitura se concretize também pelo uso das mais variadas ferramentas que a Web 2.0 e Web 2.0 Móvel disponibilizam, para que atividades e estratégias possam ser articuladas e implementadas de modo eficaz, despertando a jovem geração digital para a relação profícua que se pode gerar entre o seu mundo (o mundo tecnológico/virtual) e o mundo do ensino e da aprendizagem em que se inserem, muitas vezes desvalorizado porque tradicional, alheio e renitente à contemporaneidade.

Assim, enfatizando a importância que a tecnologia e a tecnologia móvel podem ter na promoção da leitura literária entre os jovens-estudantes, o (re)encontro destes com o texto realiza-se através do *e-book*, o livro eletrónico, e da leitura *online* (mesmo que contestada), bastante facilitada hoje pela quantidade de aplicações móveis de leitura de *e-books*, maioritariamente gratuitas e de fácil e rápido acesso. Também o visionamento de filmes adaptados de obras literárias (portuguesas e internacionais) ou documentários/trabalhos cinematográficos que destacam as letras e os vultos que as compõem e tornam vivas, como é o caso de Sophia, Florbela Espanca, José Saramago ou António Lobo Antunes, visualizados no *YouTube* ou em DVD, estarão em relevo no projeto.

Realçando a ênfase na liberdade, o projeto procura ainda desenvolver a autonomia nos estudantes, pois, para ser fruída, a leitura literária não deve ser avaliada por respostas a questionários. Uma pedagogia eficaz de leitura deverá distinguir dois grandes momentos: o momento individual, intimista, silencioso de descoberta e enamoramento com o texto e o momento coletivo posterior de partilha da experiência, sem fichas, perguntas, como aconselha Daniel Pennac (2001: 122):

“para que haja ... reconciliação com a leitura, existe uma única condição: não pedir nada em troca. Absolutamente nada. Não erguer qualquer barreira de conhecimentos prévios em torno do livro; não colocar a mais ínfima questão; não obrigar a fazer trabalhos de casa; não acrescentar uma palavra que seja às que foram lidas; não fazer juízos de valor, não dar explicações de vocabulário, nem fazer análises de texto, nem biografias... Proibição absoluta de «falar acerca de».”

Também Rubem Alves em 2004, na crónica “Ler e Prazer” do Correio da Educação (nº 195), observa que o “que os exames, fichas pretendem fazer é transformar a literatura em informação armazenável na cabeça, mas o lugar da literatura não é a cabeça. É o coração.”, é o “saber de cor”, o saber “com o coração” como tanto repete G. Steiner. Para o autor “tudo o que não sabemos de cor é aquilo de que verdadeiramente não gostamos”, chamando a atenção para algo indispensável – o amor à literatura. Não se nasce a saber ler, mas cresce-se aprendendo a ler, a amar os livros e o valor das palavras. É necessário amar a literatura, vivê-la e dá-la a viver, para ser conhecida, desvendada ou decodificada. Só amando o objeto, se conseguirão bons resultados, sendo a escola um dos pontos de partida para a evolução dessa relação de namoro e amor.

Todavia, o presente projeto defende o meio-termo: rejeita o “absolutamente nada” de D. Pennac, cultivando o “falar acerca de” ao mesmo tempo que propicia o prazer de ler. Ler e discutir leituras é uma estratégia que reconhecidamente gera e aumenta o gosto por ler, permitindo criar uma relação com o texto lido e realizar afetivamente construções conjuntas de sentidos. O saber e o sabor do texto não são realidades que se excluem, tendo, indubitavelmente, mais poder quando juntos.

Figura: 5.1 – apresentação oficial do projeto de *e-leitura* pela *escolaMoodle* do Centro de Competência “Entre Mar e Serra” (CEMS)



(fonte projeto de *e-leitura*:

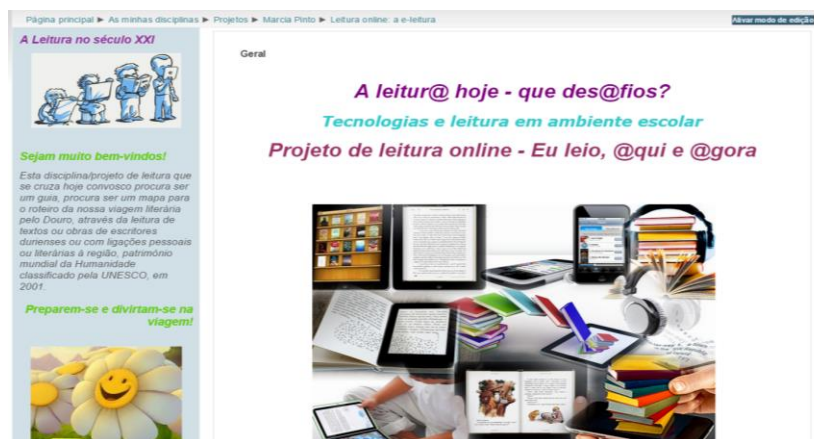
<http://escolamoodle.ccems.pt/course/index.php?categoryid=56>)

O projeto de *e-leitura* encontra-se disponível no sistema Moodle do Centro de Competência “Entre Mar e Serra” (CCEMS)⁷⁷. Como os objetivos em promover “a participação dos estudantes através de metodologias mais envolventes e motivadoras, permitidas pelo uso das TIC, e uma maior intervenção dos mesmos no processo de ensino-aprendizagem ...”⁷⁸ da página *escolaMoodle* do CCEMS, estimulando a *mudança* de comportamentos, se coadunam com os objetivos do projeto de *e-leitura*, este, depois de contextualizado, foi facilmente compreendido e acolhido pela sua equipa, que gerou uma disciplina em *Escola Moodle/Projetos/Márcia Pinto/A Leitura no século XXI* (ver figura 5.2) para que o projeto fosse desenvolvido e apresentado, à qual se atribuiu o título de *A Leitur@ hoje – que des@fios?* em analogia com a questão central da presente dissertação.

Figura: 5.2 – página oficial do projeto de *e-leitura* *Eu leio, @qui e @gora*

⁷⁷ A necessidade de ligar o projeto a uma página Moodle fora do contexto escolar prende-se com o facto de a autora da dissertação se encontrar numa situação de desemprego, não podendo recorrer ao sistema disponibilizado pelas escolas do país, para o qual é maioritariamente pensado. Neste sentido, foram solicitadas informações via *e-mail* à Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas (ERTE), da Direção-Geral da Educação, acerca da possibilidade de criação de uma disciplina no Moodle do [projeto moodle-edu.pt](http://projeto.moodle-edu.pt) onde pudesse apresentar o seu projeto de leitura *online*. Dada a impossibilidade do pedido, a ERTE, na figura da Dra. Teresa Pombo, entrou em contacto com o projeto *escolaMoodle* do CCEMS, da Batalha, que já conhecia, para que disponibilizassem uma disciplina no seu sistema onde o projeto *Eu leio, @qui e @gora* fosse desenhado e ficasse pronto a ser utilizado.

⁷⁸ Disponível *online* em <http://www.ccems.pt/CCEntreMareSerra/ANossaMiss%C3%A3o/tabid/52/language/pt-PT/Default.aspx>



(fonte projeto de *e-leitura*: <http://escolamoodle.ccems.pt/course/view.php?id=160>)

4.2. As ferramentas Web 2.0 e Web 2.0 Móvel enquanto potenciadoras da leitura literária *online*

Retoma-se, neste ponto, uma das questões da introdução: se algo está mal no que se refere à leitura e à leitura literária nas escolas e na sociedade, falando-se em “crise da leitura”, algo tem que ser feito para alterar os factos/os números que persistem em se manter. Perante esta realidade, docentes e dinamizadores da leitura deparam-se inevitavelmente com variadas interrogações: como agir? Como poderão ser motivados os jovens-estudantes ou adultos para a leitura? Que estratégias usar? Ou que atividades ou projetos implementar?

Procurando inverter a situação, surgiu a ideia de desenvolver um projeto de *e-leitura*, atraindo jovens e adultos para as letras, para os textos pela utilização de equipamentos que conhecem e utilizam diariamente – a tecnologia móvel. O projeto pretende ser-lhes próximo para lhes despertar a curiosidade e o interesse, mantendo-se ativo sem previsão de pausas ou cessação.

A proposta é iniciar a viagem por terras que todos conheçam, desenhando-se um roteiro literário fundado em critérios geográficos e temáticos. A partir da sua terra, das suas gentes e das suas singularidades, são explorados os rostos que as promovem pela escrita, pelo poder de as recriar pelas palavras, à semelhança do que a Direção Regional da Cultura do Norte (DRCN) procura com o lançamento, em julho de 2015, do “projeto “Escritores a

Norte", promovendo nove "autores ilustres" e casas-museu, para valorizar a região e dinamizar o turismo literário como novo modelo de fruição do território.”⁷⁹

Em resumo, procura-se que os participantes/leitores se identifiquem com o projeto e a região em realce, se envolvam afetivamente com os escritores e com os locais percorridos e evocados nos seus livros, para que a entrega e o sucesso sejam alcançados. O sucesso de um projeto, de acordo com a apresentação do Plano Nacional de Leitura, “(...) depende da intervenção de todos e de cada um”, tornando-o um “desígnio nacional”, sendo importantíssimo e “... desejável que surjam livremente múltiplas e variadas iniciativas, de âmbito local, regional e nacional, levadas a cabo por organizações da sociedade civil, por profissionais e por voluntários.”⁸⁰ Viajando literariamente pelo país, o projeto apela à participação das comunidades escolar e civil, para que todos levem a leitura ao maior número possível de jovens e adultos, incentivando-os a ler em diferentes espaços e momentos de vida.

Apesar de os suportes tradicionais impressos – *livros, jornais, revistas* – serem geralmente privilegiados para projetos de promoção da leitura, este coloca a tónica no recurso às tecnologias, essencialmente tecnologias móveis, e ao audiovisual (intertextualidade), motivando os leitores a fortalecerem as suas competências de leitura. Recorre, nesse sentido, a (i) *e-books* e/ou a obras integrais digitalizadas disponibilizadas na rede; (ii) aplicações móveis de leitura de *e-books*; (iii) um sistema de aprendizagem Moodle, estruturador de todo o projeto; (iv) fóruns temáticos e *chats* conversacionais, apelando à participação ativa e ao desenvolvimento de competências literárias e comunicativas; (v) ferramentas de trabalho corporativo – *Wikis*, para a elaboração de tarefas específicas (objetivo último da sequência literária em causa); (vi) e uma plataforma de divulgação de vídeos (*YouTube*) e suportes audiovisuais (DVD, sempre que se justifique) em número apreciável, dando a conhecer o mundo das letras por meio de adaptações literárias e/ou documentários sobre a temática que proporcionam o ensino da leitura e o convívio com os textos.

Embora seja divulgado em contexto educativo, o projeto afasta-se das atividades curriculares, tendo um cariz extraescolar. Procura ir além da escola e das barreiras físicas

⁷⁹ Cf. http://www.rtp.pt/noticias/cultura/projeto-escritores-a-norte-promove-autores-ilustres-para-dinamizar-turismo-literario_n846501

⁸⁰ Disponível *online* em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnlvt/apresentacao.php?idDoc=1>

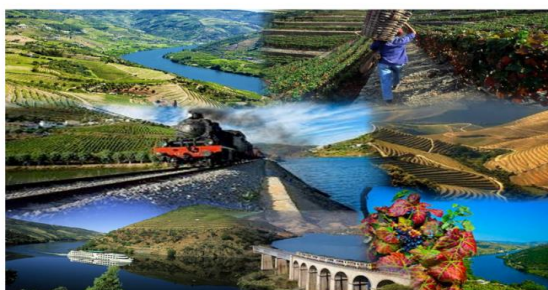
que pode criar, acompanhando os estudantes de forma contínua e ativa, dadas as modalidades *b/m-learning* em que surge estruturado.

Não pretende ser imutável. Permite alterações e a intervenção/sugestões dos utilizadores, sendo construído à medida que é explorado. Os leitores, iniciando a viagem literária, acedem aos textos e aos autores sempre que o desejem, atualizando-se e desenvolvendo-se literariamente. Uma vez ativo e aberto a diferentes utilizadores, será alargado a novos estudantes/leitores, a novos autores e áreas dada a riqueza e imensidão do campo em exploração. Os novos utilizadores conhecerão, certamente, o projeto já em marcha, iniciando o seu percurso em função da área geográfica em que se inserem ou das temáticas e autores com que mais se identificam. O projeto será atualizado à medida que o professor contacta com novos alunos, em espaços geográficos distintos, alargando-o a um maior número de potenciais leitores.

As obras, os autores e os géneros literários são organizados por tópicos, em função do território em que se encontram os leitores e de uma temática comum – *escritores do Douro, do Minho, de Trás-os-Montes, da cidade do Porto....* Conhecendo o Portugal Literário, sentir-se-ão vinculados à terra e à sua história. Partir do local e do que lhes é próximo para chegar ao nacional e mundial é a base de edificação do projeto na promoção da língua, literatura e cultura nacionais. Somente pela valorização e aceitação do Eu e da sua identidade, se pode valorizar o Outro e outras formas de arte, dado o atual contexto multicultural e multilingue que se vive.

Figura: 5.3 – exemplo do primeiro tópico/”paragem” a efetuar

A Literatura no Douro



O Douro “é certamente a realidade mais séria que temos”, afirma Miguel Torga, in “O Douro” (1950), atraindo inúmeros escritores à região, às suas características naturais e humanas, bem como inspirando os filhos da terra.

Uma bela e harmoniosa conjugação da natureza, diria: o rio, as árvores, a vinha, a terra fértil, o ar puro, as gentes humildes e trabalhadoras...

(fonte projeto de *e-leitura*:

<http://escolamoodle.ccems.pt/course/view.php?id=160¬ifieditingon=1>)

Figura: 5.4 – exemplo do segundo tópico/“paragem” literária possível



(fonte projeto de *e-leitura*:

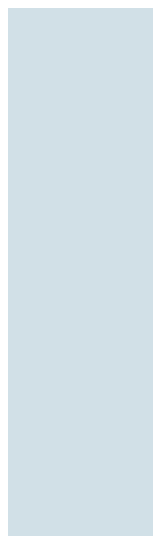
<http://escolamoodle.ccems.pt/course/view.php?id=160¬ifyeditingon=1>)

Os títulos propostos, não obrigatórios, oferecerão variedade ao universo imediato do leitor, na esperança de alargar os seus centros de interesses, afastando-se da noção de “dever” muitas vezes praticada. É fundamental propiciar momentos de leitura vários, pois o ato em si é mais importante do que qualquer outra atividade. Para que isso aconteça, o *e-mediador* organizará os tópicos, despertará a curiosidade, para que os estudantes contactem e leiam o maior número possível de obras, se desenvolvam literariamente, fortalecendo o interesse pelas letras, de forma articulada, estruturada e mediada, com vista a resultados significativos.

Os vários exemplares, obras, textos, estilos e géneros possibilitarão um enriquecimento coletivo maior, uma vez que as trocas nos fóruns e *chats*, na comunidade virtual gerada, serão mais diversificadas e produtivas, motivando novas leituras pela proximidade constante com o livro. Variar a leitura de géneros permitirá que quem lê os distinga, atendendo às suas necessidades socio-comunicativas.⁸¹

Figura: 5.5 – exemplo dos escritores em destaque na viagem pelo Douro

⁸¹ Na execução do projeto trabalhar-se-á apenas com obras completas; a leitura será continuada e não obrigatória; e as obras serão selecionadas pelos participantes tendo em vista os seus interesses e motivações.



Escritores durienses e escritores com ligação ao Douro em destaque neste tópico:

• **Eça de Queiroz - Baião**

A Cidade e as Serras: <http://www.gutenberg.org/files/18220/18220-h/modern/cidade.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=TTTYfY1w4o&feature=youtu.be>

Outras obras do autor: <http://portugues.free-ebooks.net/search/e%C3%A7a+de+queir%C3%B3s>

• **Soeiro Pereira Gomes - Baião**

Esteiros: <http://ensina.rtp.pt/artigo/esteiros-de-soeiro-pereira-gomes/>

• **Teixeira de Pascoaes - Amarante**

<http://ensina.rtp.pt/artigo/a-natureza-poetica-de-teixeira-de-pascoaes/>

Algumas obras: <http://www.gutenberg.org/ebooks/search?query=teixeira+de+pascoaes>

• **Agustina Bessa-Luís - Amarante**

Algumas obras: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/explorar-por-autor.html?aut=1491>

A Sibila: <http://ensina.rtp.pt/artigo/a-sibila-de-agustina-bessa-luis/>

• **Miguel Torga – Sabrosa (Vila Real)**

Bichos: <http://ensina.rtp.pt/artigo/bichos-de-miguel-torga/>

https://play.google.com/books/reader?id=RIX6CAAQBAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_PT

• **Aquilino Ribeiro - Sernancelhe (Viseu)**

Algumas obras: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/explorar-por-autor.html?aut=1516>

<http://purl.pt/index/geral/aut/PT/16405.html>

• **Guerra Junqueiro - Freixo de Espada à Cinta (Bragança)**

(fonte projeto de *e-leitura*: <http://escolamoodle.ccems.pt/course/view.php?id=160>)

Do *corpus* selecionado, o enfoque recai na narrativa, essencialmente pelo facto dos Homens estarem “sempre a contar coisas uns aos outros” (Llansol, 1994, *apud* Paula M. Coelho, 2011: 293). O ser humano é um inato ser narrativo, dialogando, comunicando, narrando desde os seus primórdios. Para a autora (Coelho, 2011: 294)

“O que os humanos procuram na narratividade ... é um alimento que não dispensam e sem o qual nunca acederiam à «liberdade de consciência». Ou seja, o que procuram por detrás do «era uma vez», é aquilo a que MGL chama «os estados do fora-do-eu», algo que teria a ver com «êxtase», palavra bem próxima da palavra «existência».”

Por serem contadores e ouvintes natos há que potenciar, em contexto educativo, esse interesse de contar e ouvir “coisas”, aproveitando-o para o incremento da competência literária dos estudantes, visto que só através desta lhes será possível aceder à “liberdade de consciência”, à liberdade imaginativa, figurativa que a literatura proporciona. Recorde-se o caso de Xerazade, a bela e sagaz princesa que, sob ameaça de morte, consegue prender e estimular a imaginação do rei Schahriar, narrando-lhe os contos que constituem *As Mil e Uma Noites*, pelo puro prazer de a ouvir contar, de descobrir novas histórias, personagens e novos mundos.

A poesia é outro dos modos em relevo. Apesar de “anacrónica, irrisória para alguns” (*idem*: 292) também apela à audição, concentração, sonoridade, apela ao silêncio, a momentos intimistas, para que leitor e texto se fundam, se identifiquem, sem esquecer, posteriormente, os momentos de partilha que a comunhão com o literário pode proporcionar.

A poesia transforma o discurso cotidiano. A poesia descobre o sentido das palavras, do funcionamento do mundo e trabalha com esses múltiplos sentidos, projetando ou representando a realidade para que seja acessível ao ser humano. A poesia “insiste e persiste, enquanto um dos lugares reveladores, pelo que nela entra em jogo, do entendimento do humano” (*idem*: 292). Essa relação íntima do poeta com as palavras é lida e decodificada pelo leitor, num processo de enriquecimento pessoal. Associação de som, ritmo, rima, metro (música), sentimentos e sensações, a poesia conquista, atrai, para que o leitor a sinta e se reconheça no texto lido. Como observa ainda Paula M. Coelho (2011: 289/290):

“Só ouvindo, absorvendo/integrando e recontando/devolvendo, é possível passar a ter um papel ativo, desenvolver a partir das qualidades literárias e estéticas intrínsecas aos textos propostos a imaginação, o sentido estético, essa necessidade vital que temos de ouvir contar histórias, de ouvir o canto poético.”

A poesia apela ao saber de cor, ao saber do coração, apela à memória, à imaginação que toda a leitura requer, necessitando urgentemente de ser reabilitada tanto pela Escola como pela sociedade: “Poesia que não tem exatamente um sentido, mas antes o sentido de aceso a um sentido, a cada momento ausente, e transferido para longe, que provoca, encanta e desespera quem dela se aproxima” (*idem*: 296).

Em resumo, o projeto aposta na facilidade de acesso e manuseio dos recursos e ferramentas adotadas; na diversidade textual – diferentes géneros, textos e intenções literárias; na não imposição de tarefas pedagógicas, ainda que de modo dissimulado, visto serem convidados pelo *e-professor* a participar ativa e pertinentemente em fóruns, *chats* e realização de uma atividade final colaborativa; na atualização e reformulação do projeto, sempre que necessário; e na proximidade geográfica com que o iniciam, incitando a curiosidade pelo território e pela riqueza e diversidade humana, material, cultural e literária que o definem.

Num primeiro momento será disponibilizado um questionário aos participantes (ver Anexo I) para aferir as suas competências de literacia, composto por questões genéricas relacionadas com os seus hábitos de leitura (géneros privilegiados, gostos literários, autores mais lidos, hábitos pessoais e familiares...) e com a leitura na atualidade (suportes privilegiados, opinião sobre o *e-book*, bibliotecas digitais, hábitos pessoais e familiares...), procurando, antes da partida para a “viagem literária”, sensibilizá-los para a importância da leitura, essencialmente a leitura literária, como atividade de enriquecimento pessoal e

intelectual, e das transformações ocorridas no campo da leitura decorrentes da multiplicidade de possibilidades oferecidas pela Web 2.0 e Web 2.0 Móvel.

4.2.1. Moodle – Sistema de Gestão da Aprendizagem (SGA)

Posteriormente, após análise e debate dos resultados do questionário, será apresentado aos estudantes o projeto de *e-leitura – Eu leio, @qui e @agora* – disponível em <http://escolamoodle.ccems.pt/course/view.php?id=160>, combinando as modalidades de ensino *b-learning* e *m-learning* que facilitam e transformam a relação entre aqueles e o professor, tornando-os mais próximos e cooperantes. O sistema será utilizado para estruturar e organizar os conteúdos – obras, tarefas e recursos. Tratando-se de um projeto extracurricular, paralelo ao ensino da literatura e da leitura orientada definido pelo programa em vigor, a página Moodle, tutelada pelo *e-professor*, converte-se no mediador perfeito entre objetivos definidos e resultados almejados – a leitura voluntária, autónoma e aprazível.

As modalidades *b-learning* e *m-learning* por favorecerem a mobilidade, permitindo que os estudantes acedam aos mais diversos conteúdos/obras, recursos, informações e tarefas em qualquer parte com rapidez e facilidade, a interação com o *e-professor/e-mediador* e o desenvolvimento de competências orais e de escrita, imprescindíveis para a compreensão da mensagem literária, serão também decisivos para o sucesso pretendido.

O sistema, além de um ambiente intuitivo, agradável, flexível e de fácil utilização, oferece um vasto conjunto de recursos e atividades *online*, servindo para fomentar o gosto pelos livros e pela leitura. As atividades selecionadas serão fóruns, *chats*, tarefas e *Wikis*, de acordo com os objetivos definidos para cada tópico. Os recursos serão conteúdos disponibilizados pelo *e-professor*: (i) textos informativos (texto, áudio e vídeo) sobre elementos bibliográficos, movimentos e estilos literários, temáticas correntes, obras mais conhecidas, entrevistas, prémios...; (ii) páginas Html e *links* para ficheiros ou vídeos no *Youtube*; (iii) sítios da Web relacionados com as temáticas em exploração – literatura portuguesa (em destaque) e internacional (num alcance mais vasto), como páginas oficiais de escritores, blogues, casas-museus/fundações que perpetuem o seu espólio, mapas, visitas virtuais (ex. Fundação Eça de Queirós); (iv) bibliotecas digitais *online*; (v) sítios de leitura virtual/*e-books* gratuitos; e (vi) instruções de tarefas, como por exemplo uma

atividade final colaborativa subordinada ao tópico/autor/tema alvo (ver em <http://escolamoodle.ccems.pt/course/view.php?id=160¬ifyeditingon=1>).

Figura: 5.6 – exemplo da atualização de notícias sobre prémios literários, escritores e/ou eventos literários



(fonte projeto de *e-leitura*: <http://escolamoodle.ccems.pt/course/view.php?id=160>)

O Moodle, disponibilizando ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona, permite o desenvolvimento de projetos criados colaborativamente entre docentes e estudantes, para que a motivação e o envolvimento nas atividades sejam maiores, uma vez que estão ligados a um objetivo comum pelo uso de ferramentas de conversação em rede. Consequentemente, os clubes/projetos de leitura ou de *e-leitura* são uma possibilidade a explorar no âmbito do ensino da Literatura, unindo iniciantes e leitores em torno da discussão de livros em ambientes favoráveis à partilha e reflexão coletivas.

A utilização que os participantes fazem do sistema e das ferramentas disponibilizadas também pode ser avaliada pelo docente. Como critérios surgem frequentemente o interesse, a motivação, a participação ativa, a coesão e a coerência do discurso, a formalidade ou informalidade com que se dirigem a colegas ou professores, o comportamento *online*, o vocabulário e o domínio dos conceitos ou assuntos em debate. Basicamente centra-se na pertinência/qualidade das intervenções individuais ou coletivas e na capacidade de reflexão dos utilizadores.

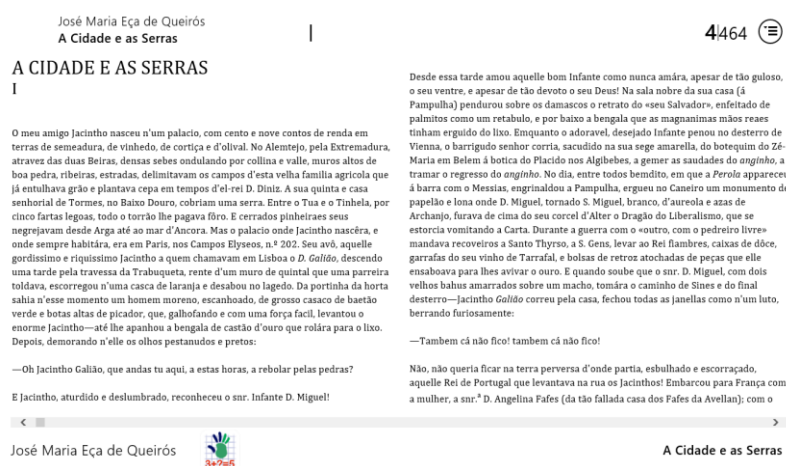
Em síntese, o Moodle apela ao envolvimento efetivo e afetivo dos estudantes com a leitura literária, promove a iniciativa individual ou coletiva, fomenta a motivação, desenvolve competências técnicas, literárias e culturais, promove a comunicação (produção e compreensão), aumenta o raciocínio crítico e a perceção de como os

utilizadores veem o mundo (valores, tradições, culturas...), assumindo-se como uma ferramenta preponderante na aplicação de métodos e estratégias inovadoras, centrados nos gostos e hábitos dos estudantes de agora. Apela não só à participação e motivação destes por conteúdos ou disciplinas que rejeitam, mas também à renovação de todo o sistema educativo em Portugal.

4.2.2. *E-book* – nova(s) forma(s) de ler

O *e-book* em relevo, disponível *online* em ambientes próximos do público selecionado, é também uma ferramenta determinante no projeto, sendo sugeridos pelo *e-mediador* ou pelos estudantes (participação ativa, crítica e consciente) na página Moodle, pela ligação a sítios de leitura e bibliotecas digitais com obras de livre acesso (ver figuras 5.7 e 5.8). Esta variação de suporte favorecida pelo livro eletrónico ampliará a experiência de leitura dos intervenientes que vivem e usufruem o tempo de transição do papel (analógico) para o ecrã (digital).

Figura: 5.7 – exemplo de um *e-book*



(fonte projeto Gutenberg:

http://www.gutenberg.org/ebooks/18220?msg=welcome_stranger)

Figura: 5.8 – exemplo de uma biblioteca digital disponível *online*



(fonte projeto de *e-leitura*: <http://escolamoodle.ccems.pt/mod/url/view.php?id=4152>)

Para que a leitura se concretize, criando momentos de deleite individual e colaborativo, são ainda sugeridas novas ferramentas – as aplicações de leitura de *e-books* disponíveis na rede, que podem utilizar nos seus dispositivos móveis, explorando a modalidade *m-learning*.

Na pesquisa realizada pelas lojas de aplicações *online* oferecidas pelos diferentes sistemas operacionais móveis e de computadores pessoais (*Windows, Apple, Google, Chrome, BlackBerry, Amazon*), foi considerado como critério principal de seleção, para utilização no projeto, o facto de serem aplicações de leitura gratuita com biblioteca incorporada. Não obstante, foi também considerado o critério da língua em que são distribuídas, uma vez que a maior parte das aplicações de leitura de *e-books* estão disponíveis apenas em língua inglesa (*Ebook Reader, Aldiko Book Reader, Cool Reader, ...*), sendo ainda poucas as que apresentam o português como língua de suporte e, por conseguinte, apresentam *e-books* em língua portuguesa, sejam clássicos, sejam contemporâneos.

Em LP importa destacar as aplicações *Free Books, eReader Prestigio, Moon+ Reader, Amazon Kindle, Livros Kobo, Play Livros da Google e Wattpad* como as que oferecem não apenas títulos que os estudantes/*e-leitores* necessitam conhecer para o estudo nos ciclos de ensino que frequentam, mas também obras dos autores em destaque no projeto de *e-leitura*. São exemplos os livros *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, *Bichos* e *Os Simples*, de Miguel Torga, disponíveis na *app Wattpad*, na secção “Clássicos”; o livro *Contos* e *A Ilustre Casa de Ramires*, também de Eça, e *Amor de Perdição*, de C. Castelo Branco, na *app Amazon Kindle*; ou ainda os títulos *Contos para a Infância, Novelas do Minho*, de C. C. Branco, e *Os Maias*, de E. de Queirós, na *app Moon+ Reader*.

Para audiolivros sobressai a aplicação *LivriVox* onde se podem encontrar títulos em LP como *Amor de Perdição*, de C. Castelo Branco, *A Relíquia*, de E. de Queirós, *Os Lusíadas*,

de L. V. de Camões, *Os Sonetos Completos*, de A. De Quental, *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, e *Sermões*, do Padre António Vieira, entre tantos outros.

4.2.3. Fóruns e *chats* e o desenvolvimento da competência comunicativa

Ensinar a ler implica possuir não apenas um nível elevado de conhecimento da língua materna, mas também uma sólida compreensão dos conceitos que subjazem ao desenvolvimento de competências resultantes de processos de aquisição natural e espontânea (como a compreensão e a expressão oral) e de processos e estratégias pedagógicas que devem enformar a aprendizagem de competências secundárias, como são a leitura e a expressão escrita (cf. Dias, 2008 e Dias & Bidarra, 2010). Ou seja, ler envolve todas as competências transversais ao ensino de uma língua. Deste modo, o projeto, tendo consciência da inter-relação que naturalmente se estabelece entre “ensinar a ler” e “ler” e entre quem ensina e quem lê, recorre ainda à implementação de tarefas/atividades que apelam ao desenvolvimento das competências comunicativas (orais e escritas) dos estudantes.

Surgem, assim, os fóruns literários e/ou temáticos (conferência assíncrona) e os *chats* (conversação síncrona) como ferramentas fundamentais, pois, sendo a leitura um ato solitário é também simultaneamente um ato social que apela ao diálogo e à reflexão. Os fóruns serão abertos pelo *e-mediador* em função do tópico ou tema em relevo (ver figura 5.9). Os *chats*, ainda que abertos pelo *e-professor*, serão usados livremente ao longo da viagem literária para troca de ideias e sugestões entre colegas ou esclarecimentos com o docente (ver figura 5.10).

Figura: 5.9 – exemplo de um fórum disponibilizado no projeto *Eu leio, @aqui e @agora*



(fonte projeto de *e-leitura*: <http://escolamoodle.ccems.pt/mod/forum/view.php?id=4155>)

A atuação do *e-docente* será determinante na dinamização dos fóruns ou discussões para que os estudantes se sintam acompanhados e participem de forma ativa e pertinente. Não assumindo o centro da aprendizagem, mais uma vez o professor surge em evidência na orientação e aconselhamento aos *e-leitores*, promovendo a construção e a organização dos conhecimentos.

Figura: 5.10 – exemplo de um *chat* disponibilizado no projeto de *e-leitura*



(fonte projeto de *e-leitura*: <http://escolamoodle.ccems.pt/mod/chat/view.php?id=4157>)

Dado que as participações dos estudantes/leitores podem ser alvo de avaliação, devem ser bem pensadas e estruturadas, o que lhes exige, muitas vezes, leituras e reflexões diversas e consistentes, indispensáveis à construção do saber. Geralmente, como critérios destacam-se a apreciação das ideias expressas pelos participantes, a capacidade de pensamento crítico, de apresentarem soluções para problemas e a sua capacidade de síntese. Quando as tarefas são realizadas colaborativamente, as participações devem ser assumidas por um representante e discutidas previamente pelos elementos do grupo.

Aquando da inclusão de uma nova mensagem, o fórum permite ainda a integração de documentos de imagem, texto ou áudio que surgem como anexos. Esta ferramenta não se encontrará disponível para participação em contexto sala de aula para não anular a comunicação face a face inerente às aulas presenciais, sendo fundamentalmente usada em contextos extraescolares, em projetos ou atividades que se desenvolvem em *b/m-learning*.

No ensino e na aprendizagem da leitura literária, explorando a comunicação autor-texto-leitor em que se funda a literatura, são poderosas ferramentas no auxílio ao trabalho do professor, promovendo a interação, a expressão de opiniões, a partilha de sínteses ou ideias-chave acerca de um conto, poema, novela ou romance, ou ainda a apresentação de resultados sobre determinada atividade, envolvendo-os direta e emotivamente com o texto, com a mensagem literária, através de um processo ativo, progressivo e construtivo, não

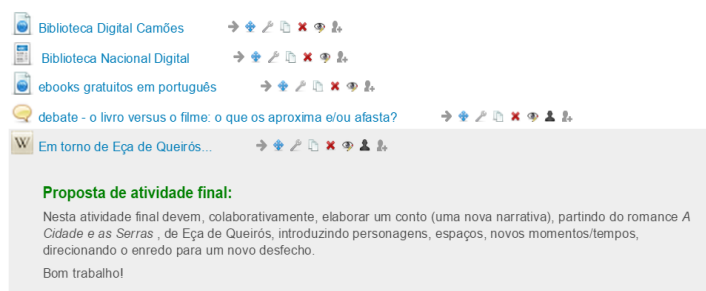
alcançado presencialmente pelo facto de os estudantes se sentirem, muitas vezes, mais comédidos nas suas participações. Aproveitar a leitura dos estudantes criando condições de comunicação com os colegas é a estratégia usada para estimular e atrair os recetores da mensagem literária, permitindo que todos (estudantes e professores) possam experimentar uma relação afetiva com as leituras efetuadas.

Em síntese, os fóruns e os *chats*, permitem aos *e-leitores* que a sua experiência de leitura seja comunicada e partilhada publicamente com outros. O leitor é o centro no processo de leitura, dando voz à subjetividade e afetividade que desenvolveu com o texto, podendo exprimir as emoções, sensações e as viagens (intertextuais ou culturais) que a leitura lhe proporciona. Do ponto de vista da leitura literária promovem um novo modo de experienciarem a leitura e (re)descobrirem o gosto de ler e o valor formativo que a literatura possui; e estimulam a participação e o espírito crítico, enriquecendo-os linguística e comunicativamente, motivando-os e orientando-os, além de os centrar num propósito específico.

4.2.4. Wikis e o trabalho colaborativo

Outra ferramenta em exploração são os *Wikis*. De acordo com Junior & Coutinho (2008: s.p.) “Um wiki é um sítio (site) na Web para o trabalho coletivo de um grupo de autores; a sua estrutura lógica é muito semelhante à de um blog, mas com a funcionalidade acrescida de que qualquer um pode juntar editar e apagar conteúdos...”. Permitem a fácil construção e edição colaborativa de conteúdos *online* e exploram simultaneamente competências de escrita, de seleção e de organização da informação, apelando à interação dinâmica entre colaboradores. Contribuem ainda para a realização colaborativa de tarefas pedagógicas complementares ao projeto, atividades finais de cimentação de conteúdos e conhecimentos, como por exemplo a elaboração de bibliografias de escritores, poemas, narrativas/contos, textos dramáticos, em função do escritor, géneros ou temática em consideração.

Figura: 5.11 – exemplo de uma atividade colaborativa disponível no projeto, “Em torno de Eça de Queirós...”



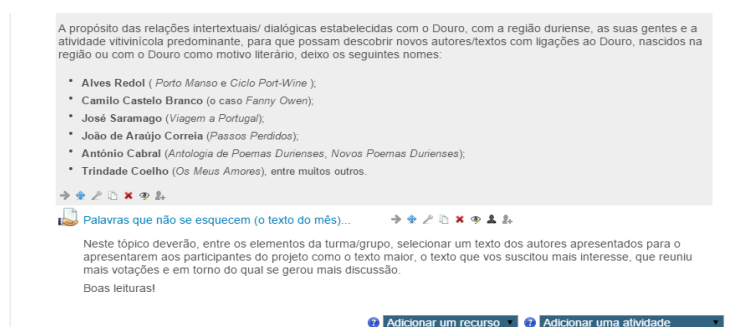
(fonte projeto de *e-leitura*:

<http://escolamoodle.ccems.pt/mod/wiki/create.php?wid=8&group&uid=0&title=Em%20torno%20de%20E%C3%A7a>)

A tarefa final proposta pela ferramenta *Wiki* ou outras (*Wordle*, por exemplo), à semelhança dos debates e *chats* ativos, será importante para que os estudantes/leitores se sintam continuamente motivados e ativamente participativos, anulando eventuais dispersões ou desresponsabilização, pois “obriga-os” a uma atualização constante de modo a alcançarem os objetivos propostos e acordados conjuntamente. Funcionará, resumidamente, como agente facilitador da aprendizagem cooperativa e construtivista.

Como tarefas finais promotoras de aprendizagens, em função de objetivos precisos e desenvolvendo a competência comunicativa dos formandos, serão ainda passíveis de explorar: (i) a elaboração de *audiobooks* (gravações áudio e/ou vídeo de leituras efetuadas, de textos integrais ou de excertos pela utilização dos programas *Movie Maker*, *Audacity*, *Podcasting*, *Podomatic*, para serem divulgados na rede e acessíveis a outros colegas, por exemplo); (ii) a tradução de alguns textos/excertos numa língua segunda (interdisciplinaridade), apelando ao desenvolvimento da competência comunicativa dos intervenientes, alargando o seu centro de interesses e conhecimentos na rede; (iii) a seleção e divulgação de um texto preferido (ou partes dele), explicitando o motivo da sua escolha e desencadeando o debate com a sua comunidade leitora *online* (atividade “o texto da semana/mês”); (iv) ou ainda a exploração de uma comunidade virtual em torno de um certo autor (em torno de Eça, Camilo ou Agustina...), de uma obra/texto ou de uma das suas personagens, apelando à “criação criada por fãs”: os fãs realizam modificações na obra ou no destino de uma personagem, criam novas histórias, outras ficções, envolvendo uma determinada personagem e publicam-nas no blogue/sítio criado para que sejam debatidas, comparadas, partilhadas, sem intenções de plágio ou qualquer lucro (cf. Miranda, 2009).

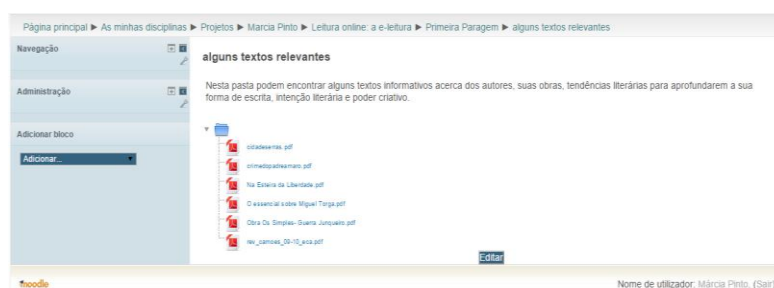
Figura: 5.12 – exemplo de uma tarefa final disponível no projeto: “Palavras que não se esquecem (o texto do mês)”



(fonte <http://escolamoodle.ccems.pt/mod/assignment/view.php?id=4163>)

Os recursos e atividades sugeridos prendem-se naturalmente com a necessidade de contacto com a realidade pessoal e epocal do autor, recorrendo a informações bibliográficas, temáticas, movimentos/correntes literárias, influências estilísticas, para um maior conhecimento, envolvimento e leitura de suas obras, leitura individual e partilhada de forma livre. No encontro e trabalho com os textos não se deve suprimir a “informação transtextual” (cf. Aguiar e Silva, 2010), desenvolvendo nos estudantes um conhecimento literário e cultural sustentado.

Figura: 5.13 – exemplos de textos disponíveis para pesquisa ou leitura complementar



(fonte projeto de *e-leitura*: <http://escolamoodle.ccems.pt/mod/folder/view.php?id=4151>)

4.2.5. Suporte vídeo e adaptações cinematográficas

O (re)encontro dos estudantes com a leitura literária pode também desenvolver-se com recurso à imagem e ao vídeo pelo do visionamento de filmes adaptados de textos literários ou documentários que destacam a vida de vários escritores portugueses.

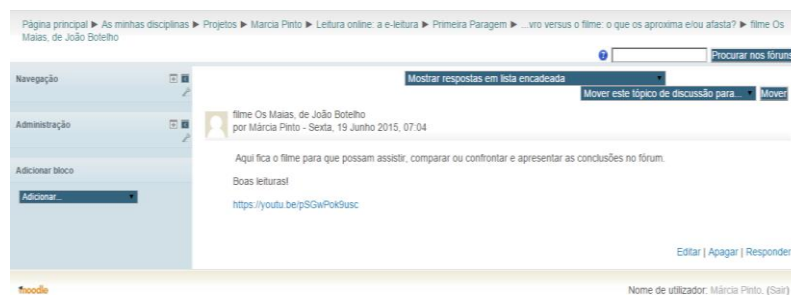
Neste sentido, surgem também em relevo no projeto a plataforma *YouTube* (<https://www.youtube.com/>) e o vídeo/DVD, recorrendo aos programas *Windows Media Player* ou *PowerDVD*. Estas ferramentas serão imprescindíveis à apresentação de filmes portugueses vinculados a escritores/obras contemporâneas e passadas (adaptações literárias) e outros que destaquem os vultos das letras portuguesas, desmistificando pensamentos erróneos da literatura como um mundo fechado em si mesmo, um mundo inacessível ou difícil de conhecer e percorrer.

Pretendem fomentar possíveis articulações, relações e diálogos com outros textos literários, outras épocas, outros autores ou contextos, com o texto pictórico, o texto musical e/ou o texto fílmico, propondo novas leituras/interpretações ao explorar a fértil relação literatura/cinema, em que imagem e som os conduzirão, num percurso inverso, às letras, aos livros, aos autores e à literatura mundial, após reconhecimento e valorização da nacional.

A presente ênfase no vídeo deve-se essencialmente à multiplicidade de formas e suportes em que o literário se tem apresentado e a velocidade da sua disseminação entre o público. O próprio processo de leitura implica, hoje, a elaboração de múltiplas e fecundas conexões, em que a adaptação se assume como a constituição imagética daquilo que apreendemos na interação com o texto literário. Uma adaptação será sempre a expressão de uma das múltiplas leituras possíveis do texto.

A escolha de filmes privilegia a adaptação literária, como *Os Maias* e *A Corte do Norte*, por João Botelho, *Vale de Abraão* e *Fanny Owen*, por Manoel de Oliveira, *Amor de Perdição*, por Daniel Fialho, o *Romance da Raposa*, por Artur Correia e Ricardo Neto, e o *Vinho*, por Carlos M. Vasconcellos, citando os autores em foco no tópico *A Literatura no Douro*. Funciona também como porta para a leitura de uma obra poética através dos traços biográficos que esta mesma ficciona, recorrendo ao visionamento de ensaios/documentários, construídos, por exemplo, a partir da breve e peculiar vida da poetisa Florbela Espanca, tratada no filme *Florbela* de Vicente Alves do Ó; do filme *Sophia de Mello B. Andresen*, pela mão de João César Monteiro; ou de José Régio pelo olhar de Manoel de Oliveira. Em resumo, um conjunto de obras em que os meios cinematográficos são encarados como ferramentas de escrita.

Figura: 5.14 – exemplo de uma adaptação cinematográfica partindo de uma obra literária, disponibilizada na página do projeto



Fonte: <http://escolamoodle.ccems.pt/mod/forum/discuss.php?d=359>

Em Portugal, como salienta Cabral Martins (2012),⁸²

“é marcante, a título exemplificativo, na obra daqueles que podem ser ditos os mais importantes realizadores de cinema portugueses, Manoel de Oliveira e João César Monteiro, a relação que ambos estabelecem com uma específica poética, a da *presença* no caso de Manoel de Oliveira, a do *Surrealismo* no caso de João César Monteiro. E essa relação tem consequências, levando o primeiro a tratar longamente José Régio e Adolfo Casais Monteiro, e o segundo a começar a sua carreira com um filme sobre Sophia de Mello Breyner Andresen. E essa relação não é conjuntural, ... é uma relação profunda, que atravessa as escolhas estéticas e também a atitude geral que os artistas tomam perante a vida cultural e política.”

A literatura permanece como o coração do texto, sem o qual a imagem se esvazia. Ela jamais deve abdicar do seu silêncio, da sua singularidade textual; o cinema é que se inspira no que a intimidade literária lhe tem a oferecer. Consequentemente Mário Jorge Torres⁸³ observa que

“A criação fílmica deve, portanto, mobilizar no espetador uma competência de leitura, um saber cultural, que lhe são próprios. Por outro lado, toda a adaptação pressupõe uma leitura prévia, sendo uma redistribuição mediatizada pela escrita cinematográfica desse processo de leitura.”

Em suma, a utilização do vídeo conquistará os estudantes pelo impacto da verosimilhança gerado, pela astúcia do contar uma boa história, pela narrativa apelativa, pelas aventuras em que as personagens se envolvem e pelo jogo recreativo de assumir novas identidades e testemunhar diferentes vidas e experiências.

A autonomia em relação ao texto original pode ir de um mínimo a um máximo: ser uma aproximação fiel (reprodução) ou uma interpretação crítica independente (leitura pessoal, releitura, reelaboração) do original, atendendo aos limites exigidos pelo texto (liberdade controlada) e às especificidades de ambas as artes. Há quem afaste o critério

⁸² Disponível em <http://web2.letras.up.pt/lyracompoetics>

⁸³ Disponível em <http://www.comparatistas.edu.pt/publicacoes/act/>

fidelidade/infidelidade no tocante à relação em realce, todavia ele ainda continua a ser um dos mais estudados e aprofundados.

Depois do visionamento dos filmes ou documentários e depois da leitura das obras adaptadas, os estudantes são convidados à discussão em fóruns e *chats* literários (debate *online*) sobre o valor da adaptação e o tema “obra/livro *versus* filme – o que os aproxima e o que os separa” [aproximações/afastamentos, fidelidade (citação) /infidelidade (subversão)], estimulando os jovens a construir a sua própria leitura, que partilharão e defenderão na rede, na sua comunidade de aprendizagem, desenvolvendo-se literária e culturalmente. A discussão em grupo será realizada à medida que as apresentações fílmicas se realizam, pois só com momentos de discussão e partilha desenvolvem uma visão mais ampla e crítica da realidade do seu mundo (ver figura 5.15).

Figura: 5.15 – exemplo de um fórum sobre a adaptação da obra *Os Maias*, por João Botelho, disponibilizado no projeto de *e-leitura*



Fonte: <http://escolamoodle.ccems.pt/mod/forum/view.php?id=4155>

4.3. Notas finais

Antes de terminarem a sua “viagem literária” (no fim de um ano letivo, por exemplo), os *e-leitores* serão desafiados a responder a um novo questionário acerca das vantagens e desvantagens, facilidades de utilização e benefícios do *e-book* para a leitura e em especial para a leitura literária; acerca da preferência pelo *e-book* ou pelo livro (objeto físico); sugestões de outras ferramentas, recursos, textos, autores e tarefas a explorar; importância e vantagens da utilização dos seus dispositivos móveis (na senda do *BYOD*) no processo de ensino e de aprendizagem e na aprendizagem da leitura literária. Este será também

disponibilizado no Moodle, de forma a avaliar as potencialidades e/ou limitações do projeto, para que, se necessário, se altere o roteiro e se definam novos objetivos.

A realização de questionários a estudantes e professores sobre o conhecimento e utilização de ferramentas e aplicações da Web 2.0 e Web 2.0 Móvel como estratégia de leitura num mundo cada vez mais móvel e digital permitirá observar como se processa a leitura literária em ambientes digitais; inferir quais as ferramentas e aplicações utilizadas e de que forma professores e educadores as convocam, divulgam e aplicam no ensino e na aprendizagem, que autores, géneros e subgéneros leem com mais assiduidade e qual a regularidade e finalidade que delas fazem uso. Além da descrição dos processos metodológicos da investigação, trata-se também de analisar e discutir os resultados obtidos e suas implicações no projeto.

Num alcance mais vasto, na senda da *Weltliteratur* de Goethe, poder-se-á introduzir ainda a questão da adaptação cinematográfica de grandes clássicos da literatura mundial, como *Capitães de Areia*, de Jorge Amado; *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas; *Romeu e Julieta*, de W. Shakespeare; *Lolita*, de Vladimir Nabokov; *Oliver Twist*, de Charles Dickens; *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes; *Robson Crusoe*, de Daniel Defoe; *Madame Bovary*, de Auguste Flaubert, ou *Anna Karenina*, de L. Tolstoi, entre tantos outros, para que os *e-leitores* despertem o gosto pelo artístico, pela cultura e naturalmente pela literatura, partindo da fértil relação literatura/cinema, para que imagem e som os conduzam às letras e aos livros de autores internacionais, após reconhecimento e valorização do nacional, num processo contínuo de participação na seleção dos vídeos das obras adaptadas, tendo por base os seus conhecimentos literários e cinematográficos e o gosto crescente pela leitura.

Aquando da concretização do projeto efetuar-se-á ainda a sua avaliação que, como linhas gerais, terá em atenção os índices de interesse, de participação e de aquisição de competências (de leitura, escrita ou comunicacionais) e os índices entre a motivação inicial e a participação ativa e efetiva dos estudantes/*e-leitores*. Do ponto de vista logístico, dever-se-á considerar problemas técnicos de ligação à rede, de atualização dos conteúdos, de *download* de documentos ou aplicações, ou problemas relacionados com os dispositivos móveis dos intervenientes (funcionalidades e atualização), que poderão pôr em causa ou influenciar negativamente a execução do projeto, para serem corrigidos no futuro.

4.4. Limitações espectáveis de implementação

Tratando-se de um protótipo, o projeto pode, como todos os protótipos e todos os projetos, carecer de adaptações enquanto se materializa. A sua implementação poderá não ser fácil, devido essencialmente a fatores extrínsecos relacionados com a organização e gestão dos meios que a escola ou instituição de formação têm disponíveis, como o número de computadores existentes, a ligação à rede e a permissão ou não de se utilizar dispositivos móveis nas aulas; ou relacionados com os próprios dispositivos, como as limitações dos modelos de telemóveis mais antigos quanto à capacidade de armazenamento, às funcionalidades e compatibilidade do sistema operativo, problemas técnicos com o *download* de textos ou aplicações, problemas de comunicação nos fóruns, *chats* ou via *e-mail*, problemas de concentração e cansaço, entre outras, como observam Ferreira & Tomé (2010: 27):

“Algumas das dificuldades de utilização dos telemóveis em contexto educativo são técnicas, tais como: reduzido tamanho do ecrã; configuração limitada de teclado; bateria com pouca autonomia; limitada capacidade de memória; insuficiente quantidade e variedade de recursos pré configurados; e dificuldade em interagir com o equipamento em movimento.”

Do ponto de vista interno e dos objetivos propostos, podem apontar-se obstáculos ou dificuldades de natureza vária: a falta de interesse dos participantes, a insuficiente responsabilização, os baixos níveis de literacia do público envolvido, lacunas ao nível de conhecimentos técnicos ou o número de participantes envolvidos (um baixo número pode levar à desmotivação; um número elevado pode conduzir à desconcentração ou dispersão nos objetivos).

Todavia, são dificuldades que podem surgir também na realização de projetos desenhados para o ensino presencial, com recurso ao livro (material impresso), em contexto sala de aula, pois, ainda que se mudem os meios e as estratégias, não se deixa de trabalhar com pessoas (os estudantes/leitores) todas distintas e com características peculiares, difíceis sempre de guiar dada a sua complexa e inconstante natureza.

Uma outra dificuldade poderá advir de alguns colegas professores por não quererem abandonar a sua zona de conforto (oralidade, quadro/giz/marcador) e apostar na inovação e modernidade, aplicando novas estratégias e novas ferramentas de ensino. Nem sempre, como notam Cruz & Carvalho (2007: 241), “a rapidez das inovações tecnológicas ...

corresponde à capacitação dos professores para a sua utilização, o que muitas vezes resulta na utilização inadequada ou na falta de uso dos recursos tecnológicos disponíveis”.

Não obstante, é essencial que todos os intervenientes no processo de ensino e de aprendizagem ponderem e reconheçam a *mudança*, reciclando e atualizando conhecimentos, para que imprimam novos ritmos e estratégias de aprendizagem, aproximando-se dos estudantes. Os estudantes apreciarão a diferença e as suas aprendizagens sairão enriquecidas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Fernando Pessoa, *in Mensagem*

Para concretizar o que “quer” e “sonha”, o ser humano deve unir vontade, esperança, trabalho, dedicação, rigor e persistência mesmo perante os mais íngremes percursos ou desafios. No âmbito da leitura e do ensino e da aprendizagem da leitura literária em ambiente escolar algo idêntico deve ser considerado, pois só acreditando no poder da vontade, do sonho e do trabalho se conquistarão os estudantes e se fará com que também sonhem, trabalhem e invistam na aprendizagem, investindo neles mesmos e no seu futuro enquanto cidadãos autônomos e instruídos.

Não existindo receitas, prescrições ou fórmulas mágicas para que se formem leitores assíduos e apaixonados, existe e existirá sempre o direito a que todos tenham liberdade e oportunidades para aceder ao livro e à literatura. A realização de atividades específicas, em contexto escolar, interligadas à volta de um tema comum, idealizando e implementando amplos projetos de divulgação e promoção da leitura, como o projeto de *e-leitura Eu leio, @aqui e @agora*, podem servir de estímulos riquíssimos no abraço do jovem-estudante à Literatura fruto de um trabalho lógico e estruturante, pois as atividades de animação leitora só têm sentido quando integradas em projetos coerentes e globais.

Como diz a máxima “se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé”. Se os jovens ou os adultos não procuram os livros, os livros procurarão os jovens e os adultos em seus ambientes mais próximos e conhecidos – o ambiente virtual. A Web 2.0 e a Web 2.0 Móvel promovem o encontro com grupos difíceis de atingir presencialmente, oferecendo-lhes um percurso alternativo na abordagem e prática da leitura num meio que estará cada vez mais presente no futuro. Para Coutinho (2009: 75) “a integração e desenvolvimento das TIC na educação, afigura-se como condição fundamental para enfrentar os problemas colocados pela sociedade do conhecimento.”

Por exigir atividades ricas e dinamização permanente, a promoção da leitura deve ser contemplada e trabalhada não só por professores de LM mas também por toda a comunidade escolar, através da integração da leitura como um dos eixos estruturantes dos projetos de escola, fomentando uma visão integrada das diversas ações, a coerência entre estas e evitando o excessivo emparcelamento de atividades, envolvendo os

estudantes/leitores em atividades pensadas e planejadas com recurso às tecnologias. Cabe aos agentes educativos descobrir e utilizar ferramentas e aplicações digitais que os incitem a ler *anytime and anywhere*.

Com a presença da tecnologia e de dispositivos móveis em ambiente escolar aplicar-se-ão práticas pedagógicas mais interativas e atraentes e os estudantes aprenderão em ambientes flexíveis e colaborativos sem quaisquer obstáculos de tempo e espaço. O professor/*e-mediador* será decisivo no processo de modernização do ensino. Apenas conhecendo as potencialidades da Web 2.0 e da Web 2.0 Móvel e das recentes aplicações destinadas à leitura literária, poderá usufruir das suas qualidades como ferramentas educativas, acompanhando os estudantes no caminho pelo desconhecido, pelos meandros da rede, para que facilmente acessem aos textos e treinem a leitura.

Em resumo, novas necessidades são impostas à sociedade e Escola atuais resultado da valorização e banal uso das TIC. Se as tecnologias imperam e são do seu agrado, por que motivo não permitir aos estudantes a utilização dos seus dispositivos na sala de aula, na senda do *BYOD*, fornecendo aos estudantes o livro certo, no formato certo, na hora e local certos? Se se trabalha hoje com nativos digitais ou amantes da tecnologia, por que razão não explorar os seus atributos ao serviço da aprendizagem e formação dos jovens pelo recurso ao livro em formato eletrónico ou áudio? Usando os seus dispositivos podem chegar livremente ao livro em qualquer lugar e a qualquer hora, lendo sempre que desejarem e lhes for possível. Ao conhecerem e explorarem as potencialidades dos dispositivos móveis certamente se transformarão em cidadãos mais responsáveis e bem-sucedidos.

Como observa Adelina Moura (2013: 02),

“Apesar das dificuldades e obstáculos..., o desafio é que as instituições sejam capazes de estabelecer planos de ação concretos, baseados na sua realidade, e criar estratégias pedagógicas inovadoras, consentâneas com a época em que vivemos, e que promovam o sucesso educativo dos alunos. O repto é transformar eficazmente os dispositivos móveis dos alunos ou da escola em verdadeiras ferramentas de aprendizagem, para preparar os alunos com as competências necessárias para enfrentar os desafios do século XXI.”

Será que funcionarão entre a comunidade leitora estudantil? Interrogam-se investigadores, professores, pais e educadores. Questão muito atual e que conduz a outras também muito pertinentes que exigem céleres e ponderadas respostas: se os jovens tão facilmente aderiram à *internet*, às suas ferramentas e aplicações, se tão facilmente aderiram

ao MP3 e MP4 *Player* ou ao *iPod* para ouvir música, por que não aderir à leitura *online* e audição de obras literárias de autores portugueses que estudam nas aulas? Por que não explorar a vasta gama de obras literárias de outros autores em LP disponíveis nos seus dispositivos de eleição, utilizando as aplicações de *e-leitura* e audição textual? Por que não experimentar e usufruir de um novo conceito de leitura literária?

Em suma, “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”. Sociedade e estudantes usam habilmente PC’s, *smartphones*, *tablets* e *phablets* seja para comunicar, trabalhar, pesquisar ou simplesmente se entreter. Os gostos e práticas dos estudantes não podem de modo algum ser negados ou esquecidos. “Aos professores é solicitada uma redescoberta dos estilos de vida das novas gerações, profundamente marcados pela conexão contínua aos dispositivos móveis, sem restrição de espaço ou de tempo (Hwang & Chang, 2011; A. Moura, 2011)”, *apud* Faria, Faria & Ramos (2014: 305), na procura de um ensino global, equitativo, moderno e atrativo.

A realidade não pode ser negada: a Web 2.0 e Web 2.0 Móvel alteraram profundamente o formato do livro, a sua circulação e partilha entre a comunidade leitora e, por conseguinte, as suas formas de leitura. Infelizmente é ainda necessário aguardar que mais bibliotecas, livrarias e aplicações de leitura *online* ofereçam *e-books* e *audiobooks* em LP perante a necessidade de se investir na Literatura e na leitura literária em Portugal, onde os níveis de iliteracia são ainda significativos e a leitura fragmentária ganha cada vez mais adeptos. Neste sentido surge o projeto de *e-leitura* idealizado, disponível totalmente *online*, com o objetivo de aproximar os jovens-estudantes das letras, da leitura e da Literatura e de formar leitores conscientes do valor da literatura e das oportunidades que a *internet* ao serviço da aprendizagem pode gerar, transformando-os protagonistas na organização do tempo e definição de estratégias de estudo e leitura, pela utilização dos dispositivos móveis que tão bem conhecem e manuseiam.

Valerá a pena investir na modernidade e na introdução de novos métodos e estratégias de ensino e de aprendizagem, em novas modalidades de ensino suportadas pela Web social e colaborativa e nos dispositivos móveis na educação? Valerá a pena investir em novas formas de contacto com o livro e em novas formas de leitura, incentivando os jovens a ler em ambientes que apreciam? Em suma, valerá a pena sonhar antecipando o inevitável?

“Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena.”

(Pessoa, *in Mensagem*)

6. BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem (2004). “Ler e Prazer”. *Correio da Educação. O Semanário dos Professores*. Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico. Asa. Nº 195 de 4 de outubro de 2004.
- AMBRÓSIO, T. (1996). “Objetivos atuais da educação escolar: Novas orientações para a formação de professores”. In M.R. Delgado-Martins; M.I. Rocheta; D.R. Pereira (Eds.). *Formar Professores de Português Hoje*. Lisboa: Edições Colibri. Pp. 85-90.
- ANTONIO, José Carlos (2012). “A Lousa Digital Interativa chegou! E agora?”. *Professor Digital*, SBO, 01 ago. 2012. Disponível *online* em: <<http://professordigital.wordpress.com/2012/08/01/a-lousa-digital-interativa-chegou-e-agora/>> [consultado em 06-06-2014]
- (2008). “Professor 2.0. Ensinar com Internet”. *Educarede*, 2008. Disponível *online* em http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=internet_e_cia.informatica_principal&id_inf_escola=731 [consultado em 14-07-2014]
- (2011). “As TICs, a Escola e o Futuro”. *Professor Digital*, SBO, 20 jan. 2011. Disponível *online* em: <<http://professordigital.wordpress.com/2011/01/20/as-tics-a-escola-e-o-futuro/>> [consultado em 15-07-2014]
- AZEVEDO, Carlos (1999). “O Lugar da Literatura”. In *Revista da Faculdade de Letras “Línguas e Literaturas”*. Porto. XVI. Pp. 9-22.
- BARTHES, Roland (1996). *Critique et vérité*. Paris: Editions du Seuil. Pp. 45-79.
- BASTOS, G. (1992). “Para uma pedagogia da leitura: o papel da Literatura infantil e juvenil”. In *DISCURSOS. Estudos de Língua e Cultura Portuguesa – Ensino da Língua e Ensino da Literatura*, número 2/Outubro de 1992, director Carlos Reis. Universidade Aberta. Pp. 29-35.
- BERNARDES, José Augusto Cardoso (2002). História literária e ensino da literatura. In *II Jornadas Científico-pedagógicas de Português*. Coimbra: Almedina. Pp. 15-39.
- BIDARRA, J. (2007) “E-conteúdos e ambientes de aprendizagem”. In Dias, A. A. S. G., M.J. (coord.) *E-Learning para e-Formadores*. Guimarães: TecMinho/ Gabinete de Formação Contínua. Pp. 31-51.

-
- BIZARRO, Rosa (2008). “O ensino-aprendizagem de uma Língua Estrangeira: do objeto aos objetivos”, in Bizarro, R. *Ensinar e aprender línguas e culturas estrangeiras hoje: que perspectivas?*. Areal Editores. Pp.82-89.
- BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista, COUTINHO, Clara Pereira (2007). “A Problemática dos EBooks: um contributo para o estado da arte”. *Memórias da 6ª Conferencia Ibero-americana em Sistemas, Cibernética e Informática* (CISCI). Pg.106-111, Vol. 2. Orlando, EUA. Julho.
- BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista, COUTINHO, Clara Pereira e ALEXANDRE, Dulclerci Sternadt (2006). “M-Learning e Webquests: as novas tecnologias como recurso pedagógico”. *Educação & Tecnologia*. Volume 11 (2). 8 pp. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6454/1/SIIE%20Webquests%20Final.pdf> [consultado em 24-06-2014]
- BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista, LISBÔA, Eliana Santana, COUTINHO, Clara Pereira (2009). “Livros Digitais: novas oportunidades para os estudantes na era Web 2.0”. In P. Dias, A. J. Osório (Org.). *Atas da Conferência Internacional de TIC na Educação: Challenges 2009*. Braga: Universidade do Minho. Pp. 433-445. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9233> [consultado em 12-07-2014]
- CALVINO, Italo (2002). *Se numa noite de Inverno um viajante*. Tradução de José Colaço Barreiros. Coleção Mil Folhas. Jornal Público. 223 pp.
- (1994). *Porque Ler os Clássicos?* Tradução de José Colaço Barreiros. Lisboa: Editorial Teorema. Pp. 7-14.
- CARDOSO, Gustavo, ESPANHA, Rita & LAPA, Tiago (2008). *E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: CIES/ISCTE – Centro de Investigação e Estudos. Pp. 25-320. Disponível em <http://cies.iscte.pt/destaques/documents/E-Generation.pdf> [consultado em 18-05-2014]
- CARVALHO, A. A. A.(org.). (2008). *Manual de ferramentas da WEB 2.0 para professores*. Portugal: Ministério da Educação/DGIDC. Pp. 7-240. Disponível em http://www.crie.min-edu.pt/publico/web20/manual_web20-professores.pdf [consultado em 12-08-2014]
- (2007). *Rentabilizar a Internet no Ensino Básico e Secundário: Dos Recursos e Ferramentas Online aos LMS*. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 3. Pp. 25-40. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/7142> [consultado em 14-06-2014]

-
- CRUZ, S. & CARVALHO, A. (2007). “Produção de vídeo com o Movie Maker: um estudo sobre o envolvimento dos alunos do 9.º ano na aprendizagem”. In SILVA, M.; SILVA, A.; COUTO, A. & PEÑALVO, F. (eds). IX Simpósio Internacional de Informática Educativa. Porto: Escola Superior de Educação do IPP. Pp.241-246.
- CARVALHO, A. A. A, CRUZ, Sónia, MARQUES, Célio Gonçalo, MOURA, Adelina, SANTOS, Idalina (orgs.) (2014). *Atas do 2.º Encontro sobre Jogos e Mobile Learning*. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd). 558 pp.
- CARVALHO, Carla Joana (2008). “Do Windows Movie Maker ao YouTube”. In A. A. A. CARVALHO (org.). *Manual de ferramentas da WEB 2.0 para professores*. Portugal: Ministério da Educação/DGIDC. Pp. 167-210. Disponível em http://www.crie.min-edu.pt/publico/web20/manual_web20-professores.pdf [consultado em 15-06-2014]
- CASA DA LEITURA (2007). Glossário. Disponível em http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/portalf.pl?pag=sup_glossario&letra=A. [consultado em 05-07-2015]
- CASTELLS, M. (2004). *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Pp. 7-230.
- (1999). *A sociedade em rede*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. V.1. Pp. 39-62.
- CHARTIER, Roger (1999). “As revoluções da leitura no ocidente”. In ABREU, Márcia. (Org.). *Leitura, História e história da leitura*. Campinas: SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil. Fapesp. Pp. 19-33.
- (1994). “Do códex à tela: as trajetórias do escrito”. In Scielo Brasil. Pp. 95-111. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012 [consultado em 12-04-2014]
- (Online). “Muerte o transfiguración del lector?”. Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/bib/historia/CarlosV/recurso1.shtml> [consultado em 20-06-2014]
- CEIA, Carlos (2009). “O Poder da Leitura Literária (contra as formas de impoder)”. Casa da Leitura. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 8 pp. Publicado em http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_leitliter_a.pdf [consultado em 16-05-2014]
- COMPAGNON, Antoine (2010). *Para que serve a literatura?* Trad. de José Domingues de Almeida. Porto: Deriva Editores. Pp. 18-54.

-
- COELHO, A. do Prado (1919). “O ensino secundário e superior da História Literária”. *In Ensaios Críticos*. Lisboa: Aillaud e Bertrand. Pp. 281-303.
- COELHO, Paula Mendes (2011). “Ensinar Poesia no Século XXI: a (im)possível resposta a um desejo infinito. Do comparativismo à “hospitalidade de Maria Gabriela Llansol”. *In Pensar a Literatura no Séc. XXI*. CARVALHO DA SILVA, João Amadeu, OLIVEIRA MARTINS, José Cândido de e GONÇALVES, Miguel (Org.). Publicações da Faculdade de Filosofia. Universidade Católica Portuguesa. Braga. Pp. 287-298.
- COUTINHO, Clara Pereira (2008). “Tecnologias web 2.0 na escola portuguesa: estudos e investigações”. *Revista Paidéi@*, UNIMES VIRTUAL. Volume 1, número 2. Dez. 2008. 24 pp. Disponível em: <http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>. [consultado em 18-06-2014]
- (2009). “Tecnologias Web 2.0 na sala de aula: três propostas de futuros professores de Português”. *Educação, Formação & Tecnologias [online]*. Vol.2 (1), pp. 75-86. Disponível em <http://eft.educom.pt> [consultado em 22-02-2014]
- COUTINHO, Clara Pereira & ALVES, Manuela (2010). “Educação e sociedade da aprendizagem: um olhar sobre o potencial educativo da internet”. *In Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria*. Vol. 3, Nº 4. Pp. 206-225.
- COUTINHO, Clara P. *et al.* (2007). Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia Educação e Cultura*. Vol XIII, nº2. Pp. 355-379. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/10148> [consultado em 20-07-2015]
- CRIE (2007). Quadro de Referência da Formação Contínua de Professores na Área das TIC - 2007. Disponível em <http://www.crie.min-edu.pt/index.php?section=106> [consultado em 25-07-2014]
- CRUZ, Sónia (2008). “Blogue, YouTube, Flickr e Delicious: Software social”. *In CARVALHO, A. A. A.(org.). Manual de ferramentas da WEB 2.0 para professores*. Portugal: Ministério da Educação/DGIDC. Pp. 15-40. Disponível em http://www.crie.min-edu.pt/publico/web20/manual_web20-professores.pdf [consultado em 13-06-2014]
- D'EÇA, T. (1998). *NetAprendizagem – a Internet na Educação*. Porto: Porto Editora. 145 pp.
- DIAS, H.M. (2008). “O ensino de línguas baseado em tarefas (ELBT)”. *In Português Europeu Língua não Materna a Distância: (Per)Cursos de Iniciação Baseados em*

Tarefas. Dissertação de Doutoramento em Estudos Portugueses – Comunicação e Tecnologias. Lisboa: Universidade Aberta. Pp. 117-135.

--- (2008). “Os estudos em aquisição de L2”. In *Português Europeu Língua não Materna a Distância: (Per)Cursos de Iniciação Baseados em Tarefas*. Dissertação de Doutoramento em Estudos Portugueses – Comunicação e Tecnologias. Lisboa: Universidade Aberta. Pp. 66-83.

DIAS, HB & BIDARRA, J. (2010). *Inovar a Aprendizagem online do Português L2: Novos Media Digitais e o Desenvolvimento de Tarefas*. Braga: TicLínguas. 12 pp. Disponível em https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2716/1/Inovar-texto_final.pdf [consultado em 15-03-2014]

DIAS, Paulo (2004). “Contextos de aprendizagem e mediação colaborativa”. In SILVA DIAS, Ana Augusta da & GOMES, Maria João (Coords.). *E-Learning para E-Formadores*. Guimarães: TecMinho/Gabinete de Formação Contínua, Universidade do Minho. Pp. 20-30.

--- (2008). “Da e-moderação à mediação colaborativa nas comunidades de aprendizagem”. In *Educação, Formação & Tecnologias* [online]. Vol.1 (1). Pp. 4-10. Disponível em <http://eft.educom.pt> [consultado em 27-07-2014]

DICIONÁRIO PRIBERAM. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/projeto>

DOUGIAMAS, Martin & TAYLOR, Peter C. (2009). “Moodle: usando comunidades de aprendizes para criar um sistema de fonte aberta de gerenciamento de curso”. In ALVES, Lynn, BARROS, Daniela, OKADA, Alexandra (Org). *MOODLE Estratégias Pedagógicas e Estudos de Caso*. EDUNEB – Editora da Universidade do Estado da Bahia. Salvador – BA. 384 pp.

DUARTE, Isabel Margarida (2006). “Os media e o ensino da língua materna: algumas convicções fortes”. In GARCÍA, Xosé López & ANEIROS, Rosa (Coord.). *Comunicación e cultura en Galicia e Portugal. III Congreso Luso-Galego do Estudos Xornalísticos*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, Sección de Comunicación. Colección Base. Pp. 115-134.

EDUCAÇÃO – um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI (1996). Coord. Jacques Delors. Porto: Edições ASA. Pp. 89-99.

-
- FARIA, Paulo M., FARIA, Adília, RAMOS, Altina (2014). “M-learning: das novas leituras aos novos leitores”. In CARVALHO, A. A. A, CRUZ, Sónia, MARQUES, Célio Gonçalo, MOURA, Adelina, SANTOS, Idalina (orgs.) (2014). *Atas do 2.º Encontro sobre Jogos e Mobile Learning*. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED). Pp. 295-308.
- FERREIRA, E. (2009). *Jovens, Telemóveis e Escola*. Dissertação de Mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 88 pp.
- FERREIRA, E., & Tomé, I. (2010). Jovens, Telemóveis e Escola. *Educação, Formação & Tecnologias*, (nº extra). Pp. 24-34. Disponível em <http://eft.educom.pt/> [consultado em 15-06-2014]
- FERREIRA, Pedro & PINTO, Ricardo (2008). “PopFly. Como editor de mashups.” In CARVALHO, A. A. A.(org.) (2008). *Manual de ferramentas da WEB 2.0 para professores*. Portugal: Ministério da Educação/DGIDC. Pp. 15-40. Disponível em http://www.crie.min-edu.pt/publico/web20/manual_web20-professores.pdf [consultado em 14-06-2014]
- FONSECA, Fernanda Irene (2000). “Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura”. In Carlos Reis et al (orgs.). *Didática da língua e da literatura*. Vol. I. Coimbra: Almedina/ILLP Faculdade de Letras. Pp. 37-45.
- FRANCO, Claudio de Paiva (2010). “A tecnologia no ensino de línguas: do século XVI ao XXI”. In *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. 2006. N.12 - 1º Semestre de 2010. 14 pp. Disponível em http://www.letramagna.com/artigo18_XII.pdf [consultado em 14-07-2014]
- GATES, Bill. “Depois de Gutenberg”. Exame, São Paulo, n. 26. Pp. 46-47. Disponibilizado em dez. 1999.
- GEPE/ME. (2008). *Competências TIC. Estudo de Implementação* (1). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. 203 pp.
- GEPE/ME (2009). *Portal das Escolas. Estudo de implementação*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE). Ministério da Educação. 136 pp.
- GEPE (2010). *Relatório de Avaliação do 4º ano do Plano Nacional de Leitura*. COSTA, António Firmino (coord.), PEGADO, Elsa, ÁVILA, Patrícia, COELHO, Ana Rita. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, Ministério da Educação. 288 pp.

-
- HERRINGTON, A., (2009). Using a smartphone to create digital teaching episodes as resources in adult education. In J. Herrington, A. Herrington, J. Mantei, I. Olney, & B. Ferry (Eds.), *New technologies, new pedagogies: Mobile learning in higher education*. Wollongong: University of Wollongong, 28-35. Disponível em <http://ro.uow.edu.au/> [consultado em 22-02-2014]
- JABLONKA, Ivan (2008). “Le livre: son passé, son avenir. Entretien avec Roger Chartier”. “La Vie des Idées, 29 septembre 2008. Tradução: Luciana S. Salgado (FAPESP/USP). Disponível *online* em http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/entrevista_chartier.php [consultado em 06-07-2014]
- LAGES, M. *et al.* (2007). *Os estudantes e a leitura*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE). 474 pp.
- LÉVY, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34. Pp. 45-198.
- MANGUEL, Alberto (1998). *Uma história da leitura*. Lisboa: Presença. 184 pp.
- (2010). [Online] “Estamos a destruir o valor do ato intelectual”. Entrevista realizada por Ana Gerschenfeld, disponível em <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/alberto-manguel-estamos-a-destruir-o-valor-do-acto-intelectual-1445234> [consultado em 28-07-2014]
- MARSON, Isabel Cristina & SANTOS, Ademir Yaldir (2008). “Podcast, Audacity, Youtube, Skypecast, Chat e Webquest: Possibilidades didático-pedagógicas na Internet para o docente de língua Inglesa”. In *Educação, Formação & Tecnologias*. Vol.1 (2). Pp. 40-49. Novembro de 2008. Disponível em <http://eft.educom.pt> [consultado em 25-09-2014]
- MARTINS, Fernando Cabral (2012). “Os Poetas vão ao Cinema”. 8 pp. Disponível em http://www.lyracompoetics.org/userfiles/file/Fernando_Cabral_Martins_CINEPOESIA.pdf [consultado em 29-06-2015]
- MELLO, Cristina (1992). “Gêneros literários e leitura no Ensino Secundário”. In *Discursos. Estudos de Língua e Cultura Portuguesa – Ensino da Língua e Ensino da Literatura*. Número 2/Outubro de 1992. Diretor Carlos Reis. Coimbra: Universidade Aberta. Pp. 63-78.

-
- (1992a). “Problemática da Leitura Literária no Ensino Secundário”. In *Anais da UTAD: Fórum de Literatura e Cultura Literária*. Volume 4. N. 1. Dezembro de 1992. Vila Real: UTAD. Pp. 167-173.
- MENEZES, N. C., & FRANKLIN, S. (2008). “Audiolivro: Uma importante contribuição tecnológica para os deficientes visuais”. *Ponto de Acesso*, 2 (3). Pp. 58-72.
- MIRANDA, Fabiana Mões (2009). *Fandom: um novo sistema literário digital*. 21 pp. Disponível em *Hipertextus* (www.hipertextus.net), n.3, Jun.2009 [consultado em 12-09-2014]
- MONTEIRO, Ana Francisca, OSÓRIO, António José (2011). “Geração Digital: ouvindo as crianças falar de oportunidades e riscos online”. In P. Dias, A. J. Osório (Org.), *VII Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação (Challenges 2011)*. Braga: Universidade do Minho. Pp. 1369-1377.
- MOODLE.ORG. Sítio Web de apoio à plataforma Moodle. Disponível em [http://docs.moodle.org/en/About Moodle](http://docs.moodle.org/en/About_Moodle) [consultado em 26-07-2014]
- MORGADO, Lina (2001). [Online] “O papel do professor em contextos de ensino *online*: problemas e virtualidades”. In *Revista Discursos*, III Série, nº especial. Pp.125-138. Lisboa: Univ. Aberta. Disponível em <http://www.univ-ab.pt/~lmorgado/Documentos/tutoria.pdf> [consultado em 05-07-2014]
- (2003). “Os novos desafios do tutor a distância: o regresso ao paradigma da sala de aula”. In *Revista Discursos*. Universidade Aberta, Nº1. Pp. 77-90.
- MOURA, Adelina. (2005a). “Como rentabilizar a Web nas aulas de Português: uma experiência”. In *VII Simpósio Internacional de Informática Educativa – SIEE05*. Leiria, Portugal. Pp. 16-18.
- (2005b). “Português on-line: um contributo para a inovação”. *Atas do 4º Congresso Galaico-Português* (pp. 3142-3158). Universidade do Minho: Braga. Disponível em <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/VIIIcongreso/pdfs/373.pdf> [consultado em 26-06-2014]
- (2008). “A Web 2.0 e as Tecnologias Móveis”. In CARVALHO, A. A. A.(org.). (2008). *Manual de ferramentas da WEB 2.0 para professores*. Portugal: Ministério da Educação/DGIDC. Pp. 121-146. Disponível em http://www.crie.min-edu.pt/publico/web20/manual_web20-professores.pdf [consultado em 14-06-2014]

-
- (2009). “Geração Móvel: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a «Geração Polegar»”. In P. Dias, A. J. Osório (Org.), *Atas da VI Conferência Internacional de TIC na Educação Challenges 2009 / Desafios 2009*. Braga: Universidade do Minho. Pp. 50-70.
- (org.) (2011). *Projetos de aprendizagem com a Web 2.0*. Instituto Camões: Centro Virtual Camões Instituto Camões. 166 pp.
- (2013). *Tablets e Smarthphones em contexto de aula*. In Boletim Educativo do Centro de Investigação, Tecnologias e Inovação para a Aprendizagem, Cybercentro Castelo Branco. N° 2 julho de 2013. 2 pp. Disponível em <http://adelinamouravitae.com.sapo.pt/index1.htm> [consultado em 25-10-2015]
- MOURA, A. & CARVALHO, A. A. (2007). “Das tecnologias com fios ao *Wireless*: implicações no trabalho escolar individual e colaborativo em pares”. In Dias, Paulo *et al.* (eds), *V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação (Challenges 2007)*. Braga: Universidade do Minho. Pp. 104-117. Disponível em <http://repositorio.uportu.pt/dspace/handle/123456789/494> ? [consultado em 12-06-2014]
- (2008a). *Génération Mobile: Environnement d’Apprentissage supporté par des Technologies Mobiles (EASTM)*. iLearning Forum 2008, EIFEL. Paris. Pp. 107-110.
- (2008b). *Mobile learning with cell phones and mobile flickr: one experience in a secondary school*. In I. Arnedillo-Sánchez & P. Isaías (eds.), *Proceedings of IADIS Conference Mobile Learning 2008*. Algarve, Portugal. Pp. 216-220
- (2009). *Peddy-paper literário mediado por telemóvel*. *Educação, Formação & Tecnologias*: 2 (2). Pp. 22-40.
- (2010). “Enquadramento teórico para a integração das tecnologias móveis em contexto educativo.” In COSTA, Fernando Albuquerque [*et al.*], org. – “TIC Educa 2010: atas do ENCONTRO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 1, Lisboa, Portugal, 2010”. [Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2010]. Pp. 1001-1006.
- (2011). “Aprendizagem mediada por tecnologias móveis: novos desafios para as práticas pedagógicas”. In DIAS, P., OSÓRIO, A. J. (Org.). *VII Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação (Challenges 2011)*. Braga: Universidade do Minho. Pp. 233-246.

-
- NEVES, José Soares; LIMA, Maria João; BORGES, Vera (2007). *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE. Novembro de 2007*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE). 120 pp.
- NIX, J. (2005). *The Development of Mobile Learning for Smartphones. Paper presented at IADIS Mobile Learning 2005*. 11 pp. Disponível em http://learning.ericsson.net/mlearning2/resources/iadis_paper.doc
- NOGUEIRA, Júlio Taborda (1992). “O ensino da Língua Materna: dimensões pragmática, formativa e cultural”. In *Discursos. Estudos de Língua e Cultura Portuguesa – Ensino da Língua e Ensino da Literatura*. Número 2/Outubro de 1992. Diretor Carlos Reis. Coimbra: Universidade Aberta. Pp. 13-27.
- O'REILLY, T. (2005). *What is Web 2.0? Design patterns and Business models for the next generation of Software*. 30 pp. [Online] Disponível em <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html> [consultado em 18-06-2014]
- (2006). *Web 2.0 Compact Definition: Trying Again*. [Online] Disponível em <http://radar.oreilly.com/2006/12/Web-20-compact-definition-tryi.html> [consultado em 21-10-2015]
- PEDRO, Alexandra Raquel (2010). “Os museus portugueses e a Web 2.0”. *Ciência da Informação [online]*. Vol. 39. N.2. Pp. 92-100. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652010000200008> [consultado em 21-10-2015]
- PENNAC, Daniel (2001). *Como um Romance*. Col. Pequenos Prazeres. Trad. do francês por Francisco Paiva Boléo. Porto: Asa Editores, S.A. 13ª edição. 166 pp.
- PESSOA, Fernando (1935). Poema “Liberdade”. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/4307> [consultado em 30-09-2015]
- PLANO NACIONAL DE LEITURA. Disponível *online* em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index1.php> [consultado em 22-11-2015]
- PRENSKY, M. (2001). *Digital Natives, Digital Immigrants*. NCB University Press, (9) 5. 6 pp.
- PROLE, António (s.d.). *Como fazer um Projeto de promoção da leitura*. 10 pp. Disponível em http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf [consultado em 03-07-2015]

-
- REIS, Carlos (1990). “Didáctica da Literatura”. In *Didáctica do Português*. Lisboa: U. Aberta. Pp. 138-142.
- RODRIGUES, L. G. (2007). *Geração M: Tudo ao mesmo tempo agora*. Disponível em <http://www.midiadigital.com.br/blog/category/midia-participativa/> [consultado em 16-08-2014]
- SÀEZ, C. (2000). "El libro eletrônico". *Scrineum 2*. (Online) Disponível em <http://scrineum.unipv.it/saez.html> [consultado em 08-06-2014]
- SANTOS, Andreia da Silva (2011). “O vídeo e suas possibilidades artísticas e comunicativas”. Disponível em *Hipertextus Revista Digital* (www.hipertextus.net), n.6, Ago. 2011. 8 pp. [consultado em 24-05-2014]
- SCHIFFERLI, Eduardo Antonio Calliñir (s/d). “Livro e leitura na era digital”. 15 pp. (Online) Disponível em http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Livro_e_leitura_na_era_digital [consultado em 18-06-2014]
- SCHULZ, Carolina V. A. Hidalgo *et al.* (2012). “O ensino e a aprendizagem de língua espanhola por meio de redes sociais – o relato de uma experiência”. 32 pp. Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/espanhol_artigos/art_sc_hulz.pdf [consultado em 12-06-2014]
- SILVA DIAS, Ana Augusta da & GOMES, Maria João (Coords.) (2007). *E-Learning para E-Formadores*. Guimarães: TecMinho/Gabinete de Formação Contínua, Universidade do Minho. 126 pp.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e (2010). “Teses sobre o ensino do texto literário na aula de português”. In *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, pp. 207-216.
- SIM-SIM, I. (2002). “Formar leitores: A inversão do círculo”. In F. Viana, M. Martins, & E. Coquet (Org.), *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Investigação e Prática Docente*, 3. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho. 8 pp. Disponível em http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/abz_indices/000736_FLE.pdf [consultado em 21-06-2014]
- STRECKER, Marcos (2007). Entrevista a Pierre Lévy in “A Folha de São Paulo”, 14 de Agosto de 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1408200711.htm> [consultado em 14-07-2014]

-
- TAVARES, C. F. (2010). “Viajar para aprender: implicações e potencialidades das TIC no desenvolvimento da literacia”. *Atas do I EIELP*. Exedra. Pp. 69-84.
- TORRES, Mário Jorge (2008). “Algumas considerações sobre a relação entre cinema e literatura. Não vi o livro, mas li o filme”. Disponível em <http://www.comparatistas.edu.pt/excertos/excertos/nao-vi-o-livro-mas-li-o-filme.html> [consultado em 29-06-2015]
- UNESCO (2014). *Reading in the mobile era: a study of mobile reading in developing countries*. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Paris, France. 87 pp. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002274/227436e.pdf> [consultado em 23-07-2014]
- (2013). *The future of mobile learning, implications for policy makers and planners*. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Paris, France. 44 pp. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002196/219637e.pdf> [consultado em 24-07-2014]
- VALENTE, Luís, MOREIRA, Paulo & DIAS, Paulo (2009). “Moodle: moda, mania ou inovação na formação?”. In *MOODLE Estratégias Pedagógicas e Estudos de Caso*. ALVES, Lynn, BARROS, Daniela, OKADA, Alexandra (Org). EDUNEB – Editora da Universidade do Estado da Bahia. Salvador – BA. 10 pp.
- VELOSO, Rui (2005). “A Leitura Literária”. In www.casadaleitura.org Originalmente publicado em AA.VV., *Educação e leitura – Atas do Seminário*, Esposende, C. M. Esposende/Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura, 2006, pp. 23-29.
- VIEIRA, Liliana de Sousa & COUTINHO, Clara Pereira (2013). “Mobile learning: perspetivando o potencial dos códigos QR na educação.” In GOMES, Maria João, OSÓRIO, António José, RAMOS, Altina, SILVA, Bento Duarte da, VALENTE, Luís (Org.). *Challenges 2013: Atas da VIII Conferência de TIC na Educação*. Braga: Centro de Competência TIC do Instituto de Educação da Universidade do Minho. Pp. 73-91. Disponível em http://193.137.91.134/challenges/wp-content/uploads/2013/07/atas_challenges2013.pdf [consultado em 24-06-2014]
- VILELA, Graciete (1995). “A leitura da obra integral no Ensino Básico”. In *Rumos. Jornal de Informação Pedagógica*. Práticas Pedagógicas. Nº 4 maio-junho. Porto: Porto Editora. Pp. 15.

YOUTUBE. (s.d). Sobre o YouTube. Disponível em <http://www.youtube.com/t/about> [online]. [consultado em 13-06-2014]

Páginas Web

<http://www.tvi24.iol.pt/>

<http://exameinformatica.sapo.pt/>

<http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/smartphones-em-portugal-ultrapassaram-telemoveis-tradicionais-1624400#/1>

http://www.gutenberg.org/wiki/PT_Principal

<http://books.google.com/>

<http://manybooks.net/>

http://wiki.mobileread.com/wiki/Free_eBooks

<http://portugues.free-ebooks.net/>.

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/obras.htm>

<http://www.iie.min-edu.pt/iie/conto.htm>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/cinema-portugues.html>

Livrarias e Bibliotecas *Online*

Amazon – <http://www.amazon.com>

Porto Editora – <http://www.portoeditora.pt/>

Biblioteca Nacional Digital - <http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>

Biblioteca Digital Camões - <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes.html>

Biblioteca dos Livros Digitais, da autoria do Plano Nacional de Leitura - <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/bibliotecadigital/>

Cata Livros (<http://www.catalivros.org/>) - uma iniciativa da Gulbenkian/Casa da Leitura

CITI (<http://www.citi.pt/>) – Centro de Investigação para Tecnologias Interativas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa

Barnes&Noble.com - <http://www.barnesandnoble.com/u/books-bestselling-books/379003057/>

00h00.com - www.00h00.com/po/

Biblioteca Boal - <http://www.boal.ubi.pt/>

Aplicações de leitura *online* (*e-books* readers) em exploração

Aldiko Book Reader

Amazon Kindle

Audiobooks from Audible

Ebook Reader

Free Books

Moon+ Reader

Google Play Livros

Kobo eBooks

Wattpad

LivriVox Audio Books Free



7. ANEXOS

Anexo I

Questionário: A leitura@ hoje – que rumos?

Este inquérito pretende aferir os conhecimentos e práticas de leitura dos estudantes/leitores envolvidos no projeto, assim como alertar e apelar às suas consciências para a necessidade e importância desta atividade no acesso ao conhecimento e à cultura do seu povo/país e do mundo.

*Obrigatório

Num primeiro momento, proceda à sua identificação: Sexo; Idade; Habilitações Literárias; Situação Profissional (se aplicável); Profissão (se aplicável) *



1. Costuma ler? *

- Sim
- Não

2. Quais os suportes privilegiados? *

- Jornais generalistas
- Jornais temáticos
- Revistas
- Livros
- Computador/Internet
- E-books

3. Quais os géneros privilegiados? *

- Contos, novelas, romances
- Notícias, reportagens, crónicas jornalísticas
- Banda Desenhada
- Blogues
- Fóruns
- E-mail
- Chats
- Outros

4. É frequentador de bibliotecas ou livrarias? *

- Sim
- Não
- Às vezes
- Raramente

5. Quantos livros lê por mês? *

- De 0 a 2 livros
- De 2 a 5 livros
- Mais de 5

6. Quantos livros lê por ano? *

- De 0 a 2 livros
- De 2 a 5 livros
- De 5 a 10 livros
- Mais de 10

7. Costuma ler obras de autores portugueses? *

- Sim
- Não

7.1 Quais os autores portugueses preferidos? *

8. Costuma ler autores estrangeiros? Dê exemplos. *

9. Em casa/na família têm hábitos de leitura? *

- Sim
- Não

10. Da família, quem lê mais? *

- Pai
- Mãe
- Irmão(s)
- Avó
- Avô
- Tio(s)/Tia(s)
- Outros

11. Costuma usar as tecnologias de informação como suporte de leitura? *

- Sim
- Não

12. A sua família também recorre à internet como suporte de leitura? *

- Sim
- Não

13. Conhece o e-book? *

- Sim
- Não

13.1. Quais?

14. Se respondeu Sim na questão 13, aponte algumas vantagens que lhe reconhece?

15. Conhece bibliotecas digitais disponíveis online? *

- Sim
- Não

15.1. Quais?

16. Dê a sua opinião sobre a atual modalidade de leitura online. *

17.1 Quais as vantagens que lhe reconhece? *

17.2 Quais as desvantagens mais notórias? *

18. Gostaria de participar num projeto de leitura online? *

- Sim
- Não

19. Se sim, diga quais as razões que o motivam.

20. Que autores e géneros gostaria de ver sugeridos? *

21. Na sua opinião, os professores deveriam recorrer mais às tecnologias como motivação para a aprendizagem? *

- Sim
- Não

22. Das ferramentas que conhece quais as que considera mais úteis na sala de aula como estratégias para o sucesso da aprendizagem? *

- Blogues
- Páginas/sites na internet
- Plataforma Moodle
- Chats de discussão
- E-mail
- Youtube
- Facebook
- Skype
- Aplicações de leitura
- Story bird
- Read it later
- Wikis

Enviar

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.
